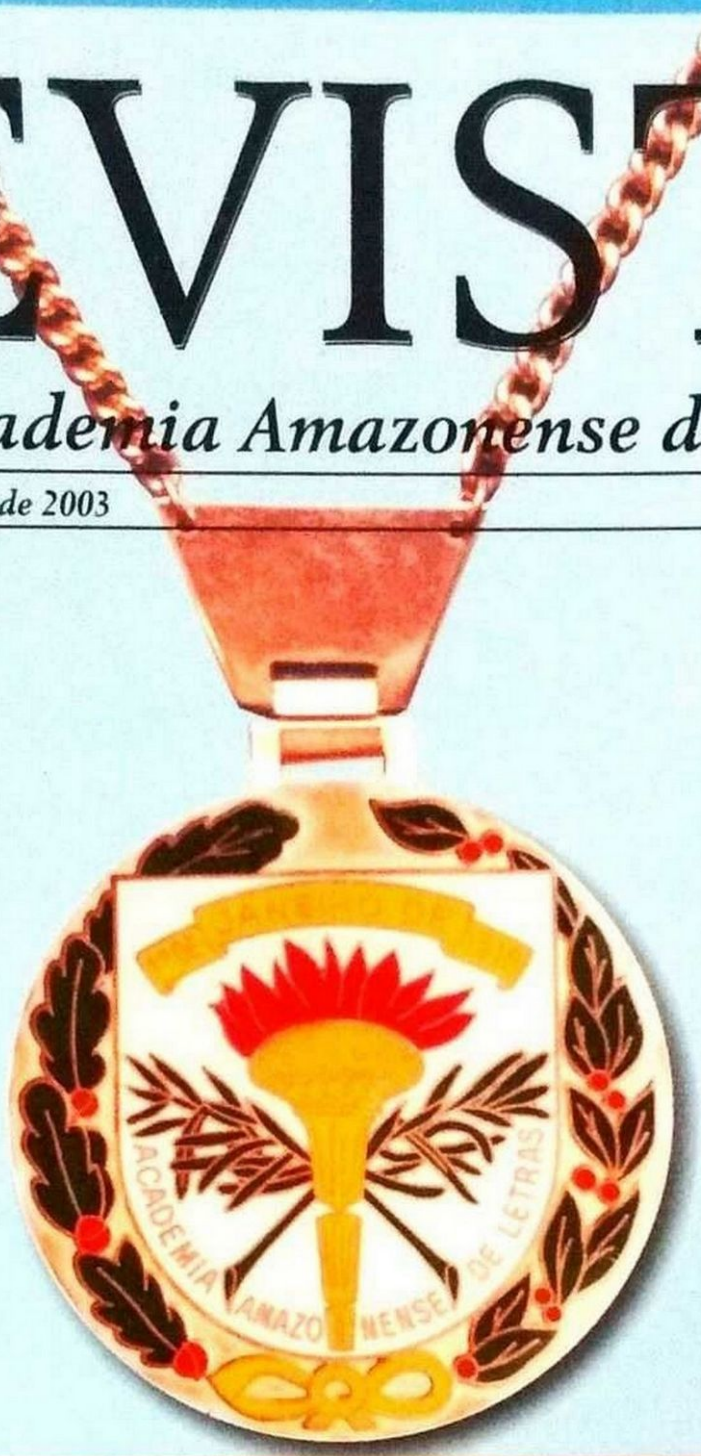
REVISTA

da Academia Amazonense de Letras

Ano LXXXV - Novembro de 2003 Nº 25
Manaus Amazonas

85 anos



Neste número

Alencar e Silva
Almir Diniz
André Araújo
Antonio José Souto Loureiro
Aristophano Antony
Arlindo Porto
Armando Andrade de Menezes
Áureo Nonato dos Santos
Carmen Novoa Silva
Elson Farias
Francisco Gomes da Silva
Jauary Marinho
João Leda
Jorge Tufic
Mário Ypiranga Monteiro
Max Carphentier
Moacir Andrade
Newton Sabbá Guimarães
Oyama Ituassú
Padre Nonato Pinheiro
Pericles Moraes
Robério Braga

Colaboradores

Almino Affonso
Antonio Olinto
Assis Brasil

QUADRO DE MEMBROS EFETIVOS DA AAL

CADEIRAS	PATRONO	TITULAR
1	Pericles Moraes	José Bernardo Cabral
2	Euclides da Cunha	Moacir Andrade
3	Gonçalves Dias	Anísio Thaumaturgo Soriano de Mel
4	Sílvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
7	Maranhão Sobrinho	vaga
8	Torquato Tapajós	José Jefferson Carpinteiro Péres
9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
11	José Veríssimo	vaga
12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
13	Estelita Tapajós	Jauary Guimarães de Souza Marinh
14	Barão de Sant´Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
15	Graça Aranha	João Mendonça de Souza
16	João Leda	Tenório Nunes Telles de Menezes
17	Francisco de Castro	Áureo Nonato dos Santos
18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
21	Tenreiro Aranha	vaga
22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
23	Cruz e Sousa	Joaquim de Alencar e Silva
24	Joaquim Nabuco	Áderson Pereira Dutra
25	Araújo Lima	vaga
26	Rui Barbosa	Oyama César Ituassu da Silva
27	Tavares Bastos	vaga
28	Aníbal Teófilo	vaga
29	Castro Alves	Amadeu Thiago de Mello
30	Araripe Júnior	Armando Andrade de Menezes
31	Raimundo Monteiro	Max Carphentier Luiz da Costa
32	Bernardo Ramos	Ruy Alberto Costa Lins
33	Antônio Brandão de Amorim	Carmen Novoa Silva
34	Ermanno Stradelli	Antonio José Souto Loureiro
35	Dom Frederico Costa	Arlindo Augusto dos Santos Porto
36	Inglês de Souza	Dom Luiz Soares Vieira
37	Benjamim Lima	Luiz M. de Miranda Corrêa Neto
38	Barbosa Rodrigues	William Antônio Rodrigues
39	Alfredo da Matta	Mário Augusto Pinto de Moraes
40	Paulino de Brito	Waldemar Baptista de Salles

REVISTA

DA

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Ano LXXXV - N.º 25
2003

Diretoria da Academia Amazonense de Letras - 2002-2003

Max Carphentier Luiz da Costa
Presidente

Jauary Guimarães de Souza Marinho
Vice-Presidente

José dos Santos Pereira Braga
Secretário-Geral

Elson José Bentes Farias*
Secretário-Adjunto

Armando Andrade de Menezes
Tesoureiro

Arlindo Augusto dos Santos Porto
Tesoureiro-Adjunto

Áderson Pereira Dutra
Diretor do Patrimônio

*Substituiu Gebes de Mello Medeiros, que faleceu em 01.02.2003.

REVISTA
DA
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Fundada em 1.º de janeiro de 1918
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Ano LXXXV - N.º 25
2003

Sede Própria: Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefax: (92) 234-0584
CEP: 69.010-120
E-mail: acadam@ig.com.br

Manaus - Amazonas
2003

Copyright © 2003 Academia Amazonense de Letras

Coordenação Editorial
Almir Diniz de Carvalho

Capa e ilustrações
Marcos de Paula

Assistente Administrativo da AAL
Antonio Norberto Urtiga

Acompanhamento Editorial
Editora da Universidade Federal do Amazonas - EDUA

Revista da Academia Amazonense de Letras. Ano 85, n. 25, 2003.
-- Manaus: A Academia, 2003.
v.: il.; 25 cm

Anual

1. Literatura - Periódicos I. Academia Amazonense de Letras.

CDD 805 CDU 82(05)

Academia Amazonense de Letras
Fundada em 1° de janeiro de 1918
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil
Sede: Rua Ramos Ferreira, n. 1009
Telefax: (92) 234 0584
Cep: 69010-120
E-mail: acadam@ig.com.br
Manaus - Amazonas - Brasil

Ao Leitor

Tarjas de ouro e púrpura, alusivas aos oitenta e cinco anos da Academia, assinalam este nº 25 da *Revista.* Só pode ter cintilações douradas a arca da palavra acadêmica, assim como é solene a cor do culto às letras que exprimem, com brilho e exatidão, as artes e as ciências. Quando da comemoração de nosso cinqüentenário, Genesino Braga registrava: "O que tem de significação, esse alto acontecimento, para a vida pensamental do Amazonas, está refletido em nossos acervos da melhor produção literária." Trinta e cinco anos depois, atendidas as exigências da evolução cultural, a mesma constatação pode ser feita diante das produções reunidas em todos os números da *Revista.*

No início do ano, o amável Gebes Medeiros, nosso Secretário-Adjunto, deixou-nos nas vésperas do lançamento da 2ª edição de seu romance *Linha do Equador.* Logo depois, o mestre Paulo Jacob partiu também, enquanto contemplava a edição nova do seu amazônico *Dos Ditos Passados nos Acercados do Cassianã.* Parece-nos agora, como se presenciássemos um sortilégio só permitido a grandes ficcionistas como eles, que os dois celeremente partiram de mãos dadas, ambos saltando das páginas ressurgidas de seus livros para comporem o divino romance da ressurreição em Deus. Foram momentos tintos de despedida como os das asas incendiadas pelos crepúsculo. Nestas páginas da *Revista,* o saudoso Padre Nonato Pinheiro e o incansável Robério Braga nos recordam o talento de Gebes. O julgamento autorizado de Assis Brasil e o meu aplauso adornam o mérito de Paulo Jacob.

Chega maio, porém, com um centenário. Centenário do Nascimento de Aristophano Antony. A festa desse evento, pelos seus significados de justiça, gratidão e respeitosa alegria, pôs em fuga o tropel das sombras quando trouxemos das luzes da eternidade o perfil majestoso do inesquecível Acadêmico. Uma *Seleta,* com excertos de suas obras e depoimentos de seus contemporâneos e admiradores, foi distribuída ao público numeroso e representativo que compareceu à AAL na noite de 24 de maio. Assim, presente a celebração da memória dos grandes em nossa atuação, proclamamos a beleza e a vitalidade da cultura amazônica, oferecendo ao mundo as perenidades da vida acadêmica. Recordando aquela homenagem, reproduzimos aqui o *Discurso do Centenário, de* Almir Diniz. Republicamos também as falas consagradoras de João Leda e Pericles Moraes e a verdadeira oração com que André Araújo saudou o surgimento de *Sombras e Reflexos,* altíssimo legado de Aristophano.

Esses destaques, mostra da variedade de matérias que inclui a colaboração excelente de Almino Affonso, Antonio Olinto e Assis Brasil, asseguram também a este número da *Revista* o lugar de valioso contributo ao conhecimento edificante das letras amazonenses.

Max Carphentier
Presidente

Sumário

História

Fransisco Gomes da Silva - *O Tenentismo no Amazonas* 1
Moacir Andrade - *Capelas e Oratórios* 7

Palestra

Antonio José Souto Loureiro - *A Vida e a Obra do Acadêmico Samuel Benchimol* 14

Ensaio

Oyama Ituassú - *A Cultura a Serviço da Comunidade* 20
Newton Sabbá Guimarães - *Poeta amazônicos: A Poesia nativista de Almir Diniz* 26
Max Carphentier - *Barcos de Anivesário* 33

Memória

Élson Farias - *Lembrança de Aristophano Antony* 38
Moacir Andrade - *Honra ao Mérito de Hemetério Cabrinha* 40
Arlindo Porto - *Olhada em meus 74 Anos de Vida* 44
Armando Andrade de Menezes - *Homenagem a Aderson* 47

Livros

Alencar e Silva - *A Saga de um Novo Herói* 55
Max Carphentier - *Acerca dos Acercados* 57
Padre Nonato Pinheiro - *O Romance de Gebes Medeiros* 59
Robério Braga - *Apresentação de Linha do Equador* 62

Poesia

Mário Ypiranga Monteiro - *A Última Carta* 63
Ars Amandi 65
Elson Farias - *Um Poema de Natal* 67
Alencar e Silva - *Os Minaretes de Bagdá* 70
Áureo Nonato - *Poema de Carnaval* 72

Crônica

Carmen Novoa Silva - *O Poder da Fotografia* 74
Jorge Tufic - *Pequenas Relembranças* 76
A Vida e as Cartas 78
A Grande Tese 80

Artigo

Almir Diniz - *Natércia : do "Caminho das Águas" à Academia* 82

Discursos Acadêmicos

João Leda - *Fala Presidencial* 85
Aristophano Antony - *Discurso de Posse* 89
Pericles Moraes - *Discurso de Recepção* 96
André Araújo - *Aristophano Antony sob Sombras e Reflexos* 108
Jauary Marinho - *Discurso de Posse* 112
Almir Diniz - *Representando a Academia* 120

Colaboradores

Almino Affonso - *Thiago de Melo, Poeta Militante* 125
Antonio Olinto - *Nosso Tempo* 128
Assis Brasil - *Paulo Jacob* 130

Noticiário Acadêmico 133

O Tenentismo no Amazonas

Francisco Gomes da Silva[1]

Expressão politico-militar calcada na ação de jovens oficiais do exército brasileiro solidários com o descontentamento popular ante o agravamento dos vícios da I República (o coronelismo, as eleições fraudadas, o sistema de reconhecimento dos eleitos e a alternância no poder central de paulistas e mineiros), o movimento tenentista visou combater as oligarquias locais, apoiadas nas forças estaduais de polícia. Sentindo que se esgotavam os meios de participação pela via institucional da época, os militares davam vazão à violência, gerando um ciclo de rebeliões por todo o país.

A revolta inaugural do forte de Copacabana, de 5 de julho de 1922, desdobrar-se-ia em outros movimentos armados, como a revolução paulista de 5 de julho de 1924, a marcha da coluna Prestes, de 1925, a revolução getulista de 3 de outubro de 1930, a revolução constitucionalista de 9 de julho de 1932 e, embora certos historiadores não admitam, o golpe militar de 31 de março de 1964.

O tenentismo marcou presença na história do Amazonas através das revoltas de 23 de julho de 1924 e 24 de agosto de 1932. A primeira, começada em Manaus, visava alcançar Belém mas estendeu-se até Óbidos, no Pará. E, inversamente, a segunda, iniciada em Óbidos, pretendendo ocupar Manaus, culminou com a batalha naval de Itacoatiara, defronte a essa cidade.

BATALHA DE 1924: À época, o militar do centro-sul que tramasse ou se envolvesse em sedições militares seria preso, processado e removido para cidades distantes como Manaus. A revolta desse ano foi idealizada e materializada por oficiais aquartelados no 27º Batalhão de Caçadores, que naquele momento cumpriam pena disciplinar em nossa capital, por terem antecedentes em envolvimento político. Aproveitando-se, portanto, do descontentamento votado pelo povo amazonense aos desmandos do governo nepotista e corrupto de Rego Monteiro, os capitães Francisco Batista de Almeida e José Carlos Dubois, os primeiro tenentes Abelardo Rangel, Alfredo Augusto Ribeiro Júnior, Aluísio Pinheiro Ferreira, Aurélio Linhares, Joaquim de Magalhães Barata, José Backer Azamor, José Dias Vieira, José Lemos da Cunha, Léo Gutierrez Simas, Osmundo Anequim, Pedro Alves da Cunha, Raimundo Villaronga Fontenelle e Sebastião Mendes de Holanda, e os segundo tenentes Abílio da Costa, Euclides Joaquim Lins e Antonio Mendes Silva deflagaram a revolução, depondo o governo.

Com o sucesso do movimento, assume uma junta composta pelos tenentes Barata, Holanda e Ribeiro Júnior, ficando no comando

[1] Ocupante da cadeira n.º 20 da Academia Amazonense de Letras. Pertence ainda ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e à Associação dos Escritores do Amazonas.

geral das forças militares o capitão Dubois. A seguir, Ribeiro Júnior é investido no cargo de governador. Durante os trinta e seis dias de sua administração, mandou prender e processar desafetos, apurou e confiscou os bens da família de Rego Monteiro, recuperou as finanças públicas e atualizou o pagamento dos servidores civis e militares. Em pouco tempo ganhou a admiração e gratidão públicas.

Paralelo ao sucesso ocorrido em Manaus, os tenentistas do Amazonas, comandados pelo capitão Dubois e os tenentes Barata e Lemos da Cunha, organizaram expedição para ocupar o Estado do Pará. Seu objetivo visava, além do interior, chegar a Belém e, dependendo das adesões que recebessem, alcançar São Paulo. Partindo de Manaus, a 28 de julho, os rebeldes seguidamente dominaram Óbidos, Santarém, Alenquer, Monte Alegre, Prainha e Almerim.

Todavia, quando planejavam estender a revolta até Belém, o governo federal manda para lhes dar combate a flotilha de guerra denominada Destacamento do Norte sob o comando do general Mena Barreto, que parte do Rio de Janeiro a 2 de agosto de 1924. Integradas por forças do exército e da marinha, as tropas legalistas chegam a Belém no dia 18, sobem o rio Amazonas para aprisionar embarcações em trânsito, apoderar-se de estações telegráficas e minar a resistência dos revoltosos. Na seqüência, ocupam Santarém no dia 19, dominam Óbidos no dia 26 e finalmente alcançam a capital amazonense.

A tomada de Manaus foi pelo destróier 'Mato Grosso', chegado ao nosso porto em 28 de agosto de 1924. Seguem-lhe os navios-transporte 'Macapá', 'Campos Sales', 'Manaus', 'Curitiba' e 'Belo Horizonte', o navio-hospital 'Cuiabá' e as canhoeiras 'Amapá' e 'Missões'. Depois chegariam a Manaus os navios 'Barroso' e 'Poconé', este servindo de quartel-general do Destacamento. Logo, os legalistas depõem e prendem Ribeiro Júnior e seus companheiros. Posto por terra o sonho desses idealistas, o general Mena Barreto regressa ao Rio de Janeiro e deixa no governo como interventor federal o doutor Alfredo Sá.

No próximo dia 23 de julho de 2003, a revolta de 1924 fará 80 anos. Espera-se que o evento histórico seja comemorado condignamente nessa oportunidade.

BATALHA DE 1932: A revolução constitucionalista eclodida em São Paulo, sob a direção do general Bertholdo Klinger, que exigia do presidente Getúlio Vargas a redemocratização do país, espraiou-se até à Amazônia, começando com o levante paraense de Óbidos. Segundo a crônica, a 19 de agosto desse ano, os sargentos da fortaleza de Óbidos, comandados pelo civil Alderico Pompo de Oliveira, fazendo causa comum com os insurretos paulistas, aprisionaram os oficiais, autopromoveram-se como graduados e, ganhando a adesão de praças e voluntários, ocuparam os vapores **Jaguaribe**, da firma Pereira Carneiro & Cia., e **Andirá**, da empresa de navegação The Amazon River Steam Navigation Co. Ltd., armando-os em guerra com canhões Krup de 75 mm., metralhadoras, obuzes, fuzis e farta munição. A seguir, acompanhados de duas lanchas médias, esses navios subiram o rio Amazonas, tencionando depor o governo do Estado do Amazonas e ocupar Manaus.

Saindo de Óbidos, sob o comando do capitão comissionado Arquimedes Lalor, os rebeldes aprisionaram a lancha **Diana** a pouco saída de Manaus e, sem disparar um tiro, no dia 21 ocuparam Parintins. Os tripulantes da lancha, no momento do desembarque, cortaram as amarras e rumaram para Itacoatiara, deixando

os rebeldes desesperados. Da velha Serpa alertaram a capital.

À ausência do interventor federal, tenente Antônio Rogério Coimbra, estava no exercício das governança do Amazonas o secretário geral do Estado Waldemar Pedrosa. Este, assim que tomou conhecimento do levante, reuniu-se com as autoridades militares e policiais: capitão-de-fragata Nelson Lemos Basto, capitão dos portos; major Tavares Guerreiro, comandante da unidade do exército 27º BC; desembargador Emiliano Stanislau Affonso, chefe de polícia; e o comandante Braz Dias de Aguiar, chefe da comissão demarcadora de limites do norte.

Em Manaus, as forças navais de defesa foram organizadas sob o comando de uma flotilha composta de cinco vapores: **Baependi** e **Ingá**, do Loyd Brasileiro, **Rio Curuçá**, **Rio Aripuanã** e **Rio Jamarí**, da frota da Amazon River, além da lancha **Íris**. Dirigida pelo capitão Lemos Basto, no dia 22 a flotilha desceu o Amazonas para combater os rebeldes.

Em Itacoatiara foram abertas trincheiras nas ruas próximas à orla do rio. A guarnição de terra ficou sob a proteção do 1º tenente Álvaro Francisco de Souza, auxiliado pelo tenente Albuquerque, ambos do 27º BC. A eles se incorporaram o prefeito Gonzaga Tavares Pinheiro, capitão da Força Policial do Estado, o tenente Francisco Júlio e dezenas de civis. Da defesa da cidade também participaram elementos da Guarda Civil do Estado, sob o comando do capitão Jonathas Correia. Aos cerca de cem praças e voluntários foram distribuídas armas e munições.

Em Itacoatiara, reinavam a confusão e o desespero: famílias inteiras corriam em todas as direções. Uns, ganhavam a mata, no rumo do Iracy, da Cacáia, do Guajará ou das pedreiras por trás do matadouro. Poucos ficaram para presenciar a batalha.

Segundo trechos do depoimento inédito escrito pelo saudoso Gonzaga Tavares Pinheiro, principal herói da batalha, e inseridos às páginas 196/198 de meu livro "Itacoatiara. Roteiro de uma Cidade", 2ª edição, Manaus, 1997, ilustramos a seguir esses nervosos, trágicos acontecimentos:

"Dia 24 de agosto de 1932, dez horas. A flotilha rebelde apareceu. Lenta, cautelosa, subiu e parou, sobre hélices, do lado oposto da cidade... E logo passou a aprestar uma lancha. Julgando tratarem do desembarque de tropa, comuniquei o fato à Interventoria, mandei fechar o telégrafo, cujo telegrafista retirou-se imediatamente com a família para os matos, e fui reunir-me à nossa força que ocupava umas trincheiras no barranco do rio, frente da serraria Aquilino Barros. O tenente Albuquerque não se encontrava, nem sabiam para onde teria ido. E, assim, assumi o comando da força... A lancha dos revoltosos já ia rumando para o porto defronte à casa comercial de Óscar Ramos, completamente desguarnecido... Subi o barranco e fiz sinal com um lenço branco para a lancha, chamando-a para o lugar onde estávamos, lugar onde se encontrava nossa pequena força. Ao mesmo tempo eu recomendava aos soldados que não hostilizassem a lancha. Ao receber os emissários dos rebeldes, chegava o tenente Albuquerque, trazendo dez praças que se achavam na fazenda Stone em certa missão... Tomamos conhecimento da mensagem dos rebeldes que era: ADESÃO OU RENDIÇÃO, com ameaça de bombardeio imediato da cidade... Os rebeldes, impacientes, queriam resposta imediata... Apelei para ir a bordo... Partiram comigo o padre Pereira, vigário da Paróquia, e Perí Toledo, secretário da Prefeitura, jovem corajoso e disposto a tudo...".

A bordo do náu capitânia rebelde, **Jaguaribe**, sob o comando do tenente Cunha,

Gonzaga Pinheiro resistiu nobremente às tentativas de adesão. Nada obstante, foi-lhe concedida uma tolerância de duas horas para "evacuar a cidade". Esse prazo vinha de encontro à sua estratégia de ganhar tempo para que as forças do governo chegassem de Manaus.

Expirando-se o tempo, o **Jaguaribe** já se preparava para bombardear a cidade, com seus quatro canhões Krup de 75 mm., trazidos da fortaleza de Óbidos, quando surgem na curva do rio os navios legalistas. Era por volta do meio-dia, quando começou a batalha naval de Itacoatiara.

O **Baependi** e o **Ingá** entraram imediatamente em luta, cercando os navios rebeldes. Depois de quarenta minutos de tiroteio, foram postos a pique os vapores **Jaguaribe** e **Andirá**, iniciando em seguida os trabalhos de salvamento dos náufragos. Não houve feridos em terra. Pouco a pouco os itacoatiarenses voltavam de seus esconderijos.

Voltemos à narrativa de Gonzaga Pinheiro, que detalha: "Ao atingir a boca do igarapé de Serpa, o **Ingá**, capitânia da expedição, avistou os rebeldes e rumou para eles, numa diagonal de travessia do rio. Os rebeldes estavam almoçando despreocupados. Tomaram imediatamente os seus postos e dispararam os canhões com festins, intimando os legalistas a não avançarem. Estes, indiferentes e sem dar um tiro sequer, prosseguiram com toda a velocidade. Os canhões passaram então ao uso dos tiros de combate. Os legalistas continuaram a marcha sem disparar uma arma. E só, quando já próximos, ao alcance dos fuzis, começou o tiroteio. Trezentos fuzis e duas metralhadoras pesadas cobriam de balas os adversários. Estes, que não haviam conseguido acertar um só tiro de canhão, consideraram-se derrotados e passaram a cair n'água, abandonando os vapores. O **Jaguaribe**, capitânia, grande salineiro do nordeste, com quatro canhões de 75 mm., manobrou rumando para a margem onde ainda chegou a atingir o barranco. As águas cobriram o barranco e a praia contígua até os matos. O pessoal passou a cair fora, ganhando a praia e desaparecendo nos matos. O **Ingá** fez uma bonita manobra: aproou, de bordo, o velho salineiro e o abriu às águas: estas o afundaram em pouco tempo, deixando-o apenas com dois metros de mastro de fora. O **Andirá**, o outro vapor dos rebeldes, que pertencia à frota da Amazon River, hasteou bandeira branca, sendo logo abandonado pelo pessoal que caiu n'água. Desgovernado, ia sendo levado para o meio do rio, quando o **Ingá**, noutra bonita manobra, o abriu às águas, que o levaram imediatamente para o fundo, ficando inteiramente desaparecido".

Até hoje é desconhecida a quantidade de vítimas da batalha. Além de 7 desaparecidos dos 21 embarcados no **Andirá**, e de grande parte dos 40 revolucionários que o **Jaguaribe** transportava, muitos cadáveres foram levados rio abaixo. Os sobreviventes foram internados na Santa Casa de Manaus e vários rebeldes foram presos e recolhidos à Penitenciária Central do Amazonas.

A batalha naval de Itacoatiara foi a única no gênero na América Latina, no século XX. No ano passado, esse grande evento histórico completou 70 anos. E não foi comemorado como devia. Parece que sobre ele pretendem colocar o manto do esquecimento...

*****

O tenentismo é um capítulo interessante da história contemporânea do Brasil. Mas, em relação ao estudo das rebeliões amazonenses,

ainda há lacunas de avaliação crítica. Isso se deve talvez à pequenez da bibliografia local, insignificante, se comparada à que existe em outros pontos do território pátrio também atingidos por entreveros do setor. Movimentos singularíssimos, que não contaram com a participação e o comprometimento das massas, os eventos de 1924 e 1932 pouco ou quase nada trouxeram de contribuição para a mudança dos quadros amazonenses. Numa avaliação simplista, trataram-se de eventos passageiros, nascidos dos arroubos de militares idealistas que receberam o aplauso fácil e um acompanhamento frio do grosso da população, as mais das vezes transformada em espectadores ensimesmados. Enquanto os revoltosos "guerreavam" e se instalavam no poder, o povo os acompanhava de longe, atônico, às vezes sem esboçar emoção. Houve momentos inclusive em que o cidadão comum antipatizou com os rebeldes.

No caso da rebelião de 23 de julho de 1924, por exemplo, é ilustrativa a mudança de aplausos da população quando as tropas legalistas prenderam Ribeiro Júnior. Como pode: o mesmo povo que louvara o "redentor dos amazonenses", por ocasião da sua investidura, dedicar o mesmo carinho a Mena Barreto que o depusera? É o que apreendemos do relato de Eneida Ribeiro Ramos (in "Ribeiro Júnior redentor do Amazonas", págs. 100/103, Manaus, 1997): "O povo amazonense, atônico com o desenlace do movimento revolucionário que o pegara de surpresa com a presença do Destacamento do Norte, vem sentir-se logo depois reconhecido ao general Mena Barreto...[que] não dera à Intervenção Federal o cunho de força, o espírito de batalha. Reconhece no movimento o apoio integral do povo, sentindo nele o regozijo pela liberdade alcançada... Enquanto os revoltosos [liderados por Ribeiro Júnior] continuam presos, em 3 de setembro de 1924 é celebrada uma missa campal pelas tropas legais... [É] entregue um ramalhete de flores para o general Mena Barreto... {que} em 24 de setembro de 1924 deixa Manaus, voltando para o Rio de Janeiro. No roadway, comprime-se uma compacta massa popular. Do alto da ponte de comando do 'Poconé', Mena Barreto acena para o povo. Numerosos vapores e lanchas, carregados pelo povo, acompanham o 'Poconé' até a ilha de Marapatá...".

Enquanto isso, perante o exército, Ribeiro Júnior é um indisciplinado, não mais o salvador e redentor de um povo espoliado... Da mesma forma como agiu Ribeiro Júnior no poder, as atitudes dos vencedores se restringiram a hostilizar o grupo vencido.... Esse comportamento do governo imposto pelas tropas legalistas decepciona o revolucionário que, quando também esteve no poder decepcionou seus adversários. A verdade é que a posição dos políticos que assumem o governo está sempre voltada para o controle do poder. E logo vêm as frustrações do povo e... dos governantes anteriores.

Igualmente gritante foi o caso da revolta de 1932 que redundou na batalha naval. Os praças recrutados à força e os "voluntários" cooptados por promessas vãs, entraram na luta sem saber por que estavam ali. Ao final do entrevero nas águas de Itacoatiara, enquanto o total de mortos e feridos era representado por caboclos destreinados e pouco afeitos ao manejo das armas, os líderes da empreitada Alderico Pompo e Arquimedes Lalor se salvavam. E a população, como sempre, pretensa destinatária do ideal professado pelos revoltosos, a tudo assistia sem se incomodar com os objetivos da

rebelião, que lhe eram totalmente desconhecidos.

Entretanto, é indesejável que os amazonenses esqueçam os fatos decorrentes das rebeliões aqui tratadas. Além da lembrança, a elite pensante deveria se debruçar a fazer avaliações e reflexões sobre as causas e conseqüências dos eventos de 1924 e 1932 e o papel de seus participantes no processo histórico amazonense.

Finalmente, presumimos que os "golpes" e rebeliões militares no Brasil são coisa de um passado sem volta. Na nossa avaliação, após a eleição e morte do presidente Tancredo Neves, nosso país passou a respirar ares de estado de direito democrático, marcado por eleições mais ou menos livres, direcionando os brasileiros a se firmarem como cidadãos de respeito. Quanto às forças armadas, tudo indica que optaram pela profissionalização de seus oficiais, impossibilitando-lhes quaisquer oportunidades para promover quarteladas. Ao que parece, não há mais espaço para "revolucionários".

Capelas e Oratórios

Moacir Andrade

Na manhã da partida dos navios para as grandes travessias do Atlântico nos fins do século XIV, o governo preparava faustosas solenidades que aconteciam sempre na ampla praia do Restelo, onde quase toda a população de Lisboa se concentrava em toda aquela periferia para assistir aos rituais solenissimos que aconteciam nessas ocasiões singulares, principalmente a procissão da nobreza portuguesa que descia a rampa da praia desfilando com profundo espírito religioso rumo às caravelas surtas ao longo da baía, para o bota-fora das expedições.

Num certo trecho da praia já estava armando um belíssimo e rico altar, onde o Cardeal Arcebispo de Lisboa, também ricamente paramentado, com longos discursos encomendava a Deus Todo Poderoso em nome do Santo Padre o Papa, a sorte dos milhares de marinheiros que deveriam atravessar aquele "mar tenebroso".

No local, o rei, nobres, fidalgos, e todos os comandantes, oficiais e padres que deveriam compor a expedição, rezavam contritamente suplicando aos céus a melhor sorte da empreitada, precedidos por inflamadas orações das autoridades eclesiásticas presentes. Depois da missa solenissima, o cardeal benzia as bandeiras de Portugal e dos comandos dos navios que eram entregues solenemente pelo próprio Rei ao Capitão-Mor da esquadra e do comando de cada navio. Em seguida eram benzidos os oratório cheios de fitas coloridas com seus respectivos padroeiros que acompanhavam cada barco, sendo que o do capitão era o mais luxuoso e deveria ser o primeiro a receber a bênção especialmente trazida de Roma para aquele momento histórico.

No oratório principal, eram colocados medalhas, escapulários, santinhos de metal, fragmentos de ossos de santos milagreiros, orações, fitas milagrosas e outros objetos sagrados para garantir a sorte daqueles navegantes valentes e indomáveis; nos outros, somente os fidalgos tinham prioridade de colocar as medalhas de seus santos protetores e pequenas orações.

Durante essas viagens, quando o tempo permitia e o mar era mais tranqüilo sem as ondas gigantescas e ameaçadoras, os balanços perigosos que obrigavam as tripulações a ficarem presos em algum ponto do navio, podiam rezar missas, fazer sermões e bênçãos para garantir o êxito da viagem.

A primeira coisa que a expedição fazia ao chegar nas praias brasileiras, era agradecer a Deus a manutenção de suas vidas e fincar uma cruz feita com madeira da terra, sob a qual rezaram a primeira missa.

No centro da grande mesa de madeira construída com material colhido nas imediações, armavam-se o altar da sagrada eucaristia forrado com toalha de linho amplamente bordada pelas

irmãs dos vários conventos religiosos de Lisboa, presente do próprio Rei, sobre a qual era colocado o santuário, isto é, o oratório que acompanhava a nau capitânia. Esse foi o primeiro oratório introduzido no Brasil nos dias do descobrimento.

Durante todo o decorrer da Idade Média e mesmo alguns séculos depois, era a Santa Inquisição que ditava as normas religiosas e o comportamento do cristianismo católico; hábitos, costumes, tradições, ritos e todo comportamento eram estritamente fiscalizado pela Igreja. O mais importante era que todo e qualquer cidadão tinha a obrigação de denunciar ao Santo Ofício, todos os crimes DE HERESIA cometidos por cidadãos, fossem eles quem fossem, até pessoas da família sendo mesmo pai ou mãe.

Rezar às seis da manhã, ao meio dia e às seis horas da tarde, era obrigação, sob pena de ser denunciado ao Santo Ofício como herético.

Freqüentar as missas diariamente, às novenas e obrigações religiosas nas igrejas, como reuniões de pais, senhoras casadas, donzelas, e outras irmandades de cunho religioso, faziam parte das tradições cristãs importadas de Portugal. Esse comportamento criava um certo mal-estar e descontentamento aos senhores chefes de família, zelosos, que viam nisso um perigo para a dignidade e pureza de suas mulheres, pelo fato de ser a igreja, principalmente naquela época, um ambiente publico, onde podiam freqüentar todas as classes sociais, fossem nobres, fidalgos, negros, mendigos, índios, mulatos, cafuzos ou estrangeiros.

Esse ambiente profundamente promíscuo no linguajar dos senhores da época, constituía-se um verdadeiro perigo e agressão à honra das famílias, embora muitas dessas senhoras contribuíssem fartamente para o assédio de homens desconhecidos. Esses senhores não percebiam que o maior perigo residia nas mucamas de suas casas que realizavam o papel de "correio" entre as meninas e seus namorados, e mesmo entre as senhoras com viajantes eventuais, considerando que eram elas (as mucamas) que compulsoriamente acompanhavam as iaiás a todas as partes onde iam, principalmente às igrejas, que visitavam mais amiúde.

Essa liberdade que as escravas tinham de freqüentar qualquer ambiente da sociedade colonial, dava ensejo de ser as primeiras ligações entre os casais amorosos sem que jamais pudessem chegar ao conhecimento dos seus senhores.

Entretanto, o perigo maior consistia no padre confessor da família que inclusive induzia as jovens e mesmo senhoras casadas a praticarem atos libidinosos, aproveitando-se da inteira privacidade dos confessionários muito reservados e completamente escuros, considerando que naquela época as luzes eram produzidas por candeeiros queimados a óleo de mamona ou de baleia, somente em poucos pontos da nave central da igreja.

Muitos padres desonestos aproveitavam-se das confissões para conhecer a intimidade e segredos de certas damas da alta sociedade colonial que traíam seus maridos com viajantes ou escravos de sua confiança que em suas casas se hospedavam, as vezes realizando muitos coitos no próprio confessionário.

Sabendo que esses padres conheciam todos os seus segredos, eram obrigadas a deitarem-se com eles, sob pena de seus maridos terem conhecimento de suas desonestidades.

Desde que foi instituído pela Igreja católica, era o confessionário constituído como

uma peça de extrema privacidade onde somente ficavam juntos o confessor e penitente, separados por uma parede de madeira, tendo como comunicação apenas um quadrado de madeira de uns 30 centímetros por 20 centímetros, construído em finíssimas tiras de treliça.

Do outro lado, o padre fica sentado num cubículo extremamente exíguo e do outro o penitente onde se ajoelha e confessa seus pecados.

O confessionário – "tribunal da penitência" foi projetado pelos arquitetos do Vaticano durante a Idade Média para ser a um só tempo o mais privado e o mais público dos espaços sacros, pois destina-se a manter absolutamente secreto o diálogo com o pescador e o sacerdote, embora devesse situar-se em local estratégico para ser visível por todos os circunstantes, evitando desse modo as tentações de intimidade entre o confessor e penitente e as murmurações dos maldizentes. Em seu interior portanto, o tribunal da confissão era o espaço mais privado da CASA DE DEUS, e em seu exterior, obrigatoriamente, devia estar ao alcance do olhar público.

Apesar de todas essas providências para evitar escândalos por pessoa de má fé, muitos pecados foram cometidos contra a honra das famílias.

Em seu interior, portanto, o tribunal da penitência era o espaço mais privado da Casa de Deus, e em seu exterior, obrigatoriamente, devia estar ao alcance dos olhares indiscretos.

Apesar de todas essas providências extremas para evitar escândalos e fuxicos com agentes do Santo Ofício, os séculos XVII e XVIII estão cheios de incidentes que ficaram famosos durante muito tempo, obrigando a população a tomar certas providências, algumas delas incompatíveis com os preceitos da Igreja Católica. Se não, vejamos:

Em algumas igrejas, os párocos já imbuídos de intenções inconfessáveis construíram os confessionários em lugares secretos da igreja como: dependências íntimas da sacristia, e até dentro de suas celas individuais, lugar exclusivamente destinado à privacidade do padre, para melhor dar vasão aos seus instintos libidinosos com as penitentes e inúmeras vezes com jovens do sexo masculino.

Dentre muitos acontecimentos vexatórios acontecidos nesses séculos os relatórios da Inquisição falam o seguinte: "o padre Antônio Alves Varejão, vigário da Paróquia de Sergipe, ao ouvir a confissão de uma crioula na capela do Bom Jesus da Cotinguiba, saiu como um louco de dentro do confessionário gritando: "Cuidei achar gente honrada e de vergonha, não encontrei senão mulheres prostitutas e homens infames". Em Mariana o padre José Gouveia trazia uma bengala no confessionário e, certa vez, levantou-se e disse: "Já me admirava que entre tantos não houvesse um ladrão", pegando um negro pelas orelhas e puxando-o sob bengaladas; em seguida foi tomar tabaco, dizendo que "não se pode aturar negros". Mais grave ainda, o padre Francisco de Paula Bernardes, assistente na igreja da Sacra Família no Rio de Janeiro, negava-se a confessar a quem não lhe desse presentes; ao índio Mariano exigiu meio alqueire de arroz pilado e a Manuel Avelar perguntou: "O que me trazes?". Como o fiel respondesse: trago uma leitoa resolveu-se a ouvir as suas confissões. Provocou escândalo ao excomungar a um surdo pelo simples fato de ter confessado noutra freguesia sem lhe pagar. Todas essas condutas gravemente proscritas pelo direito canônico". Depois de inúmeros escândalos provocados por padres confessores

sem escrúpulos, foi que os senhores ricos e poderosos dos dias coloniais resolveram construir, às suas custas, capelas privadas em suas casas ou fazendas para impedir que mulheres de suas famílias fossem desonradas nos confessionários das igrejas matrizes dessas cidades, ao mesmo tempo em que foi disseminado o hábito de todas as famílias dos vários níveis sociais terem seus oratórios privados, onde podiam fazer as suas orações e guardar com segurança os seus objetos sagrados como os terços, a água benta, as medalhas milagrosas, os santinhos, os escapulários, as orações milagrosas, as fitas sagradas das irmandades as quais pertenciam e outros objetos sagrados, sem precisar ir à igreja. Esses oratórios ficavam repousados sobre uma cômoda em cujas gavetas eram guardadas a roupa da criança que foi batizada, a roupa do casamento da dona da casa, a vela da primeira comunhão, fitas de irmandades etc.

As expedições que saíam de uma cidade para outra ou mesmo para lugares longínquos, os membros desses grupos levavam invariavelmente oratórios que serviam de altar para que os padres dessas expedições rezassem missas e mesmo as orações diárias, novenas etc... considerando que muitas dessas viagens consumiam semanas a até meses, já que os caminhos íngremes e sem nenhum cuidado daqueles dias, dificultavam o desenvolvimento das caminhadas, subindo e descendo as serras, atravessando os rios, riachos e grandes áreas alagadiças.

Os viajantes solitários ou pequenas famílias portavam pequenos oratórios que traziam no bolso e que duas ou três vezes por dia eram colocados em lugares previamente escolhidos para em torno deles realizarem as suas orações. Invariavelmente, todas as fazendas e casas senhoriais possuíam as suas capelas construídas a custa de seus proprietários onde ouviam missas, novenas e todas as prédicas instituídas pela religião.

Essas capelas domésticas, para serem construídas, tinham que ter a aprovação do Papa, sem a qual a igreja não permitia as visitas oficiais de padres, missas, batizados, casamentos e outras solenidades religiosas. Da mesma forma essa aprovação foi estendida a todos os hospitais, colégios, prisões, seminários, conventos e quartéis que passaram a possuir as suas capelas privadas, embora todas as cidades e povoados possuíssem as suas igrejas oficialmente construídas sob as bênçãos de Roma.

Essa tradição chegou até os nossos dias, considerando que em Manaus todos os hospitais, sejam eles estaduais ou privados, colégios, penitenciárias, seminários, conventos e quartéis, possuem as suas capelas privadas assim como todas as famílias tradicionais mantêm em seus dormitórios, ou mesmo em lugares nobres suas casas, um oratório onde os membros da família realizam as suas orações e onde guardam todos os pequenos objetos sagrados, que receberam como heranças dos seus antepassados.

A Santa Casa de Misericórdia possui uma belíssima capela de frente para a rua Dez de Julho, construída ao mesmo tempo que o edifício do hospital. A Sociedade Portuguesa Beneficente também tem a sua capela devidamente cuidada pelas irmãs Vicentinas que cuidam de seus objetos sagrados desde a sua fundação, na Avenida Joaquim Nabuco.

O antigo hospital de Alienados Mentais construído na rua de Ramos Ferreira em frente ao antigo prédio da uzina de incineração de lixo, onde hoje é a sede da Escola de Samba N. S. da Aparecida, possuía uma das mais belas capelas

de Manaus, cujas peças desapareceram com a transferência desse nosocômio para o Hospital Colônia Eduardo Ribeiro, antiga residência do Governador do mesmo nome; a capela da Penitenciária Central do Estado, na Avenida 7 de Setembro; antiga sede do Governo do Estado, na Praça de Dom Pedro II depois sede da Prefeitura Municipal de Manaus, hoje desativada; o Leprosário do Aleixo; as residências senhoriais e os quartéis, tinham a sua pequena capela onde eram rezadas as missas, principalmente de domingos e dias especiais.

Da mesma maneira, todos os colégios, fossem eles públicos ou privados, tinham as suas capelas cujo nome do santo padroeiro era também o do colégio como o de Santa Dorotéia cuja padroeira era Santa Dorotéia, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora com o mesmo nome da santa, Colégio Santa Terezinha; Escola Normal São Francisco de Assis (já desaparecido), Colégio Dom Bosco, Colégio Preciosíssimo Sangue, também Convento das Irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue; Colégio Nossa Senhora Aparecida, Colégio Santa Rita, Colégio São Geraldo, na rua 24 de Maio, já desaparecido, Instituto Gustavo Capanema; Asilo de Mendicidade Dr. Thomas e muitos outros.

Na década de trinta, havia um exímio marceneiro português chamado Joaquim Cerejeira que se ocupava somente em construir belíssimos oratórios de todos os tamanhos, esse homem morava no bairro da Cachoeirinha, próximo à Parada Campelo.

O Bairro de São Lázaro surgiu na década de sessenta na parte sul do bairro de Constantinópolis. Alí morava uma família de hansenianos que tinha por tradição realizar todos os anos no dia 15 de fevereiro, dia do santo, um "Banquete dos Cachorros". No mesmo terreno de sua propriedade onde morava, mandou construir uma pequena capela que denominou de Capela de São Lázaro na rua Epitácio Pessoa, hoje rua de São Lázaro.

No mesmo lugar onde esse cidadão erigiu a capela, a comunidade construiu uma belíssima igreja e seminário no bairro e rua de São Lázaro. No bairro da Cachoeirinha, zona leste da cidade, havia uma das maiores praças públicas de Manaus, denominava-se de Praça de Floriano Peixoto, no lugar onde está construído o Hospital Geral do Exército e um grupo de casas residenciais para militares.

Nos fins do século XIX, a viúva de um cidadão português chamado Antônio José da Costa, mandou erigir naquele bairro uma capela em honra de Santo Antonio como uma homenagem a seu falecido esposo conhecido na cidade como Antonio do Pobre Diabo, pelo fato de possuir um estabelecimento comercial com o nome de "Ao Pobre Diabo". Construída a capelinha, o povo denominou-a de "Igreja de Santo Antonio do Pobre Diabo", nome pelo qual é conhecida até os nossos dias. Na estrada Ephigênio Sales, houve há muito tempo um crime hediondo de origem sexual cuja vítima foi uma adolescente chamada de Etelvina. Depois de um certo tempo, esse fato começou a produzir milagres ao ponto de o povo crente mandar construir uma capela em sua honra, cujo prédio ainda hoje existe no lugar do crime. Hoje um bairro densamente povoado também conhecido por bairro de Santa Etelvina.

Sua sepultura no Cemitério de São João Batista recebe diariamente dezenas de pessoas que vão pedir a sua intercessão para os males que os aflige, acendendo centenas de velas sobre o seu mausoléu.

Na década de sessenta, o jornalista Ubiratam de Lemos, da redação do "O jornal", imaginou a aparição de uma Santa denominada

de "Santa Ozita" nas proximidades do Alto de Nazaré em Manaus, para onde acudiram milhares de pessoas que a procuraram em busca de milagres. Certo tempo depois, construíram no local da aparição uma capela em louvor a "Santa Ozita", cujo prédio ainda hoje existe, atraindo centenas de pessoas crentes da sua aparição.

O jornalista Ubiratam de Lemos viajou depois para o Rio de Janeiro onde trabalhou até a sua morte na revista nacional "O CRUZEIRO", onde foi chefe de redação.

Quando conheci minha mulher em dezembro de 1948, em sua casa à rua Xavier de Mendonça Furtado nº 230, no bairro de N. S. Aparecida dos Tocos, verifiquei a existência de um belíssimo oratório numa das paredes laterais do quarto do casal, meus futuros sogros, sobre uma mesa envernizada totalmente e decorada com dezenas de pequenas medalhas, imagens de madeira, barro e outros materiais próprios para esculturas. Na parede muitos quadros de santos, terços, escapulários e outros objetos sagrados, tudo de acordo com os tradicionais preceitos da Igreja Católica.

Aquele oratório já estava alí há mais de cinqüenta anos, tratado com a maior dedicação e respeito pelos donos da casa, depois meus sogros, Senhor João Fernandes de Britto, antigo funcionário da Alfândega de Manaus, e Dona Petronilla do Valle Britto, de prendas domésticas. A maneira, e posição do oratório, sempre vigiado por uma vela votiva, era sem dúvida a herança de antigas tradições das famílias católicas da época da Colonização brasileira.

Quando a família, depois do desaparecimento dos donos da casa, resolveu reformar o imóvel, pedi para os herdeiros que me doassem o oratório, hoje devidamente armado com toda ternura numa das dependências da minha residência à rua Comendador Alexandre Amorim, nº 253, no bairro de Nossa Senhora Aparecida dos Tocos.

O oratório que, esta armado sobre uma velha cômoda com três gavetões, serve para guardar toalhas, velas, terços, catecismos, bíblia, e tudo que for de origem sagrada de propriedade da família. Principalmente mais de quinhentos anos de tradições eminentemente católicas que são profundamente reverenciadas pelos membros dessa família.

Havia em Manaus, até o ano de 1950, várias casas especializadas em objetos sacros como: velas votivas, velas especialmente fabricadas para primeira comunhão, promessas, velas com mais um de um metro em cores, imagens de madeira, pedra de gesso, terços, rosários, oratórios em madeira, em alumínio, flores de plástico para decoração de altares, com belíssima policromia, santos emoldurados em riquíssimas molduras pintadas a ouro, ícones etc.

Na avenida de Eduardo Ribeiro, ao lado do bar Avenida, havia uma loja onde podia-se encontrar todo esse material. Nas proximidades das festas dos santos onomásticos, o proprietário da loja baixava os preços para atrair mais eventuais compradores.

As casas mais importantes em vendas de material religioso eram: A empresa J. Carvalho na avenida 7 de setembro; Loyo & Paredes também na avenida 7 de Setembro; a Casa da Mesquita na 7 de Setembro e a empresa Neves & Corrêa na rua da Instalação. Essas casas eram especialistas em armar cenários fúnebres para enterros, além de fabricar pequenos oratórios importados de Portugal.

A última casa especialista em vendas desses objetos sagrados era a casa das velas aqui já referida.

Até o final de 1960, essas casas também vendiam ou fabricavam por encomenda pequenos presépios com todas as figurinhas esculpidas em gesso amplamente comercializadas nas épocas natalinas. A Casa Mesquita era o carro mestre desse tipo de indústria, que fabricavam além das figuras bíblicas, um pequeno cenário em madeira onde eram colocadas as figuras para serem exibidas às famílias.

Essa empresa armava vários presépios em alguns pontos da cidade. Ví muitas vezes um desses presépios na Praça dos Remédios armado pela Empresa Casa Mesquita, sob a administração da Prefeitura Municipal de Manaus, na época o Prefeito Antonio Maia, irmão do Governador Álvaro Maia. Esse presépio fez muito sucesso com as famílias que vinham do interior do Estado para as festas natalinas em Manaus, principalmente para as igrejas Matriz de N. S. da Conceição e Igreja dos Remédios, no bairro do mesmo nome.

A Vida e a Obra do Acadêmico Samuel Benchimol

Antonio José Souto Loureiro

No antigo Egito, a alma do morto, logo após do julgamento dos quarentas juizes, individualmente especializados em um dos quarentas pecados capitais, era levada, por Maat, a Verdade, à balança da passagem dos atos, controlada pelo deus Thot, semelhante ao íbis, quando em um dos pratos colocava o seu coração, que deveria ser tão leve ao ponto de ser contrabalançado por uma pena de avestruz, dando-lhe o direito de acompanhar Osíris, por três mil anos, dentro de sua barca solar. Tratava-se por um julgamento imediato e individual, prevendo as alternativas de até reencarnações correcionais e o aniquilamento, por uma fera devoradora.

Mais tarde, por influência do zotoastrismo, sucessivamente o judaísmo e o cristianismo adotaram um tipo de juízo no final dos tempos, quando todos serão julgados em blocos, por seus atos, bons ou maus, pesados em cada prato da grande balança da Justiça Divina, aferido pelo arcanjo Miguel, portador da terrível espada flamígera.

Da minha parte eu estou muito mais tentado a aceitar o juízo individual dos egípcios, menos sujeito aos erros e mais democrático, do que o coletivo, em que a confusão e o açodamento gerais poderão perturbar os resultados, alias todos definitivos e sem instâncias superiores.

E mais, acredito que o julgamento começa ainda do lado de cá, no momento em que se espalha a notícia do passamento e quando começam conversas comentando trechos da vida do finado. Talvez já cheguemos ao outro mundo parcialmente julgados, com as nossas sentenças estabelecidas, pelos implacáveis juizes, muitos dos quais compartilharam da nossa amizade, condenado-nos ou absolvendo-nos, de acordo com o nosso comportamento moral, as nossas ações em vida, a nossa disciplina e humildade, o controle que exercíamos sobre os nossos vícios e paixões e principalmente como praticávamos as virtudes, as sete irmãs: Fé, Esperança, Caridade, Fortaleza, Justiça, Temperança e Sabedoria, tão necessárias ao nosso aperfeiçoamento individual e espiritual, à nossa regeneração.

Tudo isso para dizer que meu amigo Samuel Isaac Benchimol passou bem neste pré-julgamento terreno, pois nada ouvi que desabonasse, nesses meses que seguiram à sua morte, a 5 de julho, podendo ser considerado limpo, pelos seus coetâneos.

É portanto, uma grata tarefa, a que me encarregou o presidente Max Carpentier, de ressaltar fatos de sua bem vivida vida, que enriqueçam, no futuro, a sua definitiva biografia.

As Origens

Da Judéia, após a destruição de Jerusalém e da tomada de Massada, passando por baixo do arco de Tito, no centro da Roma Imperial,

ato que desfiz simbolicamente, neste ano, na parte que me tocava, ou sob as ordens do general Silva, príncipes e sacerdotes judeus escravizados foram estabelecidos na distante Ibéria, enquanto o povo, sem as suas lideranças, ia para a fronteira do Reno, enfrentar a multidão de germanos, resultando desta separação as duas grandes divisões da nação judaica exilada, na Europa: sefarardins, os hispânicos, e asquenazins, os alemães, esses últimos chegando até o interior da Rússia.

Os sefarardins que constituem de 15 a 20% do estoque populacional ibérico, após mil e quinhentos anos de convívio, na península, diferenciavam-se dos demais habitantes apenas pela religião e por isso sofreram violentos abusos.

Embora sempre tenham existido as conversões voluntárias, desde as primeiras épocas, nos tempos dos romanos e na Idade Média, anteriores à radicalização do catolicismo, com a Contra-Reforma e a Inquisição, os judeus e seus descendentes, primeiros os da Espanha, depois os de Portugal, foram condenados à emigração, à conversão forçada, ou a correr os riscos das fogueiras e das torturas.

Muitas famílias velhas e nobilitadas, em Portugal, tinham a sua origem em marranos convertidos, na época medieval, e serviam de apoio e âncora para os não convertidos, não só sob o ponto de vista material, mas aceitando-os por laços de casamento, assistindo-os, neste período de obscurantismo.

A fuga para Hamburgo, Holanda e Inglaterra, onde já estavam muitos judeus portugueses trabalhando no comércio das especiarias e do açúcar, foi o caminho dos mais ricos. Os remediados seguiam para a Sublime Porta, as terras otomanas, ou atravessavam o Gibraltar, rumo ao Marrocos. Enquanto os teimosos, os pobres, os cristão novos ficavam à mercê das perseguições dos áulicos e delatores do Santo Ofício.

Dos Siqueira ou Siqueira sei que tiveram brasão, segundo o Armorial Lusitano, usado por cristãos velhos, talvez convertidos antes da Inquisição, com cincos vieiras ou conchas douradas, indicativas da sua origem. Uns permaneceram sempre judeus, outros batizaram-se e muitos voltaram a judaizar. Os cristãos novos dessa família apresentavam com os Vaz (Boaz), Menezes, Cardoso, Henriques, Costa e Vieiras.

No século XVIII foram gente ilustre dos Sequeira: David Machado de Siqueira, que viveu em Amsterdão, onde deixou vários livros escritos, e Isaac de Siqueira Samuda, amigo de Jacob da Costa Sarmento, com quem morou em Londres, que foi médio e sócio da Real Sociedade de Londres e do Colégio dos Médicos, tendo proferido o Sermão Fúnebre das Exéquias de David Neto, conforme o Dicionário Universal de Maximiano Lemos de 1907.

Dos Benchimol temos poucas notícias, por serem talvez de origem espanhola, residindo dos dois lados do Gibraltar.

Essas as origens do professor Samuel, antes da diáspora dos seus antepassados, para a Amazônia, a sua pátria definitiva, nascendo em Manaus, a 13 de julho de 1923, sendo a segunda geração na nossa região, pois seu pai Isaac Israel Benchimol recebeu a luz em Aveiro, no Pará, em 1888, e sua mãe Nina Siqueira Benchimol, em 1900, em Tefé.

Solimões, Negro e Tapajós, águas diferentes, amarela, negra e verdes, influenciaram o nascimento deste nosso conterrâneo ilustre e o fizeram um profundo estudioso e conhecedor dos segredos e problemas da Amazônia e de suas soluções.

A Formação

O nosso homenageado teve a formação cultural pan-amazônica, como fora o seu nascimento. Foi alfabetizado na Escola Tobias Barreto, de Porto Velho, em 1928, então a segunda cidade do Amazonas, hoje com mais de 700.000 habitantes, às margens do Madeira, a poucos quilômetros da sua primeira cachoeira, então ultrapassada pela estrada de ferro Madeira Mamoré, construída com este objetivo. Daí viajou para Belém, onde cursou o primário, no Colégio Progresso Paraense (1929/32).

Voltando à sua terra natal, preparou-se para o exame de admissão no famoso Instituto Universitário Amazonense, do professor José Chevalier, em 1933, tendo passado para o Ginásio Amazonense Pedro II, onde completou o secundário, entre 1933 e 1938.

Enquanto fazia o curso noturno de contador, na Escola de Comércio Sólon de Lucena (1937/1940), freqüentava os preparatórios para curso jurídico do Dom Bosco (1939/1940).

Formou-se em Direito, em 1945, pela Faculdade de Direito do Amazonas, fez os mestrados de Sociologia e Economia, nos Estados Unidos (1946/1947) e doutorou-se pela Faculdade de Direito.

O Professor

Dede de cedo dedicou-se ao ensino, uma de suas paixões, iniciando-se nesta atividade, em 1941, dando aulas de Geografia e História, no Curso de Admissão do Professor Vicente Blanco, à rua Miranda Leão. Seguiram-se as aulas de Economia e História Econômica do Brasil, de 1943 a 1946, na Escola de Comércio Solo de Lucena e as de Introdução à Ciência do Direito, na faculdade de Direito do Amazonas, a partir de 1946, onde começaram suas atividades de professor universitário, ocupando diversas cadeiras:

- Sociologia, na Escola de Enfermagem – 1948/1949
- Introdução à Economia e Repartição da Renda Social – Faculdade de Ciências Econômicas – 1954/55
- Catedrático de Economia Política – Faculdade de Direito – 1954/1974
- Finanças e Direitos Tributários – Faculdade de Direito – 1959
- Introdução à Economia – Faculdade de Estudos Sociais – 1974/1977
- Política Fiscal – Faculdade de Estudos Sociais – 1978
- Introdução à Amazônia – Faculdade de Direito – 1979/1999

Foi considerado Professor Emérito da Universidade do Amazonas, em 1998.

Assim teve a oportunidade de formar centenas de pessoas, proferindo belíssimas aulas, conseguindo expressar-se com beleza e empolgando a todos com seu conhecimento. Tinha uma prodigiosa memória e uma contagiante alegria, quando dos assuntos de sua região natal.

A Pessoa

Dentro da comunidade amazonense sempre se comportou com simplicidade, jamais fazendo ostentações de qualquer tipo. Manteve a maneira de vestir de sua época, não abandonando os fatos de cores neutras e a gravata. Seu filho classificou-o de bom, íntegro, justo e conciliador, perdoando com facilidade as ofensas recebidas. Entre as suas distrações principais incluíam-se o estudo e o xadrez, no

Ideal e no Luso, além de momentos com a sua família.

Sendo um homem religioso, contribuiu bastante para o engrandecimento da Comunidade Judaica Amazonense, ajudando na construção da sinagoga; presidindo o comitê israelita; participando na aquisição do clube e adquirindo o local do futuro cemitério judaico, além de obras históricas sobre a importância hebraica, na Amazônia.

Foi o avô terno que se alegrava com a visita dos netos e no meio de seus livros e papéis tinha sempre uma gaveta de bombons, para distribuí-los.

Acompanhei, ao longo do tempo, a trajetória ascensional do professor Benchimol e de sua família, pois fui seu vizinho, à rua 10 de Julho, onde contribuiu um belo bangalô, local de sua residência, por décadas. Com eles tivemos laços de amizade até porque havia uma semelhança entre meu pai e Samuel Benchimol, ambos trabalhando de dia, no comércio, e a noite, como professores, em uma combinação perfeita de atividades, que lhes impedia o entorpecimento intelectual.

O Empresário

A formação do empresário de sucesso começou com o curso de contador da Escola de Comércio Solon de Lucena, que durante dezenas de anos preparou pessoas para a carreira comercial, em nossa cidade, com ensinamentos de ótima qualidade abrangendo mecanografia (datilografia), taquigafria, direito comercial, contabilidade, redação comercial, além de matérias do currículo normal do segundo grau.

Seguiu-se o emprego de despachante de bagagens e de passageiros na Panair, grande empresa americana, que lhe deu o treinamento para lidar com pessoas, ao mesmo tempo em que propagava e vendia os produtos da Sharp & Dohme, outro excelente degrau, para sua atividade-meio, ensinando a conhecer a praça, e, acima de tudo, o curso de Direito, terminado em 1945, a garantia de uma maior segurança, de capacidade de defesa perante as leis.

Neste período de incerteza, em plena Segunda Grande Guerra Mundial, o comércio e a produção regional foram praticamente paralisados, pela ação da Rubber Development Corporation, órgão do governo americano, concentrado no esforço da guerra da produção natural, investindo em todos os momentos na produção de látex, desde o fornecimento de aviamentos à compra do produto, face a ocupação dos seringais asiáticos pelos japoneses. O Brasil entrega Temporariamente a Amazônia pelo equipamento de suas forças armadas, pela construção da Usina de Volta Redonda e da estrada de ferro Vitória-Minas.

Enquanto isso, paralisou-se a produção a produção na Amazônia, de tudo que não fosse borracha, o sistema de navegação interna foi reforçada, buscou-se de novo a mão de obra nordestina, instalou-se um sistema se saúde regional, outro de abastecimento e o Banco da Borracha, para o financiamento. Um dos resultados imediatos dessa política foi a redução de atividades das grandes firmas aviadoras regionais, que jamais se recuperaram desse impacto.

Apesar dessa situação, os três irmãos Benchimol, Israel, Samuel e Saul, fundaram, em 1942, uma empresa, que, nesses sessenta anos de existência, se transformou no grupo Bemol-Fogás, hoje com mais de 1300 fucionários e talvez a maior firma essencialmente amazonense da atualidade.

E suas atividades empresariais também se fizeram sentir no Banco do Estado do Amazonas, onde foi vice-presidente (1957-1962), na diretoria da COPAM (1962-1968) e na Associação Comercial do Amazonas, onde esteve ativo de 1945 a 2002.

Jamais deixou de trabalhar, mesmo doente, e até duas semanas antes de falecer ainda comparecia em seu gabinete, tendo ficado muito contente de ter fechado um bom e último negócio.

O Autor

Deixou-nos o professor Samuel mais de cento e dez trabalhos catalogados e publicados, o que demonstra a sua fertilidade intelectual, a sua capacidade de pesquisador e a sua rapidez de pensamento.

Ao fazermos uma rápida classificação desses trabalhos, chegamos aos temas preferidos, destacando-se em primeiro lugar, atingindo 42% dos títulos, as obras relativas à ECONOMIA, tanto da financeira, como da histórica e geográfica. Seguiram-se, em ordem decrescente, os seguintes assuntos:

Amazonologia	10,9%
História	10%
Temas Ecológicos	7,2%
Sociologia	6,36%
Antropologia	6,36%
Temas Literários	4,5%
Geografia	4,5%
Futurologia	4,5%

Assinalamos, na parte literária, *Versos dos Verdes Anos*, escritos entre 1942 e 1945, um grupo de poemas e haikais, cerca de nove folhas, um diário e um roteiro de viagens pelos Estados Unidos e o *Romanceiro da Batalha da Borracha.*

O livro *Estrutura Geo-Social e Econômica do Amazonas*, em dois volumes, publicado em 1966, é para mim a obra prima de Samuel Benchimol, aliás de difícil classificação, pois abrange uma infinidade de temas, tornando o leitor atento e freqüente um profundo conhecedor da nossa Amazônia de quarenta anos atrás, hoje tão diferente, pelo avanço da frente pioneira pelo flanco sul, e pelo crescimento explosivo de malha urbana. São seiscentos e oitenta e seis páginas da mais pura Amazonologia e toda a sua obra posterior vai gravitar em torno dos temas nele contido, expandindo os conceitos ou atualizando os fatos e os números, face às rápidas mudanças ocorridas na estrutura regional.

Este livro, e talvez até o autor não tenha percebido isto, revolucionou todos os conceitos nos âmbitos da História, Geografia, Sociologia, Economia e Etnologia do Amazonas, puxando-as para a modernidade e para uma vida autônoma.

O professor sempre usou a língua portuguesa com elegância, precisão, clareza e perfeição, em todas as suas obras, embora tenha criado alguns neologismos, necessário para expressar as suas idéias.

O acadêmico Ulisses Bittencourt, certa vez, quando nos encontramos no canto da Marcílio Dias com Quintino Bocaiúva, classificou-me, pela minha obra histórica, como um dos poucos autores amazonenses cartesianos, e sem querer, aqui tomei este posicionamento ao transformar em percentuais a obra do nosso homenageado. Mas o professor Samuel também foi cartesiano. Gostava das estatísticas de produção e dar o valor do trabalho executado, nas diferentes épocas, e a mostrar de maneira palpável a História a se desenvolver através das oscilações numéricas, das quantidades e valores

das produções e pelo embate das forças em disputa pelos poderes de todos os tipos. Tempos de produção em crescimento, pleno emprego, saúde, comida e aprendizado. Tempos de baixa produção, desemprego, doenças, fome, queda cultural.

Benchimol sempre foi um homem preocupado com o futuro das gerações, preocupação de todos aqueles que sabem que o mundo é formado pela corrente da vida, da perpetuação da espécie, geração após geração enfrentando novos tempos, daí a sua vontade em desvendar os seus segredos. Não através dos métodos mágicos, mas pela tênue e variável resultante das forças que empurram a Humanidade, a indicar-lhe o novo caminho a ser seguido, que podemos antever se soubermos sentir, ver e ouvir, medir, contar e pesar, os fatos que nos cercam, ou preparando os alicerces da ponte do futuro para os nossos descendentes, nós que somos presentes e construtores obrigatórios do amanhã, que logo será ontem, antigamente...

Fontes:
Mismará de 7 dias – Samuel Isaac Benchimol (Z'L) – 10/0702 – Jaime Samuel Benchimol
Ata HHONEN – Denis Benchimol Mnev
Trabalhos publicados pelo autor
Curriculum Vitae

A Cultura a Serviço da Comunidade

Oyama Ituassú

A apreensão do fenômeno cultural verificada através dos vários períodos etários da caminhada do homem sobre a terra, vem demonstrar que o espírito humano encontrou sua verdadeira meta, na congeminação dos esforços feitos para unir a alma ao cérebro, o sentimento ao intelecto. É que, se bem atentarmos, a lenta peregrinação das trevas para a luz em busca do ideal, tem ensejado fases distintas na cerebração do homem, sempre em busca do aperfeiçoamento, para poder melhor prestar serviços, consciente ou de modo inconsciente, à humanidade.

Daí porque a cultura, como fato isolado, surge como conseqüência de um entrelaçamento histórico, do nada para o momento atual, a exprimir uma luta íntima que não só dignifica o homem, como também abre campo às mais variadas especulações em derredor das causas geradoras de sua criação. Porque a cultura, como o resultado do acúmulo organizado de conhecimentos, exprime algo mais que isso e vai representar, na realidade, a riqueza intelectual de uma geração, de um período determinado, ou mesmo de uma centúria de indagações, pesquisas, noites a fio de estudos e concentrações, para afinal exprimir-se em uma soma de vastos cabedais que passam a constituir um patrimônio indelegável.

Produto de demora elaboração, ela se apresenta em primeiro como uma face objetiva, ou seja nas obras que produz, e cuja criação constante configura para o homem o seu próprio mundo, um espaço particular em que ele se movimenta e progride.

Em uma terra despida desse conjunto de obras culturais, foge a razão de ser da presença do homem como ser consciente, considerando-se que sua significação deriva fundamentalmente de sua participação eloqüente no instante básico em que se transmuda de ser natural em ser cultural. É por isso que a paisagem humana é essencialmente constituída pelas culturas, pois só elas documentam ao mesmo homem a presença de um indivíduo que compreende, transforma e significa. Eis por que o homem se realiza como homem e emerge para o espaço humano da consciência de si mesmo, no exercício do ato da criação cultural.

Constitutivamente, a cultura é social e histórica, no sentido de que compreende e comunica às demais aquela soma de conhecimentos formadores de sua estrutura, em um sentido de utilização comum que vem dar a sua verdadeira dimensão. Pessoal em si, como acervo do processo de realização do homem como ser cultural, ela nem por isso desvirtua sua finalidade, que é elucidar e ter à mão tudo quanto necessita para avançar na senda harmônica do conhecimento geral, fechando-se em si mesma. Encarada sob o rosto social, serve e deve servir sempre à comunidade a que pertence.

O homem é ser histórico porque transforma o mundo, e se transforma também, pela cultura. Como tal, ele se compreende a si

mesmo e esta compreensão é, na unidade de um mesmo ato, reconhecimento de que se obriga a comunicar-se a outro homem, porque é, realmente, o quadro social da dimensão histórica do próprio homem, assinalando o momento em que os processos orgânicos de *hominização* são relançados pelos processos intencionais e conscientes de *humanização.*

Por isso, seu conteúdo exprime, como dilucida Lima Vaz, "o processo social e histórico constituído pelas relações de conhecimento e transformação do homem como natureza e pelas relações de reconhecimento do homem com o outro homem, processo que çria um mundo humano, e através do qual o homem se realiza".

Ora, a cultura assim entendida, emerge como uma qualidade pessoal, resultante de um esforço deliberado e prolongado, para a auferição de uma seqüência de fatos e conhecimentos que abrem novas perspectivas no setor do pensamento. Sendo o fruto de um processo consciente, mesmo assim deve pertencer com exclusividade apenas a um elemento determinado, ou, ao invés, ser posto ao alcance dos que buscam melhores horizontes intelectuais?

A indagação suscita aspectos peculiares que merecem exame e que se reduzem a três:

a) o homem como adquirente de acervo cultural;

b) a cultura como fenômeno isolado e

c) como determinado direta da aculturação coletiva.

Inicialmente , há que proclamar a luta heróica, desenvolvida a logo prazo, para a obtenção de um teor intelectual capaz de honrar e dignificar a espécie humana. Quantos e quantos milênios de obscurantismo foram vencidos pela tenacidade de poucos, que iam buscar nas profundezas do próprio ser a força criadora de uma nova expressão humana! Imaginemos a angústia dos que almejavam obter outras fontes de vida consciente, colhendo aqui e acolá, em lampejos de genialidade, pontos de luz que enriqueciam aos poucos o patrimônio individual. Mas o primeiro e decisivo resultado da revolução da razão é, precisamente, o surgimento num rítmo criador, que nos surpreende, de formas as mais variadas de um novo tipo de visão de século, onde o intento deliberado de racionalidade dá origem a um saber que, em seus métodos e na sua expressão, mostra a clara consciência da sua originalidade e o seu objetivo de explicação total.

O processo da cultura, com esse teor, já aparece na civilização hitita, na sumeriana, na egípcia, tendo em pouco menos de dois séculos um realce extraordinário com os sofistas que, na velha e gloriosa Grécia, criam a Filosofia, como forma privilegiada racional, passando o *saber* e *ciência* a girar em derredor da demonstração lógica, instrumento inigualável de que tanto e tão bem se serviram Sócrates e Platão.

De modo que, desde a admirável forma grega do raciocínio como método da razão, o *biós theoretikós* passou a ser um novo ideal de vida e humanidade. E então tornou-se curto o tempo biológico para o desenvolvimento do cérebro humano, se medirmos em uma escala de tempo cultural, pois o decurso das épocas nos conduzem a regiões de saber que tiveram seu explendor no que se convencionou chamar de civilização helênica e que, na realidade, pode ser considerada como a hera da razão luminosa e pura.

Desde então, os homens tornaram-se conscientes de sua presença no mundo e o saber a mola mestra a impulsionar a sua marcha na direção do infinito. Senhores das especulações

do espírito, aprimoraram-se na forma e transferiram toda a imensa gama de seus conhecimentos aos discípulos, que disputavam primazia na divulgação constante do que aprendiam e criavam, como decorrência da própria aprendizagem. A *enkiklios paidéia* passou a ser o alvo central e a cultura geral, expressa na realidade na admirável perfeição formal da axiomática euclidiana, dos tratados arquimedianos e das produções aristotélicas, constituiu-se a pedra de toque da luz grega que iluminou o mundo.

Já a essa altura o homem compreendeu que sua posição não lhe permitia egoísmo e passou a viver em termos de comunidade, transmitindo ao máximo a soma de conhecimentos que poderá alcançar. É que a aparição e o desenvolvimento do saber racional conferem um conteúdo inteiramente novo aos termos da equação saber e poder. Com seus critérios imanentes de validez e sua capacidade ilimitada de expressão e auto-renovação, o pensamento lógico torna-se, a um tempo, o instrumento e a forma do "sistema de idéias vivas" de que nos fala Ortega y Gasset, em que se exprime a cultura. A sua vivência, no dia histórico que começa com a aurora grega de razão, terá que ser uma vivência de saber racional: do seu método, do seu conteúdo, dos seus problemas, do seu ímpeto de progresso e, finalmente, de sua eficácia, que se manifesta na imensa superioridade de técnica racional sobre os procedimentos míticos, em toda a extensão do horizonte de cultura aberto pelo saber.

A amplitude do conhecimento grego, abrangendo o *méthodos* filosófico, do qual derivaram as pesquisas nos vários espaços-tempo que se tornaram o cerne das posteriores investigações, veio abrir caminho à humanidade para a compreensão da *paideia* helênica, especializou-se no terreno das preocupações estatais, gerando um Cícero e um Políbio, cujas obras penetram fundamente na consciência dos povos.

A precariedade das cousas materiais se evidenciou com o desmoronar do imenso império romano e essa queda, no seu aspecto cataclísmico, mesmo assim permitiu fazer sobrenadar do naufrágio a beleza do gênio criador. A cultura helênica permaneceu visível e rutilante e as especulações aristotélicas dominaram o mundo de então, com o sentido dogmático tão peculiar à fase nublada da Idade Média, mas não tão ensombrecida que despermitisse o aparecimento de exemplos isolados de homens sábios, que procuravam continuar na trilha do conhecimento aberto pela genialidade grega.

As contigências da época geraram o humanismo, cuja origem etimológica-humanista nos dá a noção de seu sentido e ele passou a significar o composto do saber humano em sua valoração intelectual alcançado por bem poucos e dentre estes, já nos fins do período medieval, abertas as clareiras do Renascimento como um pórtico iluminado, a figura, impressionante sob todos aspectos, de Leonardo da Vinci, cujas estatura mental polimorfa ainda hoje nos as – sombra pela excepcional capacidade de absorver, em um só, a cultura que normalmente caberia em uma vintena de eruditos.

Já a essa altura, era velho na China o processo cultural cuja expressão mais alta se vê no sistema filosófico de Confúcio, impregnado de um sentimento pacifista que procurava elevar a alma, em uma superação das próprias contigências da matéria. E o confucionismo, como doutrina mais política que religiosa, diferindo assim dos que procuravam criar um

mundo sob a direção divina, tem atravessado os milênios como um dos sistemas de aprimoramento do espírito humano.

Esse teor de acuidade filosófica não se perdeu nos tempos e o renascimento da cultura européia, quase que abandonada durante o medieval, propiciou a abertura de novas fontes de pesquisas.

A humanística voltou a dominar os espíritos e o poder de assimilação alcançou aos páramos, além de permitir a aplicação da inteligência cultivada aos fatos da própria época. Aí está a "Divina Comédia" danteana, estigmatizando em suas páginas os personagens vis de um período, assim como "II Príncipe", de Nicola Macchiavelli, estereotipa o quadro governamental.

A partir daí recomeçou a escalada e os humanistas, senhores de saber, tiveram o seu endeusamento em Erasmo, que nos legou "Elogio de Loucura", - livro pouco lido hoje e que deveria ser distribuído a mancheias tal a paridade atual com o que ocorreria na Europa do século XVII – como também nos *Querella Pacis*, - cuja belíssima frase "*dulceam bellum inexpertis*", exprimindo um instante de revolta ante a inconsciência humana, - preconizava para eles a direção do mundo.

A rememoração histórica tem uma finalidade: mostrar que a cultura não é apanágio de um ser nem privilegio de alguns. Constitui um aprimoramento do intelecto, pela acumulação deliberada e organizada de conhecimentos. A capacidade humana de aprender e enunciar idéias não tem limitação e os campos onde a cultura medrou são os mais diferentes, inclusive abrindo rotas novas em ideações antigas, em uma demonstração emocionante da ancianidade das cousas sobre a Terra.

Por isso, os grandes humanistas que se projetaram nestes últimos séculos, dedicaram-se à árdua colheita de dados culturais para alargamento do espaço intelectual da humanidade, encurtando cada vez mais o vazio ainda existente.

Daí porque a transformação da *paideia* tradicional, bem como o desenvolvimento da ciência e das técnicas racionais do saber, refletem-se nos conflitos que marcaram as áreas, no surgimento de escolas novas e novas idéias, que encarnaram outros tipos de cultura superior. A oposição entre a tendência retórica de Isócrates, por exemplo, e a disciplinação subjetiva do *mussen* e *zollen* de Kelsen, entre a noção do *ser* e do *dever ser* como normatividade sócio-jurídica, é profundamente significativa e demonstra que o "sistema vivo de idéias" permanece através dos tempos apesar das discordâncias, e em derivações delas mesmas.

O processo de aculturação, resultante do conjunto dos fenômenos resultantes do contato e contínuo, de grupos de indivíduos representantes de culturas diferentes, tomou um cunho universalista em sua finalidade e, em sentido mais concentrado, com uma destinação social que se explica pela singeleza da relação equacional *saber – humanidade*, preocupação primeira e derradeira dos sábios humanistas. É incompreensível a cultura fechada, aquela que existe apenas para o prazer interior, porém que nega sua própria razão de ser que é a transmissão dos conhecimentos hauridos ao longo da existência. Como inútil, sob a feição da coletividade, a que decorre de colheitas superficiais e sem profundidade dos grandes mares. Realizada com um sentido de auto-consciência e objetivo que põem à margem as preocupações egoísticas, a cultura, expressão mais alta do saber, surge como aquisição de

conhecimentos cujo exercício abre ao individuo o caminho de uma realização humana mais alevantada e cujas obras exprimem a perspectiva universal, que é a sua destinação face ao grupo, no seu projeto mesmo de existência e utilização sociais.

Posta, dessarte, ao serviço da comunidade, a cultura alça-se ao seu verdadeiro destino e não há por que indagar das interrelações entre o *status* do homem e a aquisição da riqueza intelectual. Poder-se-á vislumbrar uma inter-causalidade entre as condições econômicas e o progresso do saber, individualmente considerados, isto é, como uma relação de causa e efeito, produzindo no homem o despertar de energias insopitadas e insuspeitas para vencer as dificuldades do meio ambiente? Somos uma geração de auto-ditadas,como também o foram os mestres gregos, e nem por isso se sentiram eles amesquinhados pela asperezas, então muito maiores, encontradas para a obtenção do saber.

Embora com as dificuldades pertinentes a quem adquire acervo mais cuidadoso, o esforço individual sempre partiu das camadas mais desfavorecidas e a ânsia de crescimento interior tem superado a pobreza contigencial. A cultura não se prende e nem se lianiza a conceitos econômicos e se há privilégio na sua aquisição, cabe ele aos que dispõem de luz interior. De um modo amplo, homens de pensamento e que o possuem em profundidades abissais, nasceram, do nada e se transformaram em tudo, mercê de uma prodigiosa estrutura mental que lhes propiciou o respeito dos séculos.

Há em nós uma extraordinária capacidade criadora, bem verdade que impregnada, em sua maioria, de um instinto materialista peculiar à época que atravessamos. Alguns despem-se das roupagens exteriores dos bens corpóreos e diligenciam no enriquecimento do espírito. Só os homens desse tipo – Ghandi, Bertrand Russell, Schwertzer, Bergson, cada um vivendo vidas que são marcos na Historia -, constroem a humanidade e fazem um mundo melhor, porque fizeram se seu trabalho uma oferenda permanente ao culto do saber humanístico, dignificando e dando razão de ser à humana existência.

Ninguém, nos dias de hoje, pode pensar mais em termos de isolamento egoístico. A civilização tende a construir um espírito universal e dentro dele, e para ele, vivem e produzem todos quantos fazem da cultura uma forma de prestar serviço à humanidade. O processo cultural é um dos instrumentos usados para o dilargamento do sentido humano e a preparação constante que se realiza a prol do desenvolvimento intelectual, assume papel de realce em um mundo que vive à base da ciência, da técnica, que em si são componentes da moldura cultural, que se manifesta sob todas as formas do entesouramento de conhecimentos.

A agudeza mental do homem não está apenas na absorção de textos e na experimentação de fórmulas, mas também no meditar, que é o meio para operar-se a sedimentação da cultura e dar-lhe força e consistência a fim de poder atingir seu alvo. Meditação que encontra seu modo de ser na "Imitação de Cristo", escrita e coletada na santidade monasterial da Idade Média por monges desconhecidos e que se atribui a Thomas de Kempis, e onde se lê que "os que têm muita ciência gostam de ser tidos e aplaudidos por sábios", aconselhando moderação no desejo desordenado de saber, que gera muita dissipação e muito desengano.

Forma de cultura anímica muito ao sabor da vida contemplativa e que é o apanágio sacerdotal à época, nem assim foge ao conceito

de cultura porque revela um aprimoramento impressionante para a perfeição íntima do ser humano. Meditação escrita que ainda hoje contem verdades irrespondíveis e cuja leitura oferece consolo às nossas angustias e amarguras, humildade nos momentos transitórios da gloria e até mesmo às nossa próprias faltas.

Que diferença entre esse tipo de cultura espiritual e a que nos oferece o "Fausto "de Goethe, obcecado pela sede da perfeição e pela descoberta da verdade inicial! Um Fausto, já sentindo as insinuações mefistofélicas na eterna luta entre o bem e o mal e que, desesperado por não obter o segredo da natura exclama:

"Ao cabo de escrutar com o mais ansioso estudo filosofia, foro, medicina e tudo, até a teologia... encontro-me qual dantes: em nada me risquei do rol dos ignorantes."

Porque a cultura é a insatisfação do saber e quem a tem busca a toda custo alcançar o inatingível, o completo conhecimento de todas as cousas. Contentemo-nos em saber o bastante para difundir o que sabemos aos demais, em uma contribuição pessoal para o bem-estar da comunidade e assim cumpriremos melhor a sua razão vital. Que cada um lhe dê um pouco de si, de seus conhecimentos, do que pôde colher e não se ponha na torre de marfim das próprias ilusões. E assim fazendo, estaremos incentivando o despertar de novas inteligências, no afã de fazer crescer a cultura.

É que, como disse o magistral Goethe – e ninguém o disse melhor:

"O mundo espiritual a ninguém é vedado.
O porque o julgas tal
É por teres o senso obtuso
e o coração defunto.
Rompe a inércia. Expulsa a indecisão discípulo covarde
E engolfa-te brioso no que entrevês."

Poetas amazônicos: A poesia nativista de Almir Diniz

Newton Sabbá Guimarães

AS LETRAS do Norte foram sempre escassamente conhecidas aqui, pelo Sul, uma fatalidade geográfica, se assim se pode dizer, pela falta de difusão de uma região tão longe, ou os bons nomes das letras nortistas não souberam, espertamente, tratar da sua nomeada e fama, como vulgarmente se diz. No passado, o Pará deu grandes nomes à literatura pátria, como José Veríssimo, Inglês de Sousa, Eustáquio de Azevedo, Raimundo Moraes, Osvaldo Orico e outros, hoje obrigatórios nas investigações dos críticos das nossas letras. O Amazonas teve menos sorte e ficou mais silencioso: enquanto o Pará nos brindava um Dalcídio Jurandir em anos relativamente recentes como grande romancista, o Amazonas silenciava novamente, pois jamais saiu daquela bela e exuberante região um grande romancista, cujo nome ultrapassasse as fronteiras regionais, mesmo porque o seu nome mais ilustre, Álvaro Maia, contista, cronista e poeta, parece ter fracassado redondamente na tentativa de romance experimental regional e o seu **Beiradão**[1] é um livro insosso e cansativo e só com esforço e boa vontade consegue-se chegar ao final. Poetas, há-os de méritos, mas dificilmente chegaram a transpor as fronteiras natais e atribuo este aprisionamento à própria índole nortista, fechada, pouco ou nada comunicativa e extremamente regionalista. Penso que do regional se chega ao universal, mas os nossos irmãos ali continuam a achar que do regional se fica no regional e só no regional: não há, desgraçadamente, gente mais regionalista em toda República Federativa do que a amazonense. Veja-se, por exemplo, o fenômeno do boi-bumbá, hoje conhecido em todo o País, esse misto de carnaval e folclore canhestro, e suas cantigas sem som nem tom, que para os meus irmãos, são melhores do que o melhor Festival de Veneza ou as melhores "chansonettes" parisienses... É claro que um regionalismo que raia pela morbidez teria as suas dolorosas conseqüências e uma delas foi o fechamento de todo o amazônico ao resto do mundo. O regionalismo doentio pode levar ao isolamento, cercear horizontes, gritar, asperamente, o **não** ao humanismo e somente este pode levar o homem à vastidão universal. Em uma situação mais ampla e que envolva os perigosos tentáculos da política nacional e internacional, a cegueira do regionalismo, a postura obtusa e monótona do "só é bom o que é meu e no meu lugar", pode levar aos exageros da incompreensão do outro, ao egoísmo avassalador, ao ridículo e à tragédia mesmo – e não é demasiado lembrar as tragédias que ocorrem nessa velha e culta Europa, que, hipócrita e

[1] Maia, Avaro Botelho. Beiradão. Rio de Janeiro, 1958. 296p. No fim um glossário de termos amazônicos. Não traz indicação do editor, possivelmente edição do próprio autor. É uma boa descrição da vida interiorana, com muitos termos nativos e alguns diálogos bons, mas a excelência do romance pára aí. Um tanto cansativo e muito extenso. Por mais que o exótico exerça atração, o desenrolar da narrativa é pesado.

ironicamente, prega a unificação e o unionismo dos povos quando nenhum ser na terra é tão desunido e separatista quando o europeu... Mas o Amazonas não corre, com o seu exagerado bairrismo e regionalismo, perigo de atear fogo ao Brasil e ao mundo, longe disso, ali é das nossas plagas mais genuinamente brasileiras e ai está, ainda, um Brasil puro, profundamente mestiço, generoso, bom, ingênuo que, com muita dignidade, suporta a miséria e o atraso, além de ser uma das mais lindas regiões do Continente.

Pensava nisto tudo ao ler, com simpatia e emoção, poetas amazonenses que mereciam maior difusão em outros centros e que estão à espera de bom crítico que lhes descubra as belezas mais recônditas e lhes dê a devida e merecida divulgação. Tenho visto que este negócio de divulgação é pura questão de sorte, ou bom e persistente trabalho de difusão com o auxilio da propaganda, mesmo a mais cabotina e deslavada, a citação pela citação, o elogio mútuo rasgado, a igrejinha. Quanto grande escritor não jaz esquecido no fundo de tantas gavetas perdidas por este imenso Brasil, enquanto santas mediocridades sobem até às nuvens. Faz muitos anos, quando escrevia a minha tese de Mestrado em Literatura Brasileira, inventei e li, com mil olhos, um romancista mineiro de quem pouca gente ouvia falar: Amadeu de Queirós. Ele seria o tema central da Tese[2]. Que grande e extraordinário romancista, sensível, conhecedor da psicologia do homem interiorano, que debuxava caracteres rurais e universais ao mesmo tempo, com um domínio seguro da língua pátria, diálogos primorosos e riquíssima intertextualidade! Analisando-lhe a obra segundo o método estético-comparativo, trouxe autores como Rena Bazin de **La terre qui meurt**, ou o Louis Hémon de **Maria Chapdelaine**, ou o afrikâner Pienaar de **Die Keuse**, ou os nórdicos como o Gulbranssen de **Og bakom synger skogene** e o Hamsun de **Pan** ou **Unter Herbststernen**, livros em que a beleza da **scriptura** caminha de mãos dadas com a profundidade da análise das personagens e o fascínio das descrições e diálogos. Pois bem, pu-los ao lado do mineiríssimo Amadeu de Queirós e, em certos momentos, este ainda lhes era superior e muito mais humano e mesmo mais nordicamente soturno. E será que existe uma edição recente de **A Voz da Terra**? Será que **O Quarteirão do Meio** chegou a uma segunda edição? Quem leu e comentou **A Rajada**? Enquanto isso um homem de poucos estudos, que escreve pessimamente a língua pátria, arquirepetitivo e toleirão, que escreve de "coisas esotéricas" e magos e outras baboseiras, publica livrecos que atingem tiragens assombrosas, mercê de excelente propaganda editorial, de muito elogio, de muita "crítica" generosa e dirigida. É o triste destino dos livros e dos autores, aqueles e estes, os bons e os escondidos, os medíocres e os divulgados. A mídia encarrega-se de tornar célebres essas mediocridades.

E penso, novamente, nos poetas que acabo de ler, Almir Diniz de Carvalho e Gaitano Antonaccio, a cuja bondade e lembrança, devo o envio de suas obras e prazer que tal leitura me

[2] O romancista mineiro seria tema de minha Tese de Mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina, Letras – Literatura Brasileira. Estudei-lhe aquela que é, sem favor, a sua obra-prima e a única mencionada em uma das raras histórias da nossa literatura, que lhe deram acolhida, a de Nelson Werneck Sodré: A Voz da Terra, de que possuo a primeira – e, possivelmente, única! – edição. Relendo um Romance de Amadeu de Queiroz: Solidão e Angustia em A VOZ DA TERRA, apresentada no Inverno de 1922, foi aprovada e mereceu elogios por parte de membros da banca. São dois volumes e contém uma excelente bibliografia teórica além do corpus e obras de apoio.

deu, aqui registrada com admiração e simpatia também.

Tenho dito muitas vezes: é difícil que o crítico seja inteiramente neutro. Algo sempre há-de pesar-lhe na opinião, até mesmo a questão da empatia temática. Um fala do homem dentro da natureza, busca o universo sentindo o homem local – e, miraculosamente, escapa ao mau vezo da terra, o de querer permanecer caboclo **ad infinitum**, sem enxergar um metro à frente! – E refiro-me a Almir Diniz Carvalho, ou Almir Diniz, do seu nome de pena, mais maduro, também com maior domínio da linguagem, maior segurança nos delicados cominhos da normatividade gramatical que, digam o que disserem os moderninhos e defensores do "quanto pior, melhor", pesa muito. Como se pode transmitir algo se se claudica, redondamente, com o instrumento que serve de ligação entre a invenção do autor e a recepção do outro, seja o leitor especial ou o crítico, seja o leitor comum? O outro, Gaitano Antonaccio, também poeta, dono de vasta obra que abrange vários gêneros, da investigação histórica à sociologia, da crônica leve ao antologismo, é o cantor do amor – o erótico e lembro aqui a sutileza dos gregos quando tinham à sua disposição vários verbos para significar as diferenças e mudanças de amor, o amor da pátria, dos homens, o da família, o da mulher amada... – e da mulher. No momento, reporto-me ao primeiro, que passo em revista nesta páginas.

Diniz, que pratica o soneto de modo primoroso, é mais conservador e de leituras mais tradicionais e, sem ter a ventura de conhecê-lo bem, imagino que leu muito os autores portugueses e os brasileiros do passado: escreve pulcramente e lembra-me outros poetas da região pelo cultivo do soneto, como Américo Antony e Raimundo Monteiro, ou esse esquecido – Sebastião Norões pela divinização da mulher nos seus versos, ou Luiz Bacellar, pela simbologia com que trata a natureza e seus efeitos sobre o homem, possivelmente quatro dos distintos poetas amazônicos. E o bom que esse poeta tem e que encanta o leitor desde as primeiras linhas é a clareza: nada de hermetismo ridículo e forçado – que é um péssimo hábito que os maus poetas, os poetastros, possuem, o de quererem a fina força imitar, também pessimamente, Rilke, e andarem pelas nuvens dos pensamentos mais abscônditos e encipoados, mas Rilke era Rilke e, que eu saiba, só existiu um, das **Duineser Elegien**, era um letrado cultíssimo e refinadíssimo e não qualquer banabóia iletrado, sem gramática nem leituras metódicas, só munido de muita petulância e arrogância intelectual! – e isto como que se constitui na sua força-mor. Almir Diniz é claro como água da fonte pra usar de uma comparação barroca e contudo tão a gosto de muita gente. Nada de obscuridade estudada.

O seu livro, o primeiro que tomo nas mãos, **Encontros com a Natureza**[3], traz-me à lembrança um dos mais belos livros nortista, o **Amazônia Panteísta**, de Mavignier de Castro, cujos quadros e vinhetas, pintados a fogo e com paleta de variegadas tintas, em uma linguagem barroquíssima, à Aberto Rangel, o do **Inferno Verde**. O interessante nesse livro é a busca de uma metodologia aplicada à estética e Almir Diniz eleva a ordem à categoria de método quando divide em quatro partes os **Encontros** o que, convenhamos, empresta admirável coerência e unidade ao poema: 1. A natureza,

[3] Carvalho, Almir Diniz de. Encontros com a Natureza. São Paulo, João Scortecci, Editora, 1996. 110p.

segundo algumas de suas manifestações; 2. Das águas e coisas afins; 3. Da terra, da selva e dos elementos que as cercam e integram; 4. Das lendas e das quase lendas.

Profundamente impregnado da cor e cheiro locais, **Encontros com a Natureza** ressente-se da força telúrica da Amazônica pela temática essencialmente cabocla e pelo uso de regionalismo desconhecidos fora da região, acertado o poeta ao anexar breve glossário das palavras mais difíceis, infelizmente não de todas as que usa no livro. Há um começo metodológico do poema, há um extraordinário e cantante **bereshit**[4] do poema em que Diniz nos aparece bíblico:

> Era uma massa informe,
> gigantesca,
> grotesca,
> dantesca...
> grande como o mundo

em que se a enumeração adjetival faz com que o poema perca a grandiosidade a que se propôs o autor, por outro lado dá a idéia de algo que se cria, em um extraordinário e fortíssimo **fiat lux**. A bem dosada mistura que o poeta faz de palavras eruditas (sideral, por exemplo) e de um anglicismo de grande uso, ainda que um tanto batido, como flerte (do v. to flirt), tem o seu quê de belo e agradável:

> suavemente pisca
> faísca
> e num flerte sideral
> lança fagulhas.

Por sinal é corriqueiro no poeta este uso – quase diria: casamento! – de palavras comuns com palavras eruditas, quase sempre muito apreciáveis, mas que, em dados momentos, faz com que a expressividade do poema decaia. Há momentos em que o poeta consegue verdadeiros cromos que se tem a impressão de que está pintado em um quadro diante dos nossos olhos, como "Olho d'água" (p.19), ou "A selva" (2 p.29), ou "Graças" (p.15), ou o belíssimo cromo "Entardecer amazônico", que não resisto a tentação de citá-lo na íntegra:

> É verão! O sol descamba; a tarde desce,
> em leito de cristal se esvai, vertendo
> um arco-íris de luz – sinal celeste –
> num queixume de cor, desvanecido.
>
> No horizonte distante o ocaso cresce
> ao peso do **abat-jour** que vai descendo,
> vai tingido de sangue amor e prece
> as pálpebras da noite renascendo.
>
> Nuvens de fogo avançam, matizando
> de clarões e arabescos, resplendendo,
> na curva do infinito se afogando.
>
> Entre manchas de sol se despencando;
> no cálice da noite se envolvendo;
> na poeira de luz reverberando!

O que enfraquece sobremaneira o belo soneto descritivo é o abuso de palavras no gerúndio, causando certa monotonia, nada menos do que onze, em apenas quatorze versos!

[4] Palavra hebréia, a primeira que aparece na Torah, é a primeira palavra do Gênese e que dizer exatamente "No começo", "In principio", da tradução da Vulgata.

Cassiano Ricardo costumava polvilhar os seus poemas, mesmo os mais líricos, de giros e expressões populares, imitando o linguajar da gente inculta, para o que chamou a atenção o seu estudioso catarinense, Nereu Corrêa[5]. No mesmo mau vezo incide Almir Diniz algumas vezes, o que lhe tira a espontaneidade dos versos,em vocábulos e expressões como: "pra", "brabo", "de bobeira", "alopradas", "numa boa" e no uso indiscriminado de vocábulos de boa origem erudita e somente usados em Portugal, juntamente com palavras cujo uso se restringe ao Sul do País, como "guri", praticamente desconhecido em o Norte. São falhas metodológicas que, se não chegam a prejudicar a beleza do poema e sua extraordinária univocidade telúrica, emprestam-lhe, porem, um quê de artificial e de deslocamento. A geolingüística é uma força que o artista não pode ignorar, mormente se nele e sua obra existem o firme propósito de fixar uma região e o seu universo.

Ainda no campo lingüístico lembraria que o poeta consegue transmitir ao leitor de outras regiões a expressividade a linguagem cabocla, tão bonita, tão rica, tão multifacetada e dá-nos o retrato desse vocabulário vasto e preciso que, somente o domínio de palavras oriundas do tupi ou do moderno nheengatu e, um pouco mais afastadamente, do guarani, permitem a entrada no ainda indevassado universo amazônico, tentado por Euclides, Alberto Rangel, Raimundo Moraes, Álvaro Maia, Mavignier de Castro e outros menos ilustre que, nem sempre, lograram atingir esse intrincado acervo semântico. Também neste aspecto, **Encontros com a Natureza** é um livro que fascina e que se não lê sem admiração e entusiasmo pelas coisas do Norte. Almir Diniz viveu intensamente a Amazônia e seus mistérios, conhece-a como filho amante da região, passeou pelos seus campos e matas, pescou em seus rios e igarapés, viajou longas noites pelos seus paranás e furos e, curioso, sensível, inteligente, conseguiu de modo feliz, passar tudo o que viu e observou e sentiu para o papel, mas o experimento não deve ser imitado por quem não possua o mesmo conhecimento pois fará obra frágil, chinfrim, falsa. Isto me leva àquela anedota do político inculto e arquivaidoso que campava de jurista mas que de Direito nada conhecia e todas as vezes em que falava de algum assunto jurídico era para dizer bobagens pois, penetrar o mundo árido e difícil do Direito, não é dançar tango em noite de borracheira... Assim os maus artistas que, levados por uma vaidade desmedida e fiéis ao doentio regionalismo amazônico, pretendem deixar marcas desse regionalismo em suas páginas, que se acautelem e se autocritiquem posto que a precisão da linguagem envelopada no universo semântico tupi ou nheengatu, exige bem mais do que a vontade: quer-se a vivência, observação, sensibilidade, sentido de escolha. Lingüística não é brincadeira de apedeutas, é uma ciência muito séria, fria, seca, objetiva, que exige mais do que a nossa consabida e irresponsável mania de improvisar. Almir Diniz conseguiu, graças à sua vivência, sair-se às maravilhas, salvo naqueles pequeninos senões que em nada lhe desmerecem o livro. Poucas vezes em minha vida de leitor severo e

[5] Nereu Corrêa, estilista e ensaísta catarinense, considerado dos melhores, autor de bom estudo sobre Cruz e Sousa, escreveu, extensamente, sobre Cassiano Ricardo, cuja obra parece conhecer bem e publicou Cassiano Ricardo. O Prosador e o Poeta. 2ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro, José Olympio; Brasília, Instituto Nacional do Livro – MEC, 1976. xvi + 94p. Vide p.9 e seguintes. Nela, critica o mau vezo do poeta paulista de usar palavras plebéias em meio a bem soantes versos, no que me parece que a crítica tem fundamento. É o que também critico em Almir Diniz.

apaixonado, tenho encontrado livro de poemas com tamanha unidade poemática. Gerardo Mello Mourão tentou no seu erudito **Os Peãs**[6], em que segue, um tanto servilmente, as pegadas de Ezra Pound[7], o Divino, mas há enormes vãos e **canyons** e desvãos que como lhe rompem a unicidade. Almir Diniz, menos ambicioso e sem a exuberante erudição lingüística de Gerardo Mello Mourão, consegue-o pela sensibilidade que perpassa por todas as páginas, todos os versos.

Escreve bem como os **décadents** do **fin-de-siècle** brasileiro[8], ou os portugueses dos primeiros anos deste século que já vai no fim e, como aqueles, dir-se-ia um romântico **fuori tempo**, ou um artista, que, impegnado dos mistérios e bruxedos do inferno verde, resolve cantá-lo em tantíssimos versos, impressionistas e altamente descritivos, mas – e com que felicidade o digo! – sem a ridicularia do me-ufanismo nortista que cansa e irrita até os ossos! Se alguém tem de tecer loas ufanistas é ao nosso País, à nossa Pátria mais do que adorada e não a regiões: elas são apenas partes de um grande, imenso, gigantesco Brasil, a menos que, clarividente, sinta o regional como forma de atingir e **compreender** o Brasil. Não, mil vezes não, à vacuidade e à fatuidade do regionalismo; sim, ao sentimento de brasilidade; sim, ao universalismo; sim, à **civilisation de l'universel** de que falava Segnhor, a amais nobre expressão francófona da África moderna.

Eis, em palavras despretensiosas, as emoções que em mim despertou o belo livro telúrico de Almir Diniz: saudade, pela perda irrecorrível das raízes; saudade, pelo alontanamento e distância de um mundo que perdi e não é mais meu; saudade, de coisas que não conheci mais, perdido, ou melhor, transviado pelos caminhos do mundo; saudades, até de não sentir saudades de coisas esgarçadas pelo tempo mas que, apesar de tudo permanecem lá dentro, escondidos nos desvãos da memória, e a alegria de encontrar um poeta puro, puríssimo, sem sofisticação, sem esnobismo, um artista que domina a linguagem, que sente a fala amazônica até os fios dos cabelos – não era Publílio Siro quem dizia que "sensus, non aetas, invenit sapientiam"? –, que a reproduz com sabedoria e bondade humildade, um bacharel sem bacharelices, um inspirado das musas sem vedetismos, que consegue ser sempre um artista sereno, esteja a falar de uma lenda indígena, com a da lára ou os folclóricos e risíveis contos do boto, tão abundantes na Amazônia que até um antigo governador, homem de poucas letras, semi-iletrado, mas femeeiro incorrigível (bem haja, mormente neste nossos dias de louvação desmesurada ao homossexualismo, de incentivo e proteção aos **gays**, que desnaturam a feição máscula da nossa

[6] Mourão, Gerardo Mello. Os Peãs. Rio de Janeiro, Editora Record, s/d. 414p. Coleção "Carvalho Azul". Há várias edições do poema. Quis ser um épico brasileiro, moderno, algo assim como Ezra Pound logrou fazer com o seu formidável The Cantos, ou, bem mais recente, Derck Walcott com Omeros, em 1990, ou seja, dois anos antes de receber o prêmio Nobel de Literatura e que foi pioneira e excelentemente traduzido ao português por Paulo Vizioli, que antecede a tradução de notas sobres a vida e obra do poeta laureado.

[7] Refiro-me, evidentemente, a The Cantos, obra gigantesca, dificílima, complexa, com uma intertextualidade riquíssima, tornado-se das obras difíceis de ler-se em língua inglesa. Foi valentemente traduzida em português por José Lino Grünewald faz já alguns anos, em 1986, e publicada pela Nova Fronteira, do Rio de Janeiro. Traz boa Introdução do tradutor.

[8] Os decadentes eram primorosos estilistas e a eles me dediquei, por quatro longos anos, em um trabalho de investigação para a Universidade Estadual do Centro-Oeste, de que resultou a monografia *Decadentes & Esquecidos*. Um passeio pela literatura brasileira *fin-de-siècle* e primeiras décadas do século XX, ainda inédito.

Pátria!), levou às costas a alcunha de boto, pelas fêmeas que cantou e levou para o leito, como diz a lenda que o boto faz, em noites de luar..., ou esteja a compor um soneto primoroso como "Terra Caída", em que filosofa penitentemente e com uma tocante nostalgia sá-mirandiana em versos belíssimos que, uma vez lidos, jamais se nos esquecem:

> Horror, pasmo, tormenta, desventura:
> O terreno que afunda, carcomido,
> com fragor, no perau e na fervura...
>
> Um aceno de caos, que se mistura,
> no funil do rebojo embrutecido,
> à dor, que de sofrer já não tem cura...

Os versos de Almir Diniz, cantor da terra amazônica, são, para pedir emprestado um verso do grande poeta catalão Antoni Ribera[9]

> murmuris d'una terra d'encanteri

escritos – e, novamente, surrupio outro verso do artista mirífico de **Terra de Somni!** – em "llengua allà on acaben els llenguatges"[10], que deleitam e comovem, dos mais belos que tenho lido nos últimos tempos por um representante da literatura amazônica, que saúdo daqui, das frias serras sulinas neste começo de Outono e neblina, com satisfação por ter trazido um pouco do calor intenso, do verde e da selvagem beleza nortista. Vale, poeta!

Campos de Irati, 28 de março de 1999.

[9] Antoni Ribeira foi um bom poeta e dramaturgo catalão de meados deste século. Escrevia um catalão muito pulcro, tendo sido ainda tradutor de obras inglesas, algumas vezes premiado. A sua obra mais conhecida, de que extraio as duas citações ,é *Terra de Somni*. Barcelona, 1949. 99p. Não traz indicação de editor, possivelmente edição do autor. V. poema "Sobre el meu art", p63, de onde lhe retirei os versos que enriquecem o ensaio sobre o poeta caboclo.

[10] Op. Cit., p.63.

Barcos de Aniversário[1]

Max Carphentier

Moacir Andrade ultrapassa aquela totalidade de vida proclamada nos salmos. Ele começa agora a pertencer à categoria dos mais fortes, segundo o critério bíblico. Forte de vida. Fortaleza é a primeira palavra que o define. Somente a conjugação de forcas abençoadas poderiam ter fundido essa articulação de talento e energia, sonho e luta, que dilatou a consciência do mundo através de prodigiosos movimentos de beleza. A arte de Moacir é um transbordamento de vida tão vasto e perdulário, que mais parece ser o artista um campo de provas de desestudado embate entre as profundidades da luz e as feições da cor, as potências da criação e os limites do tempo. O léxico da compreensão pictórica revela-se insuficiente para exprimir o sortilégio de sua arte, e a linguagem do coração vacila na escolha dos termos que possam definir a riqueza de sua vida. Porém, escolho *fortaleza* como a palavra-senha que me dê acesso à raiz e a copa desse destino de homem-samaumeira.

A Infância

Foi em Manacapuru, amável esquina do Solimões, no sítio *Nova Esperança*, que transcorreu a primeira das dezenas de infâncias desses setenta anos. O menino via o dilúvio pacificado dos Andes escorrer diante de seus olhos, sob árvores batizadas de esperança. Ali certamente ele ouviu o primeiro apelo para se transformar no intérprete da água mais forte, da terra mais iluminada, do homem mais sensível do Planeta. Essas impressões poderosas do território da infância ele ainda hoje as distribui vida afora, como um menino perpétuo que desbarata as suas provisões pelas esquinas do mundo. Seu pai era nordestino. Veio então pela consangüinidade suprimentos inestimáveis de forças desenraizadas, de imensidão que anseia inexpremivelmente.

Exupéry, que pintou os nexos mais surpreendentes entre as diversas paisagens da natureza humana, um dia declarou que pertencia à sua infância, e com isso explicava a fonte de sua inatingível ternura. Moacir, que pintou a paisagem mais eloqüente dos elos entre a água, a terra e o homem, também pode professar a confissão do escritor francês, para identificar a origem do incrível suprimento de fantasia e vitalidade que esbanja com a paixão dos pródigos de Deus. Os que não perderam a inocência procedem generosamente com os seus dons, porque "deles é o Reino" inesgotável. Como seja um canal direto com a graça, a inocência é o âmago da fortaleza. Quem sabe seja este o segredo de Moacir Andrade.

Desenhar foi o primeiro dom manifestado pelo garoto de 8 anos. Sua mãe, Jovina Couto de Andrade, profetizou: "Meu filho, seus desenhos são lindos, um dia você será um artista e eu terei um grande orgulho de você". Parte dos desenhos dessa época estão

[1] Ensaio escrito em 1996, para prefácio do livro "Vaticanos, Batelões, Igarités e Ubás", que continua inédito.

preservados, no livro **O Traço e o Verso**, de Jorge Tufic.

Dessa infância, tenho a impressão de certos elementos vitais que nutriram a sensibilidade do pintor como os pequenos suprimentos oceânicos preparam a alma dos vulcões. Ao prefaciar-lhe, há anos, um livro de poesia, ainda hoje inédito, penetrei num mundo de sorveteiros, cascalheiros, acendedores de lampião, moleques de rua, casarões povoados de fantasmas, todas aquelas figuras clássicas que fazem da infância um território universal e ecumênico que jamais abandonamos. Com as lembranças do outro menino junto a mim, estive perdido num fundo de quintal, brincando todos os brinquedos, e vendo cair folhas, muitas folhas, verde, muito verde, isto é, vendo como a Selva começara a arrebatar o homem pelos galhos, digo, pelas mãos das árvores da infância. Quase todos esses versos Moacir os leu para mim, em tardes não sujeitas ao esquecimento, com uma espécie de voz vinda de alpendres, capturadora do passado.

Viremos a página da infância. Não antes que eu diga ao Moacir que também estudei no Grupo Escolar Ribeiro da Cunha, quando, defronte ao colégio, os reforços de um desnível da rua me pareciam os contrafortes de uma muralha, e a pequena praça, um pátio aberto às escaramuças iniciadas com o temível "vou te pegar na rua". Terminava-se o curso, na quinta série, com a translação de uma estrela de cinco pontas na mínima gravata.

Cruzado e Embaixador

No inicio da adolescência vamos encontra-lo na sua exposição, no dia 10.11.41, na abertura do Liceu Industrial. Aqui começa o périplo interminável que o levou às principais galerias e cidades do Brasil e do mundo, numa expansão de beleza nativista que já ultrapassa meio século. Esse fervor pode ser explicado como o coroamento de reação positiva do meio para afirmar o continente verde e a raça cabocla. A vida de Moacir de Andrade é bem a síntese do quando pode a vocação predestinada fazer pela ânsia universal de beleza, a partir da terra e do sonho amazônicos.

O caboclo sonhou como artista e viveu como embaixador, por isso a sua obra é, a um só tempo, a súmula e a proclamação da sua terra. E isso se deu num século devastador, em que o sonho do homem foi decisivo para a formulação pioneira das grandes linhas de defesa da Terra: o século ecológico. Essa página de luta pela integridade amazônica, com repercussão salvadora em toda a humanidade, representa um contributo à reabilitação dessa época que atravessou duas guerras mundiais e, não satisfeita, voltou-se com violência fratricida contra o Planeta. Nesse conflito, a arte, nas mãos de Moacir, foi pergaminho ancestral, aparição do irrevelado, lenço balsamizador. De tão absorvido na vertigem do anúncio, o corpo que sustentava esse processo estético de salvação sofria, vibrava, e em assomos de inúbia libertária reboava no mundo, despertando consciências, criando uma nova direção para o olhar dos homens. O gestual, entre cabelos revoltos e pincéis insones, impunha-se a qualquer horizonte ou visão que se aproximasse. Moacir Andrade fazia parte de uma pequena legião de anacoretas que, por não rezarem mais e partirem para o batismo direto das falanges contrárias, conseguiam a olhos vistos que os desertos recuassem. E eis que, aos poucos, em escala universal, a questão do meio ambiente desceu da arte para as provetas e os parlamentos, saiu do verso às ruas, das telas à legislação.

Ampliou-se a consciência política e a ação administrativa, plenas de disposição cicatrizadora ganha a partir do sonho. Mais uma vez, ficava constatado: a arte anuncia e salva.

Dezenas de exposições, assim nos quatro cantos do mundo, guardam necessariamente um sentido espiritual, pelo nível de doação e sacrifícios que envolvem. São cruzadas e peregrinações. Como cruzado, Moacir arrebata as "altíssimas ameias" da atenção internacional e conquista galerias como feudos para a arte amazônica. Como peregrino, segue debulhando a espiga de suas cores em terras longínquas, transfundindo a seiva da contemplação cabocla aos caules intercontinentais da beleza, bebendo seu Graal, realizando o seu Calvário. Desde oceanos vencidos a aeroportos estranhos, de leitos solitários a salas apinhadas, não se deixar de identificar na pertinácia dessas exposições o ardor de um apostolado, uma pregação inaudita. Ainda mais que cada exposição geralmente se faz acompanhar de uma conferência, reforçando a conversão aos primados amazônicos, num proselitismo ecumênico e eficaz. A voz geral dessa eloqüência de quadros e livros é integrada por lendas e bichos, gritos da terra, lamentações da água, silêncios de tapiri, febres de ribeirinhos, tudo compondo uma palavra intensa da condição humana.

Mereceu noticia no New York Times a exposição que fez no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, em Washington, em 1975. Notoriedade internacional, prêmios e medalhas foram-se somando. Finalmente, uma associação de arte concedeu-lhe, em Paris, o titulo de "maior pintor de paisagens do mundo". Estava consagrado o pintor e reconhecidas para sempre a magia e as demandas da floresta.

Depoimentos

Essas viagens do artista também se revestem da busca da comunhão do belo e da amizade entre os homens. Tanto é assim que, em torno de suas telas, não só fez brotarem aplausos, mas também nasceram amigos de coração aberto e admiradores de página assinada.

As dezenas de mostras do seu talento, catequizando a admiração regional e referências ultramarianas, são momentos valiosos do discurso ecológico movimentado pela arte. Todos, de alguma maneira, perceberam que não se tratava apenas de simples expedições, mas de vigílias amazônicas pelo bem do mundo, acesas entre o clamor da natureza e a determinação do espírito. Os lideres das grandes causas da humanidade impressionam pela clareza de suas convicções. O que os tornam arrebatadores, porem, é a impressão de que agem possuídos pela potência divina, que os transfigura, torna-os suspensos no momento mesmo da ação. Essa vibração misteriosa de alma, que instantaneamente sujeita os fatos às harmonias primordiais do homem, cumpre também através do afeto o esclarecimento e a efusão do próprio espírito que a anima. Assim, muito foram os que ternamente interpretaram o ser e a missão conjugados no artista.

Citemos alguns desses depoimentos. Jorge Amado considerou que Moacir Andrade é "carne e sangue de seu povo". Guimarães Rosa encontrou em suas telas a "luz de um amarelo a um tempo telúrico e transcendente". Câmara Cascudo o chamou "monge de Aparecida". Menotti del Picchia avalio-o como "o maior e mais importante intérprete da paisagem humana e botânica da amazônia". Para Gilberto Freyre, o trabalho de Moacir, na interpretação do "trópico

anfíbio", "não representa uma fase na sua arte, mas a realização contínua de uma vocação quase religiosa".Entre os admiradores estrangeiros, temos Jean Paul Sartre, que escreveu: "Moacir Andrade registra nas belezas de suas telas toda a grandeza do fabuloso Amazonas". Eurico Alves soube assinalar: "Moacir Andrade apareceu num momento decisivo e crítico da história milenar da Amazônia, para cumprir uma missão messiânica". Gabriel García Márquez sintetizou: "A obra de Moacir Andrade é um gesto largo e eterno de formas e cores, uma poderosa energia injetada nas veias da arte universal – presença permanente da Amazônia brasileira".

Com Ferreira de Castro manteve uma amizade que venceu várias vezes a larga muralha do Oceano, e que Eurico Alves encarregou-se de velar depois que o romancista partiu, cuidando da Associação Internacional dos Amigos de Ferreira de Castro. É como se Eurico Alves tivesse ficado com o coração do português, para que o brasileiro continuasse recebendo resposta aos reclamos da fraternidade que os juntou. Entre outros méritos, essa mística que tem a Associação, de reunir corações que se buscam entre o efêmeno e a eternidade, merece o respeito de dois continentes.

E foi Ferreira de Castro quem escreveu em depoimento de 1969: "Situado entre os melhores pintores contemporâneos, Moacir Andrade transformou o seu trabalho num veículo afetivo para divulgar a continental área amazônica, com toda a plenitude de sua beleza singular, sobretudo o universo de sua inesgotável mitologia."

Sejam de Vinícius de Morais, que o considerava um "desses gênios perdidos e raros como o cometa de Halley", as palavras com que enfeixo esses exemplos de admiração geral: "Sua obra cheia de grandeza, hipnotismo estético, e muita poesia desperta, cria, sacode, revoluciona, enlouquece, prende e emociona até a estesia."

Aniversário com Barcos

Agora Moacir lança "Vaticanos, Batelões, Igaritès e Ubás", cornija de desenhos, para festejas seus setenta anos de idade. E não será só porque barcos têm velas de prosseguir como os bolos têm velas de apagar. Eles comparecem a festa como convivas que portam significados a partir da unção primordial da água, que com eles convivem, e do mistério do horizonte, que diariamente decifram.

Penso que cedo Moacir descobriu que os barcos são seus irmãos mais próximos na natureza criada pelo homem. Irmãos pela vocação de liberdade, pela disposição peregrina, pelo solidário amor aos habitantes da Selva.

Do artista Raimundo Moraes ao cientista Samuel Benchimol, o destino econômico e sociológico, a saga antropo-geo-política dos barcos da Amazônia já foi descrita. E é sem nenhum esforço dialético ou imaginativo que concluímos que eles possuem missão e fisionomia quase de homem, humana mesmo, entrelaçamento essencial que têm com a vida ribeirinha, da qual absorvem e fazem transitar a contemplação aquática, as potências da Selva, a cosmovisão sustentada pelo homem mesopotâmico.

O ponto mais profundo da identificação que Moacir pode ter com os barcos está nesse nomadismo que promove e dissemina os elementos gerais da vitalidade amazônica, o ir e vir sob o fardo de riquezas e símbolos, vozes e frutos da emplumada terra, rebanhos fartos que percorrem os rios, prodígios de sobrevivência da aventura humana na linha do Equador.

Foi aí, nessas estruturas que submetem o império líquido, que encruzilham os arcanos da terra com as revelações da água. Aí, nesses remos e lemes que articulam um ponto belo e especial da tensão entre o homem e a natureza, em que se alcança, sob o fascínio e a dor, a visão da Terra como ecossistema cósmico, foi aí que Moacir percebeu que a gestação de um novo mundo seria primeiro proclamada como preservação de matrizes de lenda e realidade. Um trabalho de sonho, identificação e salvamento, invasão de meridianos e permanência nas seivas, uma disposição para ser ponte e para sacrificar-se no anúncio, como os barcos com seus conveses de frutos e notícias. E aí Moacir viu que eram os barcos seus irmãos. Deu-se então o crível parentesco da quilha com o homem, do mastro com o pincel. E horizontes superiores se dilataram.

E eis que comparecem os barcos à festa do seu irmão, nesses desenhos que são sábios por terem absorvido do impressionismo a idéia de que a perfeição do traço limita o significado do objeto. Chegam, portanto, amplos, profundos e universais. Vêm na sua indumentária de ventos, com o olhar feliz de quando reencontram a estrela do norte, os mastros trazendo a saudade de uma gaivota, os lemes ainda embriagados pela rosa dos horizontes. Chegam e cumprimentam aquele que os encantou em tantas telas. Chegam e recordam. Falam de sua infância, em que foram igarités e ubás, caravelas de meninos. Falam de sua juventude como "vaticanos", moços companheiros dos botos na sedução das margens e donzelas. Consideram sua forte maturidade de batelões, mercadores das águas, em caravanas perdidas no deserto líquido. Recordam gritos de lamparinas chamando por eles nas trevas das barrancas, recordam frutos crescendo nos porões, crianças nascendo nos conveses, lendas contadas na proa, águas na popa cantando. Todos eles suaram em banzeiros para a construção do homem e povoaram as águas, como os peixes de Deus, para ouvir os apelos da Terra. Moacir os recebe. Abraçaram-se na comunhão dos que contemplam o mesmo horizonte. A Selva é novamente proclamada. E todos crescemos mais um pouco, entre o remo que busca e a estrela que se afasta.

Lembrança de Aristophano Antony

Elson Farias

De volta à taba, não perdi tempo. Com um grupo de nobres companheiros, fundamos a UBE – União Brasileira de Escritores, Seção do Amazonas, instalando-a em uma das salas da Associação Amazonense de Imprensa. Entre os objetivos da UBE, estava o que atraia o nosso maior interesse, que era, exatamente, apoiar o escritor preparando os caminhos de sua profissionalização. Inauguramos uma pagina literária no suplemento dominical do *Jornal do Comércio* e pusemos em prática um programa editorial em parceria com a Editora Sérgio Cardoso, de Manaus, convertido na Coleção Sumaúma. Lançou-se, nessa coleção, *O mostrador de sombras*, coletânea de ensaios sobre cinema de Márcio Souza; *Mundo mundo vasto mundo*, contos de Carlos Gomes; e *Cartilha do bem amar com lições do bem sofrer*, poemas de Farias de Carvalho.

Instituímos o Premio Jaraqui de Literatura, sendo o seu primeiro vencedor o jovem poeta Aldísio Filgueiras, com o livro de poemas *Estado de Sítio*, que, afinal, após ser editado na Coleção Sumaúma, foi censurado pelos órgãos de repressão do pensamento e da criação artística, instalados no seio da vida brasileira a partir dos idos de 1964. Este fato produziu água na fervura. As atividades da UBE arrefeceram-se.

Mas, antes, a UBE amazonense já havia sofrido um desagradável assédio, de que me ocupei em outros lugares e a ele volto agora por tratar-se de um apisódio curioso, a revelar o quanto somos perturbados quando elegemos estilos de vida incompatíveis com a rotina, tentando mover uma palha a mais na mudança das coisas.

Um dia o elegante acadêmico Aristophano Antony, então presidente da Associação Amazonense de Imprensa, chamou-nos em seu gabinete e, com a fidalguia que o caracterizava, avisou-nos de que lhe chegaram aos ouvidos notícias sobre as nossas atividades e que a UBE não passava de uma organização subversiva, estando nós todos a serviço de ideologias nocivas à sociedade brasileira.

O nobre jornalista apressara-se, no entanto, a confessar-se um cético no exame de tais fatos vistos já ter vivido momentos semelhantes, com prejuízos de sua própria família. Disse-nos que sabia muito bem o que era a UBE, nada tendo a ver com célula de ação política de esquerda ou de direita, e sim um órgão dedicado à proteção do escritor. Mas nos recomendava cautela, porque poderíamos ser surpreendidos a qualquer momento com atos de violência a vulnerar a nossa integridade civil.

Confesso que ficamos apavorados. Debatemos o assunto em reunião e decidimos levar nossas preocupações ao Governo do Estado, ninguém menos que o Professor Arthur Cezar Ferreira Reis, um dos intelectuais brasileiros mais respeitados em assuntos da

Amazônia, com uma ampla folha de serviços prestados aos interesses do país, com a condição essencial de ser um amazonense de boa cepa.

Chegamos em seu gabinete do Palácio Rio Negro e o Governador nos recebeu sem deixar-nos mofar nos chás de cadeira a que, em regra, se submetem os postulantes, nas audiências de autoridades desse nível.

Ouviu-nos, atentamente, e, referindo-se aos agentes das ameaças a que aludira o ilustre homem de imprensa Aristophano Antony, balançou a cabeça em gestos característico de seu modo de ser e fuzilou:

- São uns bestalhões! Vocês têm aí uma proposta da UBE?

Abrimos uma pasta com que andávamos para todo lugar aonde íamos e tiramos de lá um exemplar do formulário de proposta de associado que o Governador Arthur Reis assinou, em branco, autorizando-nos a dar ao fato a mais ampla publicidade.

Não tivemos dúvida, saímos de palácio direto às redações dos jornais. Noutro dia, estava a notícia estampada em primeira página de todos os matutinos. A partir daí a UBE recebeu a adesão de todo o mundo e passou a caminhar em águas serenas até o dia em que a censura garroteou o livro de poemas de Aldísio Filgueiras. Nesse tempo o Professor Arthur Cezar Ferreira Reis já tinha deixado o governo e não residia mais em Manaus, de volta ao Rio, onde exercia as suas atividades de professor universitário.

Valeu a lição do mestre Aristophano.

(Excerto do livro de memórias intitulado *Uma casa na beira do rio,* em preparo.)

Honra ao Mérito de Hemetério Cabrinha

Moacir Andrade

Conheci o poeta Hemetério Cabrinha em 1941, quando o Governo Federal inaugurava as novas instalações do edifício do Liceu Industrial de Manaus, hoje Escola Técnica Federal do Amazonas. Naquela chuvosa manhã de novembro, ele estava acompanhado dos poetas Veloso, Américo Antony e Heitor Veridiano, intelectuais bastantes conhecidos em Manaus.

Hemetério Cabrinha logo destacava-se dos demais pela sua voz barítona e o hábito salutar de falar bem e se comunicar facilmente com as pessoas que o cercavam. Sempre vestido de calça e blusa brancas (raramente usava paletó), foi um dos oradores na inauguração de mostra dos meus desenhos naquela manhã memorável em que o orador oficial foi o meu inesquecível amigo prof. João Crisóstomo de Oliveira.

A partir daquele evento eu estava interno no Liceu e só tinha notícias de Hemetério pelos jornais ou pela "Voz da Baricéia", em que muitas depois do jantar, nos programas pelos Wuppschlander Lima, Donizete Gondim e Gebes Medeiros, podiam-se ouvir seus poemas declamados pelo também poeta Carlos Ouro Farias de Carvalho, mais conhecido por Farias de Carvalho, que possuía uma voz magnífica para declamar. Recordo-me de uma festa que o nosso diretor prof. Luis Paulo Sarmento, também poeta, convidou Hemetério, Gebes Medeiros, Lizardo Rodrigues, Heitor Veridiano e outros para as solenidades que se feriram naquela manhã.

Durante o almoço, Hemetério Cabrinha fez um belíssimo discurso elogiando a escola como formadora de profissionais para o desenvolvimento e grandeza do Brasil, já que ele próprio tinha como profissional a carpintaria, muito utilizada naquela época em que quase todas as construções da cidade utilizavam a madeira para assoalhos, estrutura dos telhados, escadas, forros e uma infinidade de outras utilidades. Nessa manhã, os alunos aplaudiram-no de pé, após o termino de sua palavra.

Espírita por convicção, Hemetério Cabrinha freqüentava uma tenda no bairro da Cachoeirinha e em sua própria residência numa vila muito humilde na rua dos Mundurucus, quase esquina com a Quintino Bocaiúva, onde também recebia seus correligionários e pessoas que o procuravam para amenizar seus problemas físicos e espirituais, inclusive o Farias de Carvalho, que também fazia parte da irmandade e companheiro até a hora de sua morte. Amigo das personalidades mais eminentes da capital amazonense, era sempre convidado para participar de saraus lítero-musicais e de tertúlias memoráveis em que não faltava um Parati de boa qualidade.

Quem quisesse encontrar esse grande homem bastava se dirigir ao bar Leão de Ouro, na esquina da avenida Eduardo Ribeiro com a

rua Henrique Martins, quase todos os fins de tarde, onde se reuniam: o ministro Waldemar Pedrosa, escritor Mavignier de Castro, Aristophano Antony, Adriano Jorge, Nunes Pereira (quando vinha a Manaus), André Araújo, Péricles de Morais, Anísio Jobim, o poeta Heitor Veridiano, Veloso, Dr Abílio Nery Álvaro Maia, Rui Araújo entre outros.

Certa vez, Waldemar Pedroza sugeriu ao dono do bar que pintasse um leão na parede dos fundos do salão, proposta que foi logo aceita pelo proprietário e todos os presentes. Logo convidaram o único pintor em Manaus que poderia realizar a obra Branco e Silva, conhecidos de todos. Branco e Silva veio examinou a parede e sugeriu que a pintura deveria ser executada sobre a tela e depois colocada no lugar onde ficaria permanentemente, além de outras exigências que acharam descabidas. O grupo descontente com a resposta do artista em questão, procuraram outro.

O ministro Waldemar Pedroza que era muito querido do grupo, lembrou-se de um pintor muito conhecido residente no município de Itacoatiara que bem poderia executar a obra. Como o ministro ia a essa cidade naqueles dias, ficou encarregado de trazer o tal artista para materializá-la. Dias depois, estava em Manaus acompanhado de um pintor muito humilde que se chamava Ubirajara, que dizia jamais ter um leão e por isso não sabia pintar o dito cujo. Para não perder a oportunidade, ensinaram ao pintor como era um corpo de leão, sua juba, a cor, etc... Até desenharam e pintaram com lápis de cor um leão num papel, para facilitar a compreensão do artista.

Hospedaram o Bira num dos apartamentos do Hotel Central da avenida 7 de setembro, esquina com a rua Marechal Deodoro, onde deveria ficar até o término de sua obra.

Construíram andaimes, cercam-no com uma imensa lona e criaram um ambiente privado, onde o pintor pudesse executar tranqüilamente a sua pintura. Uma semana depois, lá estava o Leão garbosamente pintado a óleo, para que os freqüentadores do bar o admirassem.

No dia da inauguração da obra, presentes todos os intelectuais freqüentadores da casa, foi retirada a lona que cobria a pintura. Waldemar Pedroza, pai da idéia pediu ao poeta Hemetério Cabrinha ali presente, que dissesse algo sobre o magnífico trabalho de Ubirajara.

Nessa hora todos já estavam devidamente calibrados, inclusive o Ubirajara que presente não dizia uma só palavra. Hemetério, em atitude solene, com a mão sobre o ombro do Birinha, falou: Ubirajara, Ubirajara, grande pintor de Itacoatiara, que pintou o Leão de Ouro com cara de capivara. Ouvindo isso, o pobre Bibi baixou a cabeça chorando, exclamou: bem que eu disse que nunca tinha visto um leão.

Quando o presidente Getúlio Vargas veio à Manaus em 1940, ocasião em que houve um a grande concentração de estudantes e povo na antiga praça General Osório, foi Hemetério Cabrinha escolhido para falar em nome dos operários. Seu discurso inflamado foi intensamente elogiado pelo presidente que, abraçando-o, apertou-lhe a mão calosa parabenizando-o pela sua palavra. No dia da inauguração do Parque Dez de Novembro, foi Hemetério Cabrinha que agradeceu ao Prefeito Antonio Maia em nome de todos os municípios "esse régio ao povo de Manaus".

Eu residia naquele ano na rua Dr. Machado nº 115, trecho entre a avenida 13 de Maio, hoje Getúlio Vargas e rua Tapajós, onde

recebi inúmeras vezes Hemetério Cabrinha, que lia sempre para mim seus belos poemas. Um dos seus últimos livros teve a capa de minha autoria, intitulado "Frontões". Hemetério Cabrinha foi contemporâneo do seu Quintino Cunha e para cá vieram no início do século passado. O poeta era 17 anos mais novo que seu colega Quintino Cunha.

Quando foi vitoriosa a chamada revolução de 1924, em que foi deposto do Governo o Desembargador Rego Monteiro, foi Hemetério Cabrinha que fez o discurso de posse do interventor Tenente Ribeiro Junior no Palácio Rio Negro, em nome do povo do Amazonas.

A vida desse emérito homem de letras foi intensa e gloriosa. Humilde, mas sempre demonstrando felicidade, jamais manifestou aos seus amigos um só instante de insatisfação. Trabalhava e escrevia intensamente, deixando para a posteridade livros de poemas que são verdadeiras velas votivas de grandeza espiritual.

Todas as pessoas que o cercavam, reconheciam a sua cultura e bela voz bem postada, sua extrema simpatia e o convidam para discursos, eram eminentes homens públicos, governadores, ministros, secretários de estado, senadores, deputados e membros efetivos da Academia Amazonense de Letras. Jamais foi convidado para fazer parte da Academia de Letras ou para um cargo numa função pública qualquer. Homem muito inteligente e de uma dignidade impoluta, nunca implorou algo em seu favor.

Esse homem, que foi um dos maiores poetas e homem de letras de todos os tempos, morreu só, num quarto de estância onde residia na rua dos Mundurucus. Lembro-me com se fosse hoje, poucas pessoas velaram seu corpo inanimado. Acompanharam seu féretro ao cemitério São João Batista, para onde foi levado pelos seus amigos a pé, entre os quais Farias de Carvalho, Heitor Veridiano, Sebastião Norões, Djalma Passos, Moacir Andrade, Gebes Medeiros, Américo Antony, Paulo Sarmento e alguns familiares. Nenhum dos seus eminentes amigos estiveram presentes.

Hemetério Cabrinha morreu na madrugada do dia 12 de fevereiro de 1959, num quarto de uma velha estância da rua dos Mundurucus, sob uma chuva torrencial que se prolongou por toda manhã.

Hemetério Cabrinha nasceu na capital do Ceará, Fortaleza, no dia 3 de marco de 1892, onde viveu a sua infância. Enfeitiçado pelos cantos da sereia, na época áurea da borracha, emigrou para o Amazonas, fixando residência em Manaus, onde trabalhou na função de carpinteiro, angariando largo círculo de amizade pela sua honestidade e cultura.

Colaborou em vários jornais do Ceará, e em "A Constelação" do Rio de Janeiro e "O Malho" de São Paulo.

Dentre os livros publicados destacam-se: "Frontões", "Satã", "Clube da Madrugada", "O meu Sertão" (poesia), "Caim" (poesia), "Cristo no Corcovado" (poesia), "Vereda Iluminada" (poesia), alem de inúmeros artigos e poemas publicados nos jornais de Manaus e do Sul do país.

Eu era professor de Educação Artística do Ginásio Amazonense Pedro II e tive a grande honra de convidá-lo para proferir palestras sobre poesias, o que ele fazia com prazer. Acompanhava quase sempre os companheiros do Clube da Madrugada em suas desobrigas culturais pelos colégios e associações sócio-culturais pela periferia de Manaus.

Um dos mais belos discursos que ouvi de Hemetério Cabrinha, foi o que ele preferiu à beira do túmulo do poeta Jonas Fontenelle da Silva na tarde do dia 05 de junho de 1947, no cemitério de São João Batista, ocasião em que ele declamou um poema de autoria do morto, arrancando lágrimas de todos os presentes.

Reconhecendo embora tardiamente a grandeza moral e espiritual de Hemetério Cabrinha, a Academia Amazonense de Letras, Academia de História do Amazonas, Associação de Escritores do Amazonas, Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, União Brasileira de Escritores do Amazonas, Clube da Madrugada, Academia Amazonense de Poesia e Instituto Municipal de Manaus, resolveram por unanimidade erigir na Praça Heliodoro Balbi, mais conhecida como praça da Polícia, um monumento à memória desse poeta imortal.

Olhada em meus 74 Anos de Vida

Arlindo Porto

No instante em que chego ao meu 27.010º dia de existência, vencendo mais uma vez, pela graça do bom Deus, a sombria estatística que estabelece para os homens deste pais o tempo médio de vida em 65 anos, proponho-me a encetar uma rápida jornada rememorativa do que foram esses anos todos de viver, embora sabendo que, com isso, corro risco, em certos pontos, de ser considerado imodesto por alguns poucos que – sem que eu saiba por qual o motivo –, não vão muito com a cara que papai e mamãe me deram.

Não importa. Correrei o risco, com a consciência plena da certeza de que não estarei mentindo.

Nos dias que precederam o 15 de fevereiro de 1929, era eu uma coisinha assim, de nada, nadando ainda no líquido, que o corpo de Dona Inácia, minha mãe, criara em seu ventre, por iniciativa do "seo" Haroldo, seu marido e meu pai, para que ali eu me desenvolvesse, depois de transformado de embrião em gente. Para o que eles queriam mais uma boquinha participando de sua frugalíssima mesa, acho que só a vontade de Deus explica, porque já nessa altura, com uma trinca de filhos – Maria, José e Mario – vindos antes do signatário destas mal traçadas linhas, eles já atravessavam aperturas no tocante ao baco-baco da turma, papai carregando bagagens no cais do porto e mamãe lavando roupas alheias.

Felizmente – e ai é quando se confirma para mim a mão boníssima de Deus -, um vizinho deles, Aristeu, que morava em frente ao barraco onde eu nasceria, ali na rua Nhamundá, perto da Av. Joaquim Nabuco, e que tinha a opima renda, para a época, de Guarda Aduaneiro, se auto convidara para ser o meu padrinho e se tornou, com isso, o meu protetor, quase um pai adotivo, acompanhando-me e ajudando-me por toda a vida. Praticamente, todos os custos operacionais de minha infância, meninice e juventude, desde alfabetização até quando eu deixei a "jaqueira" da Praça dos Remédios, empossado em um canudo de bacharel em Direito, foram bancados por aquele ser humano generoso, de uma grandeza moral imensurável, doado por Pernambuco ao Amazonas, estado este que ele muito amou e que hoje lhe abriga os restos mortais. Fiz todos os meus estudos em escolas particulares pagas pelo Teteu – hipocorístico infantil que minhas primeiras falas deram ao meu padrinho -, conhecendo mestras como Eglantina, Rolanda e a Beatriz e outras que me desasnaram nas primeiras letras, com elas aprendendo a ler e a escrever, além de várias outras que a voragem dos anos engolfou no esquecimento. Nas escolas do chamado curso elementar, antes da chegada ao então Ginásio Amazonense Pedro II (hoje Colégio Estadual do Amazonas), recordo relações de aluno para mestre com Pedro Silvestre (Colégio Brasileiro) e Francisco José de Maria Villa (Colégio Christophoro Colombo), que me ensinou um dia que "o ódio é um veneno que antes de atingir o seu alvo, já envenenou o coração de quem o

sente". E também que: "quando atirares lama contra alguém, antes de atingires o teu objetivo, já sujaste a tua mão com a imundice".

Chegada ao Colégio Estadual naquele ano em que o Japão atacaria Pearl Harbour (1941), desencadeando a guerra no Pacífico. Junto com Phelippe Daou, Raul Mendes, Gilberto Mestrinho, Sandoval e José Júlio Gomes de Oliveira, Jorge Teixeira de Souza, Ramiro Silveira, Silas Bento Rodrigues, Helio Silveira, Celda Beltrão, Georgina Muniz de Castro e muitos outros, alguns dos quais já atravessaram a linha fronteiriça com o Além. Tempos maravilhosos. Inesquecíveis.

A vida foi sempre maravilhosa comigo. Tive colegas e mestres que me ensinaram lições de imenso saber, inclusive a de que odiar o próximo é uma estupidez. Aprendi a ser amigo na expressão máxima da palavra e a saber perdoar a quem me fizesse mal. Lições que usei largamente ao longo dos meus anos de existência.

Em seguida, a Faculdade de Direito e o começo da luta pela vida. Redações diversas de vários jornais: "Jornal do Comércio", "O Jornal", "Diário da Tarde", "A Gazeta", "O Trabalhista", "A Luta", "A Tarde" e outras publicações de efêmera existência. A profissão de jornalista foi a única que imantou os meus dias, na mocidade, levando-me a ajudar na criação e tornando-me primeiro presidente do Sindicato dos Jornalistas do Amazonas.

Convivência fraterna com gente assim como Herculano de Castro e Costa, Phelippe Daou, Otavio Pires, Epaminondas Barahuna, Irizaldo Godot, Almir Diniz, Oscar Carneiro, Ulisses Azevedo, Gutemberg Omena, Wilson de Queiroz Garcia, Milton Cordeiro, Weselys Miranda Braga, Alfredo de Belmont Pessoa, José Gabriel Pinto, Isaias Reis, Atlas Barbosa, Renato Silveira, Umberto Calderaro, Josaphat Pires, Rômulo Gomes, Josué de Souza, Sinval Gonçalves, Raimundo Parente, Bento de Oliveira, Mansueto Queiroz, Bianor Garcia, Caio Góes, Julio César da Costa, Newton Aguiar, Wuppslander Lima, João Bosco Ramos de Lima, Índio do Brasil, Andréa e Flaviano Limongi, Ademar Diniz, Jovino Lemos, Gilberto Barbosa, Costa Lima, Emanuel "Gleba', Oscar Ramos, Correia Lima, Manoel Lima, Osny Araújo, Leandro Antony, Aristófanes Castro, Aristophano Antony, Jaime de Carvalho, Benedito Azedo, Raimundo Albuquerque, Álvaro Maia, João Mendonça de Souza, Leal da Cunha, Eduardo Guerreiro, Honorato Lima, Joaquim Antonio da Rocha Andrade (Jara), Pedro Ubiratan de Lemos... Muitos deles vivendo hoje apenas em espírito, no castelo das minhas recordações.

Levado por Áureo Melo meti-me em política. Tornei-me deputado estadual no primeiro mandato de Plínio Ramos Coelho, estreitando meus laços de amizade com o então deputado federal Almino Affonso. Criamos a Frente Nacionalista do Amazonas e passamos a defender as estatizações, sobretudo do petróleo. Cheguei duas vezes à presidência da Assembléia Legislativa, o que naquele tempo equivalia constitucionalmente à vice-governança do estado. Governador: Gilberto Mestrinho. Em várias ocasiões, por ausência dele, assumi o governo, sem mudar meus hábitos diários, inclusive o de me auto-transportar no meu próprio jeep. Demagogia? – alguém perguntará. Não. Eu nunca precisei disso; apenas autenticidade quanto ao meu modo de ser.

Viria 1964 e, com ele, toda aquela seqüência de loucuras das quais restam hoje apenas lembranças. Não boas, mas também não de todo más, pois com os acontecimentos desenrolados, mais uma vez tive o ensejo de aplicar lições de saber perdoar. Cassação do meu

mandato sem que o comando da Casa, do qual eu fazia parte como vice-presidente, desse a mim qualquer conhecimento da ordem recebida dos militares, um gesto de subserviência que me tornaria o único parlamentar estadual brasileiro a ter o seu mandato cassado pela própria Assembléia. Minha prisão por 128 dias, em seguida, no quartel do CIGS, em São Jorge, juntamente com Aldo Moraes, Campos Dantas, Cid Cabral de Silva, Licurgo Cavalcante, Belarmino Marreiro, Manoel Rodrigues da Silva, Amazonino Armando Mendes, Padre Luiz Ruas, Ernesto Pinho Filho. Gente com quem aprendi novas lições de comportamento e também de como enfrentar as adversidades de cabeça erguida.

Volta às lides da imprensa, após o retorno à liberdade. Absolvição por unanimidade pela auditoria militar, que não encontrara nenhum senão condenável em minha vida pregressa. Desta vez para, ao lado de M. J. Andrade Neto, tocar o início da extinta "A Notícia". Seguidamente, busca de novos ares e mudança para o Rio de Janeiro, onde fiquei por 10 anos. Ali deixei, ao retornar para Manaus, os restos mortais de minha primeira esposa, Guilhermina, mãe de Vânia, Ivan, Alba, Zênia e Sandro. Passagem em plagas cariocas pelo "O Globo", "Correio da Manhã", "Diário de Notícias", "Última Hora", "Jornal do Turismo", "Jornal do Brasil", "O Dia" e "A Notícia". Para lembrar o Amazonas, representação da Agencia "Selvatur", a convite do saudoso amigo Vasco Vasques.

Volta para a maloca em 1981, a fim de participar do retorno de Gilberto Mestrinho ao Governo do Estado, no ano seguinte. "Garfado" na eleição, que fizera de mim deputado federal, mesmo assim estive na Câmara, em Brasília, como deputado, por algumas vezes. Tive a honra de votar pelas eleições diretas. Servi aos governos de Plínio Coelho, como delegado de Segurança Política e Social e de Gilberto Mestrinho, como Secretário de Administração; Secretário de Comunicação; diretor do Arquivo Público e, um dia, muito tempo depois, já em outro mandato daquele meu antigo colega de estudos, tornaram-me Conselheiro por vários anos do Tribunal de Contas, por interferência de um ajuri de bons companheiros, dentre os quais Umberto Calderaro, Bernardo Cabral, Josué Filho, Afrânio de Sá, Armando Menezes e outros.

Hoje, escorridos tantos anos na ampulheta do tempo, aposentado, dedico-me aos afazeres da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual sou ex-presidente. Comandei também a Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores de Turismo do Amazonas e o Sindicato dos Jornalistas, cuja área de reuniões públicas, leva meu nome. Afirmo, sem medo de errar, que nesses anos não cometi nenhum mínimo gesto que fosse, de safadeza ou desonestidade, que possa fazer assentar-me diante do tribunal de minha consciência (o único do qual ninguém escapa), para ser julgado. Minha vida pregressa é limpa e vivo feliz ao lado de Dagmar, minha segunda esposa, que me deu Luiz Augusto, Lucia e Luciana. Graças a estes e aos filhos antes citados, tenho a cercar-me o carinho de 11 netos maravilhosos. Tenho tantos amigos diletos que não consigo enumerar a todos.

Se é verdade que a verdadeira felicidade consiste em não ter remorso de nenhum mal feito cometido, de haver gerado filhos que honram o nome do pai, curtir netos incomparáveis, ser estimado e respeitado onde quer que chegue, estar em paz com a vida, então eu posso dizer que cheguei lá. Valeu!

Do que preciso mais para me sentir realizado nestes 74 anos de vida?...

Homenagem a Aderson

Armando Andrade de Menezes[1]

Partindo desta vida terrena aos 50 anos de idade, meu irmão ADERSON DE MENEZES legara à classe universitária brasileira contribuição das mais admiráveis na área de Direito do Estado.

Lecionara Teoria Geral do Estado, como professor catedrático da Faculdade de Direito do Amazonas, sendo reverenciado, até os dias atuais, por quantos tiveram a ventura de ouvir suas aulas.

Transferindo-se para Brasília em 1966, ali, de imediato, fora chamado para lecionar, como professor titular, a cadeira de Teoria Geral de Direito Público na Universidade Nacional de Brasília (UNB) e Direito Administrativo no Centro de Estudo Universitário de Brasília (CEUB), que ajudou a fundar.

Alimentando o desejo, desde 1955, de escrever o livro que lhe iria projetar nacional e até internacionalmente, mas que só lhe fora possível realizar no ano de 1958, diante de afazeres outros na magistratura, onde militara como Juiz Substituto, cargo também conquistado mediante concurso público, mas que largara no ano de 1957, por vontade própria, ADERSON não somente conseguira dar vida à sua monumental obra TEORIA GERAL DO ESTADO como a fizera editar no ano de 1960, pela Editora Forense, do Rio de Janeiro.

Para a feitura desse livro, que enfeixou as aulas ministradas naquele ano escolar de 1958, segundo ele próprio in PALAVRAS ELUCIDATIVAS de sua primeira edição "*...passei a guiar-me, nas atividades didáticas, por um roteiro próprio, com a idéia inclusive de reduzir a escrito as aulas ministradas na Faculdade de Direito do Amazonas*".

Recebida com aplausos pelos estudiosos da ciência do direito a TEORIA GERAL DO ESTADO de ADERSON passou a ser adotada por muitas das Escolas de Direito do país, merecendo acolhida e citação de especialistas nacionais e estrangeiros, proporcionando, pela grande aceitação, a tiragem de novas edições.

A 2ª edição ocorrera no ano de 1968 e a 3ª em 1972, ambas prefaciadas pelo autor, sendo que a última por autorização de LÚCIA ROCHA DE MENEZES, viúva de ADERSON, falecido em 1970.

Outras edições, pela mesma Editora Forense, foram produzidas: 4ª – 1974; 5ª 1992; 6ª – 1994; 7ª – 1995; e 8ª – 1996, sendo revistas e atualizada pelo Prof. JOSÉ LINDOSO que, pela proximidade, podia-se dizer - dele e ADERSON enquanto vivos – terem sido verdadeiros amigos/irmãos.

Em NOTA EXPLICATIVA à quarta edição (1974) JOSÉ LINDOSO explicitou que a "*tarefa não envolveu, de leve que fosse, o conteúdo*

[1] Armando de Menezes é membro efetivo da Academia Amazonense de Letras e da Academia Amazonense de Letras Jurídicas, sendo também Sócio Titular do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e da Associação dos Escritores do Amazonas.

da Teoria Geral do Estado, limitada que foi a atualização de alguns dados ilustrativos, modificados nesses anos, pela natural dinâmica da sociedade política", e à quinta edição (1992) aduzira, quanto à atualização... *"principalmente no respeitante à nova ordem jurídico – política inaugurada no Brasil com a Constituição de 1988, e as transformações que o mundo está sofrendo neste fim de século"*.

Da sexta à oitava (1994, 1995 e 1996), as edições trouxeram apenas a indicação "*Revista e atualizada por José Lindoso*".

Falecendo a 16 de abril de 1970, por atropelamento no *campus* da UNB por automóvel sob direção de um menor irresponsável que dele se apossara como lavador, ADERSON encontrava-se preparando, para lançamento naquele ano, dois livros: "Ciência e Técnica da Constituição" – (pesquisa em torno da doutrina do direito) e "Teoria Geral do Direito Público"- (aulas do curso de bacharelado), nos mesmos moldes da sua Teoria Geral do Estado.

Tendo estado em Brasília logo após o acidente (14 de abril, dois dias antes do seu desencarne) que lhe ceifara a vida, encontrei nas gavetas da carteira da sala de seus estudos – da Universidade – partes iniciais dessas duas obras, que, infelizmente, não as trouxe comigo, pois que pertencentes a seus descendentes – esposa e filhos, moradores da Capital Federal.

Ali vivia, certamente, os melhores momentos de seus estudos, tanto que minha cunhada LÚCIA dizia-me que nunca tinha vista ADERSON tão entusiasmado como educador, sempre tocado de força intelectual invejável, como se o apogeu de sua atividade de professor acabasse de ser atingido.

Tanto assim era que à noite de sua morte, quando aguardávamos o traslado de seu corpo para a sede da Universidade de Brasília, onde fora velado, presentes JOSÉ LINDOSO, meu irmão ALMIR, FRANCISCO MANOEL XAVIER DE ALBUQUERQUE e eu, ouvimos do Prof. JOSÉ PEREIRA LIRA, seu colega de magistério na UNB, que *"o Amazonas acaba de perder, seguramente, um de seus mais ilustre filhos e o Brasil, nos dias atuais, do seu maior conhecedor de Direito Público"*.

Destaques em Vida e Referências Póstumas

ADERSON exercera, no Estado, os cargos seguintes: Diretor da Penitenciária Central (atual Desembargador Raimundo Vidal Pessoa), em 1945; Delegado Auxiliar da Capital e Chefe de Polícia, no ano de 1946; Juiz Substituto da Comarca de Manaus, entre 1955 e 1957; Secretário de Estado da Educação e Cultura, nos anos de 1960 a 1962; Procurador Fiscal (1962) e Chefe dessa Procuradoria, entre 1962 e 1966; e Representante do Governo do Amazonas em Brasília, de abril de 1966 a abril de 1967.

No magistério, foi professor contratado da cadeira de Geografia Geral do Colégio Estadual do Amazonas, em 1944; contratado na Faculdade de Direito para lecionar: Ciências das Finanças (1945) e Teoria Geral do Estado (1946 a 1949); como interino de Teoria Geral do Estado (1950 a 1954); substituto de Direito Internacional; e Catedrático de Teoria Geral do Estado, a partir de 1955, após concurso de títulos e provas, com defesa de tese, em 11.12.1954. E na Faculdade de Ciências Econômicas do

Amazonas (atualmente da Universidade Federal do Amazonas) que ajudou a fundar em 02.05.58, proferindo sua aula inaugural a 14 daquele mês e ano, foi seu segundo Diretor, de 1959 a 1960. Após tais atividades, lecionara em Brasília como antes acentuado.

Dirigiu a Faculdade de Direito do Amazonas por três oportunidades: 1952, de 1957 a 1960 e de 1960 a 1961 e foi, como representante do Governo da União, o estruturador e fundador da atual Universidade Federal do Amazonas, tendo sido seu primeiro Reitor, entre 1964 e 1965.

De todos os cursos que fizera foi orador das respectivas turmas, assim: no Ginásio Amazonense Pedro II, em1936; no pré-jurídico do Colégio Dom Bosco, no ano de 1938; na Faculdade de Direito, em 1943; e em 1945 no Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva – NPOR.

No jornalismo, ocupara a Secretaria (ao tempo correspondia à atual chefia de redação) do Jornal do Comércio, redigindo inclusive a crônica diária lida às 12 horas de todos os dias ao microfone da Rádio Baré, pertencente, como aquele jornal, à cadeia dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, e ainda do Diário da Tarde, vespertino da Empresa Acher Pinto, e do qual foi, por muito tempo, seu editorialista.

Cumprira também representação política, tendo sido deputado estadual, diplomado a 05.05.1947, e que, como constituinte, ajudara na feitura da Constituição promulgada a 14 de julho de 1947.

Além de Teoria Geral do Estado, ADERSON produzira: Diretrizes do Pensamento Jurídico (1944), Do Mandato Político na Democracia Representativa (1954), O Destino do Professor: Estudar, Aprender e Ensina (1955), O Sentido Polêmico da Reforma Eleitoral (1955), Alocuções Acadêmicas (1956), Análio de Resende, sua vida e sua obra (1957), Reflexões Sobre a Feitura da Lei (1958), História da Faculdade de Direito do Amazonas (1959), A Primeira Universidade Brasileira (reivindicação histórica – 1960), Idéias e Problemas do Estado (1961), Conceito de Interesse Social para fins de Desapropriação (1962), Educação em Manaus (1963), Uma Nova Universidade (1964), A Responsabilidade da Universidade no Desenvolvimento Nacional e Regional (1965), A Reforma Universitária e Educação para as Profissões (1965), as Eleições de 1966: A Legislação Eleitoral e o Bipardirismo Nacional, o Ensino Jurídico em Brasília (1967) e, por último, "Waldemar Pedrosa – Notas Biográficas e Textos Documentais" que editado, em 1970, pela Gráfica do Senado antes de sua morte, somente fora lançado, já ele desaparecido, por LÚCIA, aqui em Manaus, na Academia Amazonense de Letras, a 17 de novembro daquele ano.

ADERSON pertencera à Academia Amazonense de Letras, à Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Amazonas, e ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Por seu prematuro desaparecimento, recebera as mais sentidas e confortadoras homenagens: da imprensa falada e escrita, de Brasília e Manaus, da representação parlamentar, no Senado da República pelo Senador Edmundo Levy, na Câmara dos Deputados por Joel Ferreira da Silva, na Assembléia Legislativa pela unanimidade de seus Deputados, diante de proposta do Deputado José Cidade, e da Câmara Municipal de Manaus, também pela participação de todos os Senhores Vereadores, acolhendo indicação do Vereador Corrêa Lima.

O Governador Danilo de Matos Areosa o homenageara inaugurando a "Escola Estadual

ADERSON DE MENEZES", no conjunto habitacional Parque 10 de Novembro.

"Travessa ADERSON DE MENEZES" - foi assim designada pelo Prefeito Paulo Nery pequena nesga de terra, de forma meio-circular, medindo cerca 200/300 metros situada à frente da "Escola Estadual Presidente Castelo Branco", no bairro de São Jorge.

Muitas outras homenagens lhe foram tributadas: Universidade Federal do Amazonas, Jornal do Comércio, O Jornal, A Notícia e pelos intelectuais – Paulo Maciel, Josué Cláudio de Souza, João Rebelo Corrêa, Lúcio Cavalcanti, Ary Brandão de Oliveira, Genesino Braga, Dejard Mendonça, Alexandrino Oliveira, Cléo Bernardo, João Mendonça de Souza, Pe. Nonato Pinheiro, João Moreira, Almeida Barroso, João Chrysóstomo de Oliveira, José Lindoso, João Valente de Azevedo, Beth Azize, Felix Valois, João dos Santos Pereira Braga, Xavier de Albuquerque, Jefferson Péres, Gilvandro Câmara, Vicente de Mendonça Junior, Áureo Mello, Roberto Jansen, Oyama Ituassú, Isis Falcone, Oldeney de Carvalho, Almino Affonso, Afrânio de Sá , e em uma página de O Jornal, de 19.04.70, da Academia Amazonense de Letras, com mais alguns depoimentos de Djalma Batista, José Lindoso, João Nogueira da Mata, Genesino Braga e Waldemar Batista de Salles.

Em Brasília, a UNB inaugurara, em dependência sua, o Anfiteatro "Prof. ADERSON DE MENEZES" e, mais adiante, editara um livro, a ele dedicado, titulado de "NOTÍCIA DO DIREITO BRASILEIRO".

E aqui em Manaus, mais outras: o Rio Negro Clube consagrara seu nome a um de seus parques infantis; a Universidade a um de seus Pavilhões, em sua nova sede no Aleixo; a Ordem dos Advogados e o Sindicato dos Jornalistas apondo seu retrato nas suas Galerias de Honra; finalistas do Curso de Direito escolhendo-o para paranifar eventos festivos; universitários dando seu nome a chapas em disputa do Diretório Acadêmico; e Escritório Jurídico "ADERSON DE MENEZES", do advogado Raymundo Diniz.

Em Parintins, onde nasceu, o Prefeito Gláucio Bentes Gonçalves inaugurara a Escola Estadual "Prof. ADERSON DE MENEZES".

Sua Presença em Bronze

Sempre nutri veneração por ADERSON.

Além da aproximação, pela irmandade e pelo espírito , fiz dele paradigma de vida.

Tendo sido seu aluno na Faculdade de Direito e o acompanhando, como repórter de jornal, durante seu desempenho político como Deputado Estadual, vio-o sempre, na Escola, como impecável no transmitir e erudito no saber, e, no Legislativo, como tribuno respeitado e admirado diante do seu conhecimento jurídico.

Sempre que pude tentei reavivar-lhe a memória para que, os mais moços o ficassem conhecendo, incluindo, com esse sentido, sua biografia, que fiz editar em 1997, titulada de "ADERSON DE MENEZES – O PROFESSOR" e que resultara de minha *"admiração à sua conduta como exemplar chefe de família, de bom filho, de extraordinário irmão, de grande amigo de seus amigos e, também, pelo seu desempenho, de brilho e honradez, como jornalista, como advogado, como parlamentar, como magistrado, como alto dirigente na atividade pública, como intelectual e, principalmente, como professor".*

Não bastassem essa e, como disse, outras iniciativas decidi, ainda, mandar confeccionar,

em bronze, seu busto e uma placa contendo um resumo de sua laboriosa vida, destinados à inauguração da nova sede da Faculdade de Direito no *campus* da Universidade e que se iria verificar a 17-01-2003 (data posteriormente alterada).

Na placa, o resumo de sua atividade professoral tem a encimá-lo o seu nome com as datas de nascimento e falecimento, e abaixo os dizeres seguintes :

"Amazonense de Parintins
Doutor em Direito por aprovação em concurso para Professor Catedrático da cadeira de Teoria Geral do Estado, em 11.12.1954
Três vezes Diretor da Faculdade de Direito do Amazonas: 1952 – 1957 a 1960 – 1960 a 1961.
Representou o Governo da União na organização e fundação da Universidade Federal do Amazonas.
Origem da Universidade: Lei Federal n. 4.069-A, de 12.06.1962.
Instituição do Conselho Diretor da Fundação Universidade do Amazonas: 20.06.1963.
Sua posse como 1º Reitor da Universidade: 23.07.1964.
Instalação solene da Universidade: 17.01.1965.
O busto e esta placa foram doados por Armando Andrade de Menezes, irmão do homenageado.
Manaus, 17-01-2003"

Com expediente datado de 27 de dezembro de 2002, efetuei a doação das duas peças artísticas à Diretoria da Faculdade, na pessoa do Prof. JOSÉ RUSSO, assim redigido:

"Ao Exmo. Sr.
Professor JOSÉ RUSSO
M.D. Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas
Nesta

Senhor Diretor:

É – me grato transferir, por doação, à Faculdade de Direito, de sua superior direção, o busto e uma placa em bronze de meu saudoso irmão ADERSON ANDRADE DE MENEZES como homenagem a ser-lhe tributada por ocasião da solenidade de inauguração da nova sede dessa vetusta Casa de Ensino Superior no "Campus" da Universidade, a 17 de janeiro de 2003.
Ditas peças são acompanhadas de pedras em mármore para assento das mesmas.
Segue, em anexo, os projetos destinados à construção dos dois pedestais para recepção daqueles trabalhos artísticos.
Essa homenagem àquele meu sempre pranteado irmão que, além de Professor e Diretor da Faculdade, foi representante do Governo da União na estruturação e fundação da nossa atual Universidade Federal do Amazonas, tendo sido seu 1º Reitor, atende a um meu antigo desejo em fazer significar-lhe a minha profunda admiração por sua grande atuação como educador, e que somará, tenho certeza, sua prestimosa solidariedade como admirável timoneiro que é da Casa de Ensino do Direito que ele – ADERSON – tanto amou.
Queira aceitar respeitosos cumprimentos e as homenagens de quem o admira e o tem na conta de homem público dos mais honrados de nossa terra, além de ser o sábio educador que tão bem dirige a Escola muito aplaudida e venerada pela classe universitária do Amazonas.

Armando Andrade de Menezes"

Do Prof. JOSÉ RUSSO recebi, como resposta:

"Manaus, 13 de janeiro de 2003

Of. Nº 010/03 – FD

Prezado Senhor,

Valho-me do presente para formalizar o agradecimento desta Faculdade de Direito a Vossa Senhoria, pela doação do busto e de uma placa em bronze do Dr. ADERSON ANDRADE DE MENEZES, saudoso Professor Catedrático e Diretor desta Escola.

A homenagem que Vossa Senhoria esta prestando a seu querido irmão, receberá o endosso pleno desta Escola, por ocasião da inauguração de nossa nova sede no "Campus" da Universidade Federal do Amazonas, da qual passarão a fazer parte integrante o busto e placa ora doadas, ficando, assim, perpetuada em bronze a memória do inesquecível Professor Doutor ADERSON ANDRADE DE MENEZES.

Por varias vezes comuniquei verbalmente a Vossa Senhoria a intenção desta Universidade de promover a transferência da sede desta Faculdade de Direito, do prédio da Praça dos Remédios para as novas instalações no "Campus", no dia 17 de janeiro de 2003, data em que esta Faculdade estará completando 94 anos de fecunda existência.

Entretanto, em decorrência de inadimplência contratual por parte da empresa construtora – o que é muito lamentável – as obras permaneceram por algum tempo paralisadas, fazendo com que tenhamos uma previsão para a realização de nosso sonho (de alunos, de ex-alunos e professores), dentro de aproximadamente três ou quatro meses.

Renovo a Vossa Senhoria protestos de agradecimentos sinceros e de elevada consideração.

Prof. JOSÉ RUSSO
Diretor"

A atenção do talentoso Professor e Diretor JOSÉ RUSSO para com ADERSON não se patenteara tão só com esse endosso de agora com a prometida fixação de seu busto e placa, em bronze, por ocasião da futura inauguração da nova sede da Faculdade de Direito, pois que evidentes demonstrações e cultivação à sua memória têm ocorrido em muitos outros eventos dessa aplaudida Escola de Direito.

À página 92 do livro "ADERSON DE MENEZES – O PROFESSOR" lancei apelo ao então Reitor da Universidade, Sr. WALMIR DE ALBUQUERQUE BARBOSA, para que, por meio do Departamento de Divulgação e Gráfica daquela Instituição, fizesse reeditar a "História da Faculdade de Direito do Amazonas" e de "A Primeira Universidade Brasileira", que foi nossa – fundada a 17 de janeiro de 1909, denominada de "Escola Universidade Livre de Manaus", ambas de autoria de ADERSON e que, além de esgotadas havia muitos anos, necessitavam chegar ao conhecimento de professores, intelectuais e universitários.

Enquanto o Sr. Reitor fizera-se mouco sobre o assunto, o Professor JOSÉ RUSSO reeditara, em 1999, aquela História da Faculdade, envolvendo os primeiros 50 anos de sua existência, de 17 de janeiro de 1909 a 17 de janeiro de 1959, cuja edição denominara de HISTÓRICA.

De outro lado, tomando a mim a honrosa incumbência de republicar a história da Primeira Universidade, fi-lo, sob minha inteira responsabilidade , no ano de 2.000, tendo seu lançamento acontecido no Salão Nobre da Faculdade de Direito, totalmente lotado, com a solidariedade do Diretor JOSÉ RUSSO e distribuição gratuita aos presentes.

Após esse acontecimento, o Professor RUSSO relançara os números 1 e 2 da Revista da Faculdade, produzidas nos anos de 1922 e 1923, mais o nº 10 daquela publicação e, ainda, o Guia Acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas, e, em todas essas iniciativas, invoca a figura de ADERSON como aquele que imortalizara a Escola ao escrever "A História da Faculdade de Direito do Amazonas".

E quando isso não bastasse, in a nova Revista da Faculdade, já em fase de revisão, o Professor JOSÉ RUSSO está tornando público a prova escrita de ADERSON, elaborada por ocasião de seu concurso para Catedrático em 1954, que fora encontrada em arquivo sem controle, no porão daquela Escola da Praça dos Remédios, além de outra distinção que sua Diretoria presta a ADERSON ostentando, em seu Gabinete, um quadro com a foto do fundador e 1º Reitor da nossa Universidade Federal.

Com agradecimentos à nobreza de gestos do eminente Diretor JOSÉ RUSSO, sínto-me muito envaidecido com os registros que fiz sobre meu amado irmão, tornando-o conhecido pelos mais jovens como grande educador e intelectual que foi, e porque essas lembranças transformaram-se em estímulos a mais pelo meu bem - querer a ele - ADERSON, até agora não esmaecidas e que jamais hão de perecer.

Manaus - Fevereiro/2003

Alegria Renovada

P.S(1) - Já havia encerrado este trabalho quando fui surpreendido por notícia que, envolvendo o nome de ADERSON, deixou-me bastante contente.

Com o início das atividades escolares no Instituto de Ensino Superior da Amazônia (IESA), a Professora OMARA OLIVEIRA DE GUIMARÃES, da cadeira Ciência Política e Teoria Geral do Estado da Faculdade Martha Falcão, indicou, para seus alunos do 1º período do Curso de Direito, dentre outros livros didáticos, a Teoria Geral do Estado de ADERSON DE MENEZES.

Passados quase 33 anos da morte desse querido e sempre pranteado irmão, como é bom saber que o livro que produzira, em 1958, no vigor dos seus 39 anos de existência, ainda agora vem servindo à mocidade acadêmica sequiosa de saber, que ele – ADERSON - , no seu tempo de educador, tanto distinguiu, ensinou e muito estimou.

Novo Momento de Prazer

P.S.(2) - Havíamos perdido Tude Filho, que Deus levara para seu Reino a 1º de fevereiro/ 2003, quando contei, durante encontro nosso – dos irmãos MENEZES - , para o costumeiro e agradável aperitivo de fim de semana, sobre a indicação da Teoria Geral do Estado, de Aderson, para os alunos de 1º período do Curso de Direito da Faculdade Martha Falcão, lamentando a ausência de Tude Filho já que muito se alegraria com a grande notícia.

Aí Adalberto que, nessas ocasiões, somente sorve suco de frutas, pois deixara de ingerir bebida alcoólica há muitos anos, resolvera dizer que Tude Filho mais contente

ficaria se soubesse que o livro de Aderson continuava sendo reeditado pela Forense.

Por mim indagado, prometeu e, dia seguinte, trouxe-me o Catálogo da Editora Forense de 2002, que lhe fora entregue, por distribuição, durante a 17ª Conferência Nacional dos Advogados, realizada em Salvador – Ba, em novembro de 2002, à qual comparecera como representante da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção do Amazonas.

Constituído de muitas páginas, na nº 62 encontra-se inserida a catalogação de a Teoria Geral do Estado e, em meio aos vários compêndios, existem três obras com essa mesma e própria titulação, incluída a de Aderson, ocupando, por sinal, o 1º lugar entre as apontadas, assim:

Com esta manifestação ponho em destaque, mais outra vez, o meu contentamento por mais esse realce àquele extraordinário trabalho de ADERSON que sei, também de muitos outros que o conheceram e o admiravam pelo saber, e desse modo registrar o mesmo conceito sobre ele feito anteriormente (PS1), com aquela igual titulagem de uma sempre ALEGRIA RENOVADA.

TEORIA GERAL DO ESTADO
ADERSON MENEZES

8ª edição – 2002 CÓD.: 100786-6 R$ 56,00
4ª Tiragem

TEORIA GERAL DO ESTADO
ARTHUR MACHADO PAUPÉRIO
NO PRELO

TEORIA GERAL DO ESTADO
Elementos de uma Nova Ciência
SEBASTIÃO B. B. TOJAL
1ª edição – 1997 CÓD.: 101280-0 R$ 44,00

A Saga de Um Novo Herói

Alencar e Silva

Sai-se encantado e enriquecido do livro de Francisco Ritta Bernadino e Leonide Príncipe "A Saga Amazônica do Pequeno Guerreiro Verde", tanto pelo que há de belo e surpreendente na narrativa como pelas verdadeiras maravilhas de arte fotográfica que ilustram.

A surpresa vem de constatar-se que a literatura amazonense está desvencilhando-se ou deixando de lado a abordagem de temas como o drama ou tragédia dos seringais. De fato, as obras capitais sobre o assunto já foram escritas ao longo do século XX e, em verdade, já se fazia indispensável a exploração de outros filões literários inspirados na portentosa região.

Isto está vindo à tona, em boa hora, na ensaística e na ficção, graças ao aproveitamento da vertente ecológica, a abrir perspectiva para uma nova e otimista visão da Amazônia, em sintonia com a realidade atual. E a compreensão desta realidade, dentro da hora que soa no relógio da Amazônia, parece-me ser que há de mais urgente a fazer-se.

Que hora é essa? A da ecologia. Hora do aproveitamento racional das riquezas do seu solo e seu subsolo, sem agressões ao meio ambiente e sem desrespeito ao seu ecossistema. Em suma: sem destruição da sua cobertura florestal nem de seus rios. Hora em que todas as ações devem ser orientadas no sentido do bem-estar social de seus habitantes, a partir da radiosa civilização que a florescerá no Vale Amazônico. Esse é o sentido da hora que soa para a Amazônia. E é por aí que começará a grande virada à verdadeira descoberta do mundo amazônico – novo mundo que em grande parte permanece intocado e desconhecido.

É de saudar-se, portanto, com as mais vivas esperanças, o surgimento do "Pequeno Guerreiro Verde"como personificação de um novo herói: defensor da natureza e voz anunciadora de um novo tempo, a clamar no deserto verde pela sua preservação e a lembrar-nos de que já é tempo de corrigir nossos caminhos. Trata-se, em substância, de um herói moderno cuja razão de ser confunde-se com o chamamento da hora presente e inscreve-se na parte mais sensível dessa hora como luz que de repente se acende sobre a escuridão. Já era tempo de plasmar-se uma nova visão da Amazônia como o último horizonte ainda indevassado do planeta, com o pioneirismo com que o fizeram os autores de "A Saga Amazônica do Pequeno Guerreiro Verde", obra que nos parece ainda mais surpreendentes quando a sabemos brotada da sensibilidade de um empresário. Empresário que tem olhos de ver, e que sabe, por palavras e obras, conciliar a necessidade do lucro com a saúde moral do empreendimento, refletida no respeito à natureza. Essa compreensão e sensibilidade é que responde (vê-se agora) pela concepção de um empreendimento plenamente vitorioso como o *Ariaú Amazon Towers* – hotel de selva que já se incorporou ao roteiro turístico

do Amazonas como exemplo do muito que pode ser feito no setor, com vistas a oferecer aos turistas e visitantes de todas as procedências momentos privilegiados de lazer e de real contemplação do paraíso ecológico da Amazônia.

Voltemos ao Pequeno Guerreiro Verde. Dissemos ser ele a personificação do herói moderno, defensor da natureza em sua mais ampla acepção, etc. O que falta ser dito é que esse herói nada tem a ver com seres mitológicos nem com aqueles outros das revistas em quadrinhos. Ele pertence a uma espécie infinitamente mais nobre e está tão perto de nós como se fosse – e é – um de nós mesmos. Isto se explica pelo fato de o Pequeno Guerreiro Verde ser (ele próprio) cada um de nós quando atingimos um grau de informação e de consciência ecológica que nos faz partes integrantes de um sistema – a Amazônia – com suas especificidades de mundo à parte.

Já se disse que para amar é preciso conhecer o objeto desse amor. Será preciso então que nós, seres humanos de todos os lugares e de todas as procedências, nos disponhamos a conhecer a Amazônia, para melhor amá-la. Conhecê-la na inteireza da sua biodiversidade estonteante, tendo por guia a voz silenciosa do Pequeno Guerreiro Verde, a falar dentro de nós. E a hospedar-se e a viver no interior de todas as consciências.

Acerca dos Acercados[1]

Max Carphentier

Há mais de trinta anos li "Dos Ditos Passados nos Acercados do Cassianã", romance de Paulo Jacob contemplado com o revelador Prêmio Nacional Walmap. Agora o revejo em nova edição sob a égide da política cultural com que o Estado do Amazonas honra a herança cultural nos domínios da literatura, Para rapidamente apresentá-lo, tenho a oportunidade de recuperar, na releitura, a impressão que tive que também eu sou um dos seres do Cassianã, seja na pele de Marcelino ou Macário, seja sofrendo no rio ou perdido na selva, tal a força de imanência da verossimilhança de suas páginas.

Uma certa iconoclastia suburbana, sem citar ao menos um tratado de teoria literária, conseguiu a proeza de arremeter contra romances premiados de Paulo Jacob, tentando inutilmente retirá-lo da linha de vanguarda. Repetia-se o equívoco ancião de confundir arte literária com discursos políticos, a cor das vogais com a cor partidária, narrativa ficcional com manifesto fabril. Quiseram que o romancista desse às suas criaturas o estofo de parlamentares, sindicalistas, historiadores, quando eram coronéis, seringueiros, ribeirinhos, urdidos pela arte e não pela política. A questão literária é eminentemente estética, não é seu apanágio a ética ou a história das riquezas, nem a luta de classes e os sistemas econômicos, que podem ser seus temas mas estão longe de ser o seu fim último.

Paulo Jacob soube desde sempre, como artífice da palavra, que a revolução que verdadeiramente interessa ao mundo só pode ser feita através da beleza, não tanto por ser ela "irmã gêmea da verdade", mas por ela movimentar a possessão dos âmagos, o domínio das essências e suas conexões. Porque a ambição mais secreta de tudo é o sentimento do belo, o êxtase do perfeito, quer dizer, a superior fruição da liberdade, e isso é sortilégio da estética.

Tal como "Chuva Branca" (1967) e "Vila Rica das Queimadas" (1976), "Dos Ditos Passados nos Acercados do Cassianã" salvou-se. E com ele estão esteticamente salvos inteiros rios, asas vertiginosas como setas, remos que atuam como corações, poderosos dos charutos e desesperados das seringueiras, a selva como cenário do drama e o homem como selva das paixões. Seu método de recriação salvadora da realidade, o processo literário que é respeitado pelo tempo, foi o trabalho mágico nos fundamentos da linguagem. Aí estão os substantivos verídicos, os adjetivos de morte e de vida, todo um léxico competente tomado pelas mãos eficazes do discurso indireto livre. Corajosamente, colocou a sintaxe a seu serviço, criou parentesco novo entre palavras, deu nervos

[1] Prefácio à 2ª edição de *Dos Ditos Passados nos Acercados do Cassianã* (SEC/Valer, 2002).

a períodos até se transformarem em cobras; disseminou tensão verbal nos parágrafos até que transbordassem a terra e o homem. Criou tudo da água e do barro, com o sopro da palavra poderosa, como coube a Deus e como convém ao romancista.

Recebamos este livro de conformidade com a sua natureza. Ele não é o lugar para meditações sobre latifúndios, períodos econômicos, regimes alfandegários, crises institucionais. Aqui é região dos estirões perdidos, de caboclas que arrebatam pelo cheiro, belas como árvores pequenas. É o território das redes que ventilam febres altas, de amores e ódios soltos pelos rios, de sonhos e penares sobre a terra verde. São vidas e destinos que a palavra artística capturou da sociologia dos beiradões e nos entrega transfigurados, vivos, imagens sinestésicas com que o artista nos levanta para a inteligência maior da beleza.

O Romance de Gebes Medeiros[1]

Padre Nonato Pinheiro

Fui um dos primeiros a ler o romance *Linha do Equador*, do escritor Gebes Medeiros, que me deu a honra de sua visita na manhã do dia 7 transato, oferecendo-me um exemplar que logo folheei pressuroso, atraído pelo talento do autor e aliciado pela apresentação gráfica e pela veste editorial do livro, um primor das Edições Autores Reunidos.

Sempre fui um ledor de romances, desde os romances famosos, universais, por terem extrapassado as balizas das pátrias de seus autores, até os mais modernos, editorados sobretudo em França e nos dois países de língua portuguesa. Dos russos, para mim, Tolstoi e Destoievsky ainda são os culminantes. Li com atenção, em francês, o romance de Boris Pasternak *Le Docteur Jivago* e logo percebi que estava muito longe de conseguir a alteza das obras lapidares daqueles dois sóis das letras russas.

Dos de língua inglesa, é com prazer que leio e releio em Granham Greene (*The Power and the Glory, The Heart of the Matter*, etc.) e esse admirável Ernest Hemingway, recentemente falecido, cujo romace *The Old Man and the Sea* (*O velho e o Mar*) não se lê sem especial agrado. São dois mestres da arte e da ficção.

Relativamente à literatura italiana, sem embargo da escassez de obras que nos chegam, não creio que o velho Manzoni haja sido superado. Apesar da evolução do romance nas várias literaturas (temática, recursos expressionais), apesar das restrições de analistas do estalão de um Momigliano e de um Benedito Croce, a obra *I Promessi Sposi* (*Os Noivos*) ainda esplende como uma das obras-primas da literatura universal.

Os países de língua castelhana formam um mundo. São vinte. Confesso, porém, que não me atraem os novelistas e romancista de idioma espanhol. Prefiro ler os místicos, como S. João da Cruz e Santa Teresa; os filósofos, como Ortega y Gasset, cujos primores do estilo me empolgam; os poetas, como Juan Ramón Jiménez, Garcia Lorca, o chileno Pablo Neruda, o nicaragüense Unamuno, e os filólogos, como Amado Alonso e o colombiano José Rufino Cuervo. Com efeito, salvo melhor juízo, opino que na fase contemporânea raros se distinguem como o colombiano José Eustasio Rivera (*La Vorágine*) ou o venezuelano Rómulo Gallegos (*Doña Barbara*).

A velha França, alem dos valores contemporâneos e novos, com Françoise Sagan, tão criticada por uns e tão glorificada por outros como o nosso Sergio Millet (*Diário Crítico*, 9.º vol., p. 181) ,ainda se engalana do ouro e da púrpura dos grandes romancistas V. Hugo, Stendhal, Flaubert, Barrès, Anatole France, Proust e tantos outros.

[1] Extraído de *Linha do Equador* (2ª edição, SEC/Valer, Manaus, 2003).

Portugal aceita qualquer confronto, quer no passado, em que avultaram Herculano, Camilo. Eça de Queirós, Fialho d'Almeida, Júlio Diniz, quer na atualidade, quando corusca uma plêiade insigne de romancistas, como Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Nuno de Montemor, o nosso Ferreira de Castro e o cintilante Joaquim Paço d'Arcos, com quem tenho a honra de me corresponder, e que me enviou de Lisboa, com cativantes dedicatórias. "Ana Paula" e "O Caminho da Culpa".

Os nossos são conhecidos: os antigos (Aluísio de Azevedo, Raul Pompéia, José de Alencar, Inglês de Sousa, Taunay, Joaquim Manoel de Macedo, Graça Aranha, Mahado de Assis) e os contemporâneos e modernos (Mário de Andrade, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, Jorge Amado, Guimarães Rosa).

Tem evoluído consideravelmente o romance nacional. Observa-se nova estrutura romanesca, nova técnica, nova temática, novos recursos expressonais, de que Guimarães Rosa tem sido o maior explorador. Críticos lúcidos como Eduardo Portella (*Dimensões*) e José Aderado Castello (*Aspectos do Romance Brasileiro*) já observaram, porém, que a moderna orientação do romance brasileiro enferma de um excessivo apego ao espaço e à geografia, com prejuízo da obra de arte literária. O Romance regionalista não passa de um documento social da região. Ambos os críticos, entretanto, notam que se vislumbra já uma tendência universalizante ou universalista, em ordem a um aproveitamento do espaço e da geografia, mas sem escravização à geografia e ao espaço, e com uma dinamicidade que constitui, para Portella, a preocupação primeira do romance brasileiro de hoje (*Dimensões II*, p. 125)

O romance de Gebes Medeiros enquadra-se perfeitamente nesse tendência universalizante. Aliás, já o observa no átrio do livro o arguto analista Antonio d'Elia, quando adverte que o título "não indica a preocupação única do regionalismo. Ao contrário, mostra uma preocupação universalista, um inserir-se do espírito "equatoriano" – digamos... – no coração do mundo".

Com efeito, as cenas e os lances passam-se praticamente em todo o vasto cenário nacional: Picos, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, São Luís, Belém, Manaus.

O autor, assim me parece, teve por objetivo criticar os preconceitos sociais, movimentando em torno desse eixo as personagens do romance, de que é protagonista Luís Carlos, nordestino cujo coração se prende a quatro mulheres, como se fossem os quatros pontas cardeais de sua vida romântica e sentimental: Sônia, de quem teve dois filhos (Núbia e Beto), Airam, Cláudia e uma tapuia acreana, que conhecera num sórdido lupanar. No romance há cenas de um erotismo e de uma libidinagem arrepiantes, cuja leitura só convém a adultos. Sei que esse campo costuma ser explorado pelos romancistas, que nem sempre concordam com advertências do teor desta, de Alceu Amoroso Lima: "A matéria é riquíssima e, nas mãos de um verdadeiro romancista, nada de mais fecundo em situações, em imagens, em variedade, em emoção, do que o sexualismo. Mas o que geralmente não compreendem os que manejam essa matéria, tão fecunda quanto arriscada, é que o seu maior encanto está no mistério, na penumbra, na luta obscura e interior, na sugestão. A realização, como a posse, é um princípio de sociedade, portanto de inércia. Dizer tudo, chegar a todos os fins, descer

a todas as abominações, é converter um romance, expressão literária mais perfeita da vida, em folhetim, forma industrial e íntima da literatura" (*Primeiros Estudos*, 1948, p 254).

Não pretendo dizer que o autor se tenha excedido nesse particular. Pelo contrário, observa-se até certa delicadeza nalgumas circunstâncias, como, por exemplo, quando Luís Carlos e Cláudia, por motivos independentes de sua vontade, tiveram de passar a noite no mesmo aposento de um hotel em Guaratinguetá. Houve respeito mútuo, mas Carlos observou que a moça, antes de deitar-se, retirou da bolsa um terço azul e pôs-se a rezar. Aquele tercinho foi a salvação. Em São Paulo, no apartamento de Sérgio e Ceci, parece que Cláudia se esqueceu do terço e o resultado foi o naufrágio irremediável...

As personagens do romance desempenham bem o seu papel, com arguta psicologia, inclusive o Coronel Fredegundes, pai de Picos. A figura do padre Inácio, entretanto, mereceria algumas considerações, no que tange ao sigilo sacramental. O autor projetou no livro a figura de um padre burguês, "bicho matreiro" e "louco por dinheiro". Parece não ser essa a situação do clero no Brasil, sobretudo no Norte. Pelo contrário, o desprendimento de alguns sacerdotes chega a causar admiração a muitos. Creio que, de todos os romancistas que envolveram na contextura romanesca figuras sacerdotais, foi mais feliz o autor de *As Pupila do Sr. Reitor* (Júlio Diniz).

A vocação do Sr. Gebes Medeiros para o romance é um fato incontestável e vitorioso, pelo conjunto de excepcionais qualidades que lhe exalçam a obra. Formulo-lhe votos de novos triunfos, e que o carro de sua bagagem literária, em sua passagem pelas alamedas da publicidade, levante sempre uma poeira de ouro...

Apresentação de Linha do Equador[1]

Robério Braga

Esta 2ª edição de *Linha de Equador*, trabalho de resgate literário local, pelo Governo da Amazonas, é de suma importância para as diversas camadas de leitores do nosso tempo. Sobretudo pela relevância da obra e de seu autor – um dos intelectuais mais destacados do seu tempo.

Gebes Medeiros, nome identificado com a cultura nas suas mais diversas manifestações, que é também advogado, jornalista, teatrólogo e acadêmico, lançou-a em 1961, mas nem por isso, apesar do tempo, deixou de ser atual nos conceitos e observações, embates existenciais, mas também malandrices e peripécias acerca do protagonista desta narrativa, Luís Carlos, e as tramas com que se envolve, juntamente com os demais personagens da história, como a sonhadora Airam, a ingênua Cláudia e Sônia, sem falar no enérgico coronel Fredegundes, padre Inácio, santo e demônio, e outros, mostrando, assim a maestria e o labor deste escritor autêntico, e lúcido de sua função social que é a de todo bom e verdadeiro artista da palavra.

É um romance bem realizado do ponto de vista estético, dividido em 30 capítulos, narrados por boas passagens e pinceladas realistas e sociais pois trata-se das aventuras amorosas e sensuais do *bon vivant* Luís Carlos pelos diversos lugares por onde passou, como Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Belém e Manaus, tudo devidamente concatenado e amarrado, com texto equilibrado, estilo simples, leve e solto, mas que prende o leitor de hoje e de sempre.

[1] A 2ª edição de *Linha do Equador* foi publicada pela SEC/Valer, Manaus, 2003.

A Última Carta

Mário Ypiranga Monteiro

- "Deus me perdoe se eu te quis mal, querida...
Só pude amar-te pelo sofrimento
que transformou em inferno a tua vida,
como um punhal que penetrasse lento,
abrindo no teu seio harta ferida...

Perdoas-me sorrindo os teus marítimos...
O perdão, quando vem de um gesto, apenas,
- gesto morto a boiar como dois círios,
tem a beleza das manhãs morenas
e a candura sem par dos brancos lírios...

Que, longe agora, na brumosa estância
que buscas, não relembres, nunca mais,
quem te quis pouco, mesmo na inconstância,
e que piedosa relembrando vais,
ó Monja do Silêncio e da Distância...

Esqueceu assim quem te esqueceu... Perdoa
o louco Poeta que te amou tão pouco...
E à bágua triste que dos olhos côa,
sei que fui mau, sei que fui vil, e, louco,
crucifiquei num beijo tua alma boa...

Recorda sempre o derradeiro ensejo
que nós tivemos, de nos ver unidos,
como num sonho, como num desejo...
E embora em sangue os corações partidos,
nunca esqueçam teus lábios o meu beijo...

Teu retrato sorri na minha frente
e o teu sorriso é uma alvorada linda...
Ah! Meu Deus! Quanto sofre a alma silente
que sofre por amor e sofre ainda
como sofres por mim inutilmente...

Perdoa a quem talvez nem te quis mal...
Chora esse amor tua alma criança, e a minha,
e o amor floresce em mim, o amor sem igual
que me fez louco e que te fez sozinha,
- que a ti fez triste e a mim fez imortal..."

Ars Amandi

Mário Ypiranga Monteiro

I

- Beija-lhe as mãos heráldicas, fidalgas,
de curvas elegantes,
mãos que à luz vesperal esgalgas,
semelham algas
flutuantes...
- Por que ela ficará tão fria como dantes?

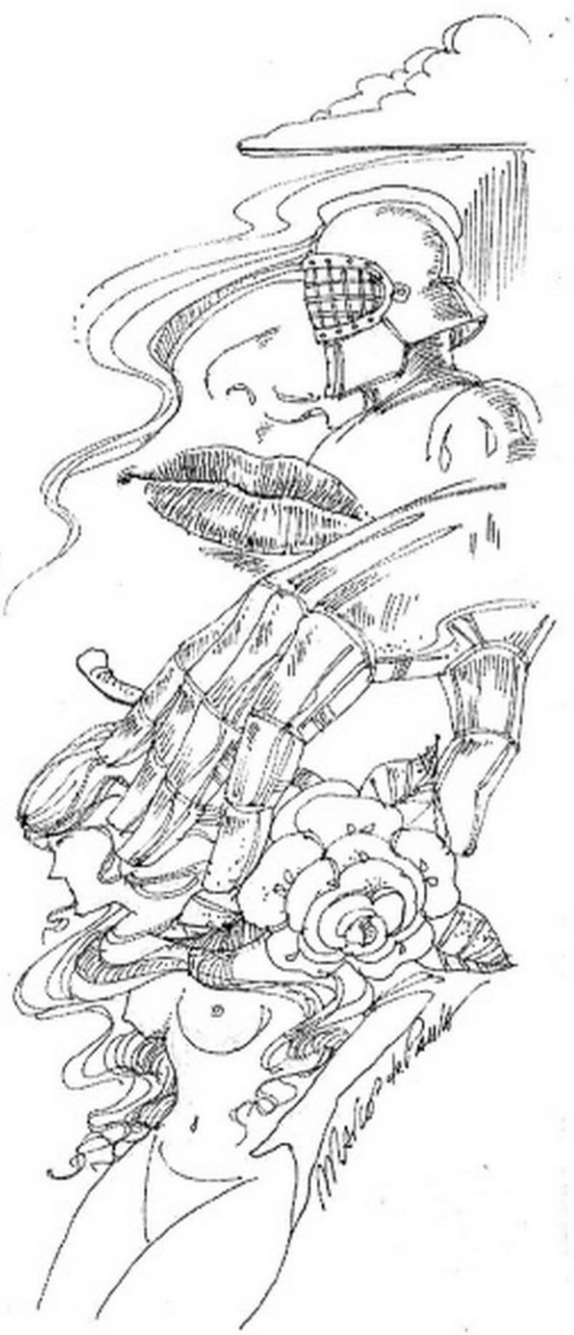
II

Entre um sonho de amor e outra emoção qualquer
se não enluara a glória um beijo de mulher,
não vale a vida um só dos gozos mais profundos!
O beijo da mulher! Ó volúpia imortal,
capaz de transformar um pântano em rosal
e parar, num minuto, a rotação dos mundos!

III

Ama-a em silêncio estranhamente vago,
numa noite aromal, sob a poalha dos sóis,
- ama-a! como ao luar, na quieta paz de um lago,
noivam as virgens de Odin os seu louros heróis...

Quando num beijo a tua alucinada boca
prendê-la, tu verás, surpreso, nos teus braços
enlanguescer a carne, à orgia semi-louca
de todos os clarões rasgados nos espaços!



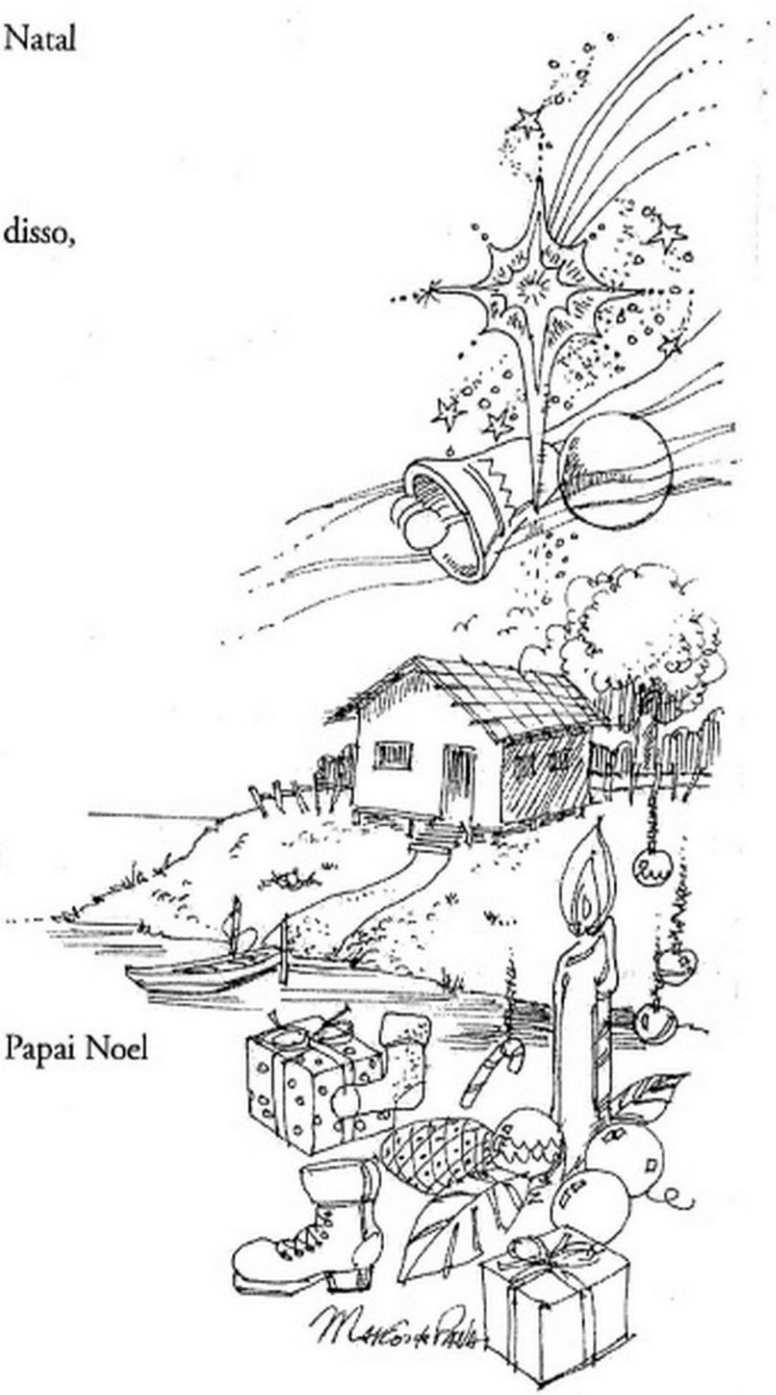
IV

Numa noite de luar, com o céu profundo,
numa noite patética, tranqüila,
presas as mãos nas mãos em suave enleio,
morde-lhe a curva olímpica do seio...
E, às contorções do espasmo que a aniquila,
- ela cairá aos teus pés pedindo um mundo!...

Um Poema de Natal

Elson Farias

A Dirce e Carlos Souza



No lugar onde nasci não existia Natal
não guardo na lembrança
nenhuma festa de Natal.

Não sei se meus irmãos se lembram disso,
mas só recordo das festas cívicas
da Semana da Pátria
da semana da árvore
do dia da República,
quando meu pai vestia os meninos
com uniformes de campanha
e os treinava na posição de sentido,
e proferia discursos de exaltação
ao sentimento cívico.

Era difícil celebrar o Natal
no lugar onde nasci.
Na beira do rio, no escuro das noites
não se ouviam os sinos das igrejas
Chamando para a Missa do Galo
não se ouvia a música do Natal.
Não se ouvia o tilintar das sinetas do Papai Noel
pelas ruas
com o seu saco de brinquedos.
Em verdade, nem ruas existiam.

Não é que eu não tivesse uma noção
tênue que fosse, do Natal,
porque a presença do Cristo
surgiu em minha vida
com as orações da minha mãe
rezadas antes de dormir,

o Pai Nosso, a Ave Maria, a Salve Rainha,
o Creio em Deus Pai,
mas não era um Natal assim
com troca de presentes e trocas de abraços.

-Ah, lembro-me agora,
um dia, quando acordava de manhã,
encontrei debaixo da minha rede
um presente
diferente.
Procurei saber que trouxera aquela prenda
e me disseram que era presente do Papai Noel.
Desde esse dia aquilo ficou martelando em minha cabeça:
- de onde é que vinha o Papai Noel
se os meus brinquedos
eram feitos de sementes de seringueira,
barquinhos de casca de árvores de taperebá
frutinhas de cuieira?...

Mas o tempo passou
e o mundo virou!

Agora sinto que o Natal
é a celebração do nascimento do amor,
porque no Evangelho de São João
Deus é amor.

Para provar esta verdade
daqui a pouco estarão entre nós
mais quatro crianças,
nossos irmãos, primos,
filhos, netos ou bisnetos
para também cantar o Natal
que é a festa da esperança.

A troca da presentes
é a troca de lembranças
que a gente guarde no lugar mais quente do peito
na medida em que se ama
a presença da lembrança.

É por isso que agora sinto
que o lugar onde nasci
existia sim Natal,
senão como é que eu poderia estar aqui
nesta noite maravilhosa
falando do Natal?

Feliz Natal
e Noite Feliz para todos!

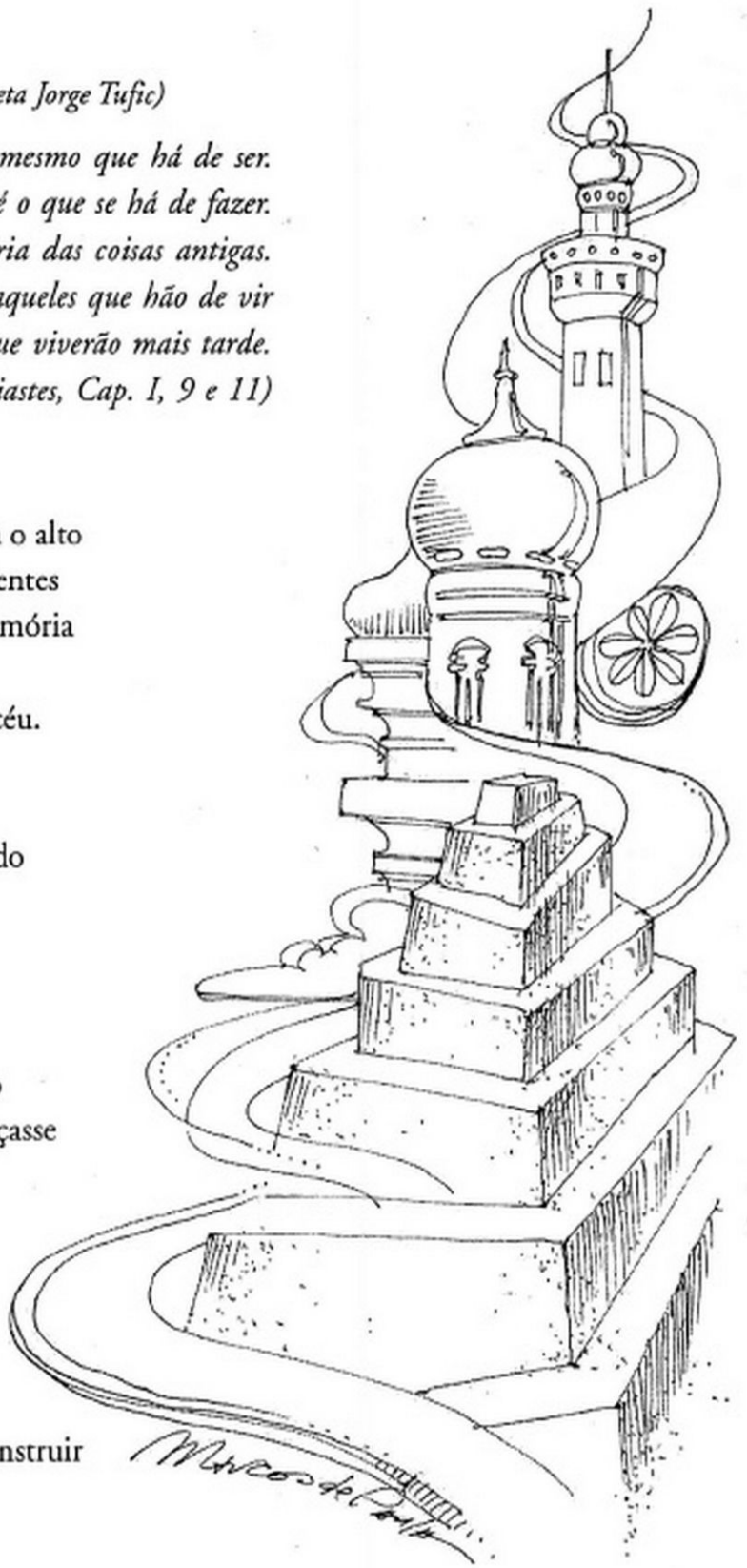
Noite de Natal na casa de Annik e Fabico, 24.12.2002.

Os Minaretes de Bagdá

Alencar e Silva

(Ao Poeta Jorge Tufic)

O que foi é o mesmo que há de ser.
E o que se fez é o que se há de fazer.
Não há memória das coisas antigas.
Nem haverá daqueles que hão de vir
entre aqueles que viverão mais tarde.
(Livro do Eclesiastes, Cap. I, 9 e 11)



Os minaretes de Bagdá
esguios e apontados para o alto
são lembranças talvez inconscientes
de um tempo sepultado na memória
de Babilônia e Babel
com sua torre subindo para o céu.
Torre e nome (ou nave)
que os minaretes evocam
num esguio silêncio só quebrado
pela voz dos muezins.

Torre e nome (ou nave)
que se fizeram lenda
e se esqueceram por um tempo
até que um outro tempo começasse
e outras torres
e outros nomes
(ou outras naves)
de novo se construíssem
sobre Babel dispersada
e já esquecida
do tempo em que intentara construir
uma torre e um nome
(ou uma nave)
que chegassem até aos céus.

E desconstruíu-se a cidade com sua torre.
E dispersou-se o povo sobre a terra.
E confundiu-se-lhe a língua.
E apagou-se-lhe a memória.

E tudo sob a justificação
de que, tendo-o começado,
jamais desistiram desse intento
até que enfim o houvessem realizado.
Eis que não era ainda chegado o tempo
de subirem para os céus
a torre e o nome (ou nave) de Babel
que os minaretes evocam.

Rio, 25.02.2003

Poema de Carnaval

Áureo Nonato

Quem quiser pode
– eu não –
condenar o Carnaval:
festim dos libertos,
dos sem medo
e também dos tímidos.

Nós – os tímidos –
tiramos a ridícula máscara
do todo dia,
e sem medo
somos o próprio Carnaval.

Com falsa máscara
para confundir
ou com a própria cara
– mascara real –
para não iludir
os que nos condenam:
os acorrentados
os medrosos
e também os cândidos
– principalmente os cândidos.

Carnaval chegou?!
Retirem-se para vosso claustros,
oh! Medrosos,
oh! Cândidas criaturas,
e rezem muito
– não pelas nossas –
mas pelas vossas almas tristes,
porque as nossas, estas cantam
e estão felizes.

Carnaval chegou?!
Não fiquem entre nós,
e tristes espectadores,
maculando com vossos
olhares mórbidos
a naturalidade
e a singeleza
sas alegrias carnavalescas.

O Poder da Fotografia

Carmen Novoa Silva

Li com bastante interesse o livro do escritor holandês Cees Nooteboom, "Vidas Anônimas" (edição espanhola). O autor comprou num mercado urbano em uma tenda que qualificou de antiquário, um álbum de fotos amarelecidas pelo tempo. Lá existiam desde mata-borrões com timbre de empresas antigas (espécie de folha de cartão porosa para sugar o excesso de tinta das canetas-tinteiro dos anos quarenta a cinqüenta), flâmulas, principalmente de clubes desportivos, cinzeiros de marcas de bebidas já extintas etc. Mas o poder da fotografia foi maior. Daí a inspiração para o livro. Foi como adentrar num mundo mágico. Pela roupa, os penteados e a técnica fotográfica pôde saber quando foram feitas as fotos e em alguns casos isso significou que a pessoa olhando-o tão vivaz, já desaparecera da face da terra. Então como eram fotos de pessoas desconhecidas passou a imaginar a história de vida dos protagonistas. Definiu como instantes alquímicos entre essas pessoas e ele onde ficaram colados o tempo e o destino. Ele, o intruso. O "voyeur". Que resgata a história das pessoas ali retratadas, mesmo que ficcionalmente. Não as deixa no limbo do esquecimento. Graças dou, ainda não possuímos em Manaus essa espécie de "antiquário" que nada mais nada menos é uma confirmação da indiferença pérfida dos proprietários dos álbuns ou de seus herdeiros. Sim, porque os álbuns familiares são testamentos cujo legado vai para as futuras gerações na forma dessa linguagem visual de um tempo e espaço solidificado. A fotografia no ponto de vista sociológico mostra toda a cultura da sociedade e sua obsessão pela imagem. Ignorá-la é como sepultar momentos que pretendiam ser perenes para um clã. Tomo então emprestado dos álbuns não esquecidos imagens que retém o tempo e fazem permanecer a inocência e a doçura que delas se desprendem. Era tempo das fotos feitas em estúdios artísticos. Manaus possuía vários, entre eles a Photo Alemã, Artística (Av. Eduardo Ribeiro) e a Photo Mendez (Av. Joaquim Nabuco). Anos trinta aos cinqüenta. O álbum clássico das famílias era de capa em tecido, com uma pintura de paisagem etc, pergaminho protegendo as fotos e as cantoneiras (hoje auto-adesivas) à época coladas com goma arábica. Dele surgiam bebês sem roupas, ao natural, deitados sobre colchas aveludadas, apenas com as jóias de ouro, certamente presenteadas pelos familiares próximos. Era o modo manauense de ser, com uma pitada do estilo português no gosto pelo reluzir das jóias. Meninos e meninas posavam com roupas estilo marinheiro e como zênite as fotos da primeira comunhão onde a criança num genuflexório recebia de um Cristo etéreo a Eucaristia. Existia o lambe-lambe da praça da Matriz e somente para eventos mais marcantes eram chamados os fotógrafos para eternizar o momento. Como nas tradicionais

fotos escolares com o aluno de caneta à mão sentado à mesa, mapa mundi ao lado compondo o cenário. Fotos em preto e branco. A colorização, rara, com o retrato pintado e retocado. Hoje até uma criança possui uma máquina fotográfica. Revelam-se fotos em uma hora aliado ao fenômeno da imagem digital. É a onipotência da arte fotográfica. O tradicionalíssimo álbum familiar é o testamento de imagens sensíveis e ternas. Fetiche dos homens que pretendem ser perenes para os seus.

Pequenas Relembranças

Jorge Tufic

Nós somos definitivamente autores, consagrados ou não, de uma única obra. Não era sem razão, portanto, que os nossos bisohos predecessores achavam que Aníbal Teófilo, autor de "A Cegonha", já poderia morrer depois deste soneto. Fato semelhante acontecera com Júlio Salusse, autor de um outro artefato poético do gênero, intitulado "Os Cisnes". E o que seria a "A Comédia Humana", de Balzac, senão uma grande obra reunindo, numa única saga romanesca, toda a produção literária do estilista de "Chat-qui-pelote"?

Brota o comentário a propósito, também, daqueles outros escritores, ficcionistas ou não, a quem não fora concedido o tempo necessário para concluírem seu projeto referente à literatura, não tendo deixado, sequer, uma prova concreta do talento que demonstrava como teóricos da arte que daria a um Júlio Dantas a versatilidade bem própria de sua época, nada ficando o cronista a dever ao fino teatrólogo de "A Ceia dos Cardeais".

O Clube da Madrugada, em Manaus, foi, a nosso ver, o mais amplo e o mais eclético espaço cultural iluminado pelas mais variadas tendências, com o maior número possível de intelectuais e poetas capazes de se estrear na literatura, como poucos o fizeram. Mas o CM não era só de literatura. Nas artes plásticas tivemos um Afrânio Castro, também poeta, falecido prematuramente antes de publicado. Hahnemann Bacelar, muito mais novo que Afrânio, teria a malasorte de sucumbir à depressão cósmica dos "trópicos tristes", cometendo suicídio. A galáxia madrugada, enfraquecida agora pela dispersão voluntária dos seus componentes, vai-se deste modo resumir-se naqueles raros sobreviventes de um encontro histórico de que jamais se tivera notícia.

Algumas outras personagens desse tempo, naquela Manaus dos anos cinqüenta, teriam ficado, igualmente, na memória de seus contemporâneos, não exatamente pela autoria de um romance, de um conto (a exemplo da "Porta-Estandarte", de Aníbal Machado) ou de um soneto-estalo, como podemos ainda mencionar Augusto dos Anjos (com "Vandalismo") ou Raul de Leoni (com "Eugenia"), mas, a rigor, pelo que foram no desempenho cotidiano de suas próprias vidas.

E aqui rebrotam as figuras lendárias de José Trindade, um dos fundadores do Clube da Madrugada, e o filósofo Malaquias, de que tratamos numa crônica do "Tio José" (1975). Deixaram, quando muito, fama, devida a seus atos, e frases, como esta do Malaquias: "A velhice é como o sol do entardecer: ilumina, mas não aquece". Outra: "Não me façam vomitar dizendo "meus sonhos". Ninguém é proprietário de sonhos". José Trindade foi mais longe, materializando no ato físico a idéia fantástica. Na qualidade de Auditor de Guerra da Polícia Militar do Estado do Amazonas, envergara ele, um dia, a farda de coronel.

Afivelou na cintura a luzida espada da Corporação, e dirigiu-se, nessa gala de honra, ao primeiro boteco que encontrou; e ali tomara o porre federal de não decepcionar a nenhuma das centenas de pessoas que lotavam as calçadas.

Malaquias dormira, certa feita, no toldo de um barco de pesca, e ninguém mais soube dele. José Trindade, destituído do cargo, foi tentar a vida em Vitória do Espírito Santo, e, quanto a nós, nunca mais soubemos dele.

A Vida e as Cartas

Jorge Tufic

Quem não gosta da vida? Todos nós gostamos. Difícil, porém, é desfrutá-la como fazem as abelhas, e alguns pássaros. Eu sei que o trabalho, sempre aquele que nunca desejamos para o mais cordial inimigo, obstaculiza um pouco a escolha das flores e dos caminhos. O trânsito também atrapalha, uma vida passa então a olhar a outra com a raiva das buzinas, surgem problemas mecânicos, humanos, clínicos, metafísicos. De repente esquecemos os primeiros raios do dia, a lua de ontem à noite, os lagos tranqüilos e a promessa que fizemos de conservar os músculos da catadura facial a zero quilômetro. E logo passamos a fazer o jogo cabalístico do Diabo, com as pedras marcadas do destino. Culpamos a este pela má distribuição das rendas públicas, do sorriso vital, das passagens aéreas e dos convites para os cargos do novo governo. Algumas outras personagens míticas, que nada têm a ver com o preço da gazolina, desfilam também no vermelho das pupilas distônicas, a cominho da degola. Nem Deus escapa. Por outro lado, os fatos mundiais atiçam a fogueira: cem crianças morrem sacrificadas, um pára-quedas se recusa ao pára apenas por ser branco e o passageiro de cor, as vozes do Criador (ayatolla) são tantas no Irã que os chefes da revolução resolveram descansar a palavra, transferindo o "berro" sagrado para o cano das armas.

Trocamos a vida pela amnésia, o aroma das frutas pelo cifrão do Tio Patinhas. Seguimos a procissão dos mortos, conduzindo nosso próprio ataúde. A guerrilha das faixas de segurança, a suspeita de um freio mal regulado ou de um "trombadinha" mais afoito, nos tiram da cabeça o projeto de felicidade, a confiança nos outros, o amor esotérico, o gesto crístico, a doação poética. Largam-se de nós as pontes móveis da auto-defesa, já que nos vemos, durante todos os percursos, em luta contra moinhos de vento. Descontraímos à força, sem saber o que vai pelos absconsos itinerários do sangue, e lá um calhau nos sufoca, mata ou simplesmente aleja. E agora, José?

Os pássaros que inventamos, as abelhas que zumbiam seu mel de fragrâncias silvestres, a lua de junho, os versos de Thiago de Mello, o vôo de Gagárin, as fibras tecidas de Douchez, a torre de ismália, as memórias de Pedro Nava, o regresso de Carlitos, o encontro das águas, logo ficam para trás, como as partículas de uma rosa que explodisse. Nestas circunstâncias, porém, instala-se o apelo dos egoístas. Procuramos em nosso redor as misérias físicas do mundo, as chagas que não temos, o braço que não perdemos, a visão que jamais se apagara, a voz que nunca emudecera. Um apelo cretino, de todo ilegítimo para aqueles que, de um modo ou de outro, terão contribuído para a desgraça alheia. E se alegram em manter ilesa uma entidade alérgica a ser útil, mãos desprovidas de energia para o gesto executivo, braços anestesiados pelo sossego dos paquidermes, voz purgada pelo medo, visão descolorida e subalterna aos benefícios primários.

É bem uma zorra ter que suportar um mundo de semelhanças tão dessemelhantes. Um mundo de acidentes, corrosões, imediatismos, crueldades, malquerências, punhaladas, petulâncias, tafularias, momices e vilezas. Pensamos, no entanto, em certas criaturas que amam a vida e tudo parece mudar de sentido. O mundo recomeça exatamente a partir desses marcos subjetivos, em que a força interior de suas primeiras moléculas reclama a certeza de que precisamos de alguém, ou de alguma coisa maior do que a incerteza como suporte de nossas fragilidades, nessa breve *travessia.* E os grandes amigos de nossa juventude são estes suportes. Nunca chegam a meia dúzia. Variam de caráter e temperamento, mas optam pela firmeza. A maturidade e os casamentos escasseiam os encontros habituais, a morte separa. Suas faces de ontem confundem-se, às vezes, com as de hoje, e suas cartas periódicas, sopradas pelos alíseos da saudade e da melancolia, reafirmam, sempre, a existência de um vínculo imarredouro nos momentos de solidão e desamparo.

São essas cartas de amigos distantes que gosto de reler, na demorada fruição de quem tece objetos novos com a palha que entrelaça as palavras de ternura e simpatia. Algumas delas são-me tão caras como os autógrafos de Pedro Nava, Jânio Quadros, Carlos Drummond de Andrade, Marcus Accioly e Pessoa de Morais, sem falar nos de Milton Dias, Breno Acioly e Ramayana de Chevalier. Deste eu guardo sua última carta, cujo fecho revolve a túnica dos séculos: "e agora me cerro-uma tâmara para o teu coração".

A Grande Tese

Jorge Tufic

Neste fim de semana aproveitei o silêncio do meu bairro para rever o que sou, e o que penso. Agora, depois de tudo, já posso dizer como foi difícil resgatar as imagens que andei largando pelos caminhos da vida. E ao termo da longa viagem sem corpo, eis que me encontro novamente sozinho com "esse" vulto estranho e meticuloso, sem quase nenhuma saudade da juventude, embora tão perto daqueles que a conservam, mesmo sendo velhos.

Comecei deslizando por um túnel de vários quilômetros, escuro, úmido e liso, do qual jamais fugiria, se em tempo brusco não tivesse conseguido abrir os olhos e ver-me outra vez no princípio de toda luta. É que um dia, quando julgamos chegar ao ponto mais alto de uma linha perseguida, basta-nos um momento de reflexão, e logo, entre névoas e cristais dispersos, **bum**, com a vertigem do retorno para o sonho, voltamos a ser a própria angústia do pesadelo.

Em suma, nada feliz, nada sou. Sento-me num banco da Praça do Ferreira, e passo a discutir com os amigos de minha idade os mesmo problemas que ainda estão sendo discutidos pelos jovens de hoje, em outras praças e outras ruas. Isto eu descubro quando converso com os mestres, também jovens, como esse nobre amigo Paulo Lentz. E na conversa, ombreados pelo desejo comum de saber, abordamos o homem e a natureza,aquele desgraçadamente o único vivente do planeta que a natureza não aceita, e por isso fustiga-o de todos os modos, fazendo dele um objeto patológico das centenas de mazelas que possam vitimá-lo.

Seus olhos me fitam e azulam, ainda mais, na perspectiva de um horizonte remoto, onde estariam os pedaços "geológicos" do homem. O bate-papo prossegue, numa intensidade mais concreta, visinhando o objetivo que se queria identificar como a causa primeira e o motivo último da agressividade gratuita ou transformadora daquele que nasce para "dominar a natureza". Por outro lado, meu amigo discorre sobre todos os demais seres, inclusive os insetos, que haverão de sobreviver ao *bípede implume*, pela maneira como vive e aproveitam o ambiente natural, que não lhes oferece resistência. Assim, de repente, eu lhe atiro a perguntar:

- Você não acha, Lentz, que o homem age, sobretudo, de forma vingativa contra o mundo que ele sempre viu como seu maior inimigo, e por isso o destrói ou apenas o adapta a uma segunda ou terceira natureza?

Foi o bastante. Meu companheiro de mesa olhou-me algo admirado pelo alcance da idéia, e, excluindo a segunda natureza, que já se tornara um lugar-comum, ressalta o achado na dimensão de uma tese bem próxima do pilar invisível que sustenta a milenária "incompatibilidade" entre o homem, desde o primata, e o meio-ambiente que o repele e

aniquila. Com isto, porém, a transformação da natureza, através do progresso, dá-lhe acesso a um outro problema talvez insolúvel, a menos que os compostos do nosso organismo, assimilando-se aos venenos da poluição, consigam um acordo de cavalheiros suficiente para que esta, na meta finalíssima, não nos venha deixar sem uma outra saída.

A lembrança deste e de outros episódios, anotados ou esquecidos, nos quais a diferença de idade interfere em prejuízo da convivência e do diálogo, me deixa convicto de uma coisa: a inteligência não tem preconceitos, muito menos contra jovens ou velhos. Minha vida inteira eu passei escrevendo, nem sempre recolhido ao meu gabinete de trabalho, senão em companhia de uns e outros, aprendendo e conferindo os meus erros. E de outra coisa também fiquei certo; ninguém é dono de assunto.

Nesse ritmo habitual de autocrítica, um impulso, tão antigo quanto novo, me leva a rasgar e botar no cesto do lixo uma porção de escritos e manuscritos. Livros e cadernos, também. Retratos e recortes de jornais, idem. Em seguida, papel na máquina, foram nascendo projetos, sem demora, por um nada interrompidos e lançados no mesmo cesto de papéis inúteis. Este, no entanto, em forma de crônica, logrou resistir à fúria de seu pequeno deus de barro, e vem dizer aos leitores que passei um domingo em silêncio e comigo, tão perto de mim que o jovem de ontem e o velho de hoje, sem darem menos pelo abismo que os separava, resolveram bastar-se em paz e alegria.

Natércia: do "Caminho das Águas" à Academia

Almir Diniz

Natércia Campos chega à Academia Cearense de Letras pela mão do talento. Que lhe é inato:

Sucessora do pesquisador Francisco Alves de Andrade na cadeira 6, do patronato de Antônio Pompeu de Souza Brasil, a nova acadêmica é filha do aureolado contista Moreira Campos que empresta seu respeitado nome a uma das dependências do Palácio da Luz. Entretanto, de seu genitor, não recebeu a romancista o passaporte literário para o triunfal ingresso na catedral dos sonhos da imortalidade cearense. Ele é morto! Contudo, é impossível dizer que Natércia não saiu ao pai. Saiu. E, exatamente como o soberbo autor de "Contos II – Obra Completa" que abriga, entre outras pérolas, o delicioso conto "A Gota Delirante", desde cedo bebeu, nas fontes límpidas da sabedoria, as águas lustrais da literatura. Tanto que, ainda no seu despontar literário, disse-lhe o poeta baiano Jorge Medahuar:

"Moreira Campos, seu pai, passou a mão pelos seus cabelos e esta é uma forma mágica de transmissão".

Não se pode negar, mesmo querendo – e não é o caso –, a herança genética. O telurismo sangüíneo explode, feito etnas humanos, denunciando a combustão atávica que aflora, espontânea, à crosta do extraordinário edifício carnal com força de ancestralidade maturada.

"Ninguém chegou a ser sábio por acaso", ensina Sêneca.

Natércia não é caudatária nem aproveitadora do nome ou da obra do mestre mas sim, sapiente e determinada continuadora da produção literária de Moreira Campos. Sem copiá-lo.

Em Iluminuras, que mereceu a abertura de Câmara Cascudo, dá o seu recado e anuncia a que veio. E, no romance A Casa, construído com emoção, dos alicerces à cumeeira, a escritora ingressa, por si e independente, para a história literária do Ceará, de tantos e tão magníficos varões que enobrecem as letras pátrias. Nem é preciso nomeá-los, de tão importantes e respeitados que são!

O seu discurso é belo passeio pelos sertões de Euclydes e Oswaldo Lamartine de Farias, Gylberto Freire e Silvio Romero, enveredando pelas notas folclóricas e os contos encantados de Luís da Câmara Cascudo, Gustavo Barroso, Juvenal Galeno, irmãos Grimm... E não esquece de inserir na impressão de suas recordações mais afetivas a beleza imortal dos livros de Monteiro Lobato que, até hoje, fazem o encanto da juventude. De tudo um pouco. E um pouco do muito de Capistrano, Leonardo Mota, Guilherme Studart, Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Girão, Gerardo Mourão, Ariano Suassuna, Francisco Carvalho, Nertan Macedo e tantos outros.

Mas é no seu opúsculo "Caminho das Águas" que Natércia atinge as cordas de minha sensibilidade, seduzindo-me com sua técnica

simples, clara e direta de pintar a incrível sucessão de cromos a partir do instante em que penetra o labirinto verde da panorâmica amazônica. Da pátria das águas.

Debruçada no convés do imenso ônibus fluvial que a conduz, sob inenarrável encantamento, pelas formosas estradas líquidas do mundo amazônico, fazendo-a partícipe do constante cenário nativo de sonhos, Natércia relembra:

"Em algum lugar do passado meu bisavô materno aqui viveu. De seu filho Júlio Alcides, meu avô, cearense, ouvi as primeiras histórias dessa imensa planície cortada pela linha do Equador."

Vivendo o seu sonho mágico de conhecer a Amazônia, de quando em quando permitia-se uma pausa na sua relembrança emotiva para admirar, concretamente, o caminhar imutável da poética esteira fluvial, com seus debruns de esmeraldas a emoldurá-la, correndo, correndo sempre, em demanda do mar.

Acostumada à paisagem sertaneja dos rios secos pasma-se ante à grandeza e o requinte do caudal gigantesco transportando, em forma de linhas flutuantes, a cobertura vegetal arrancada aos barrancos e beirais pelas fraturas das terras caídas...

Terra Caída

.....

.....

"Horror, pasmo, tormenta, desventura!
O terreno que afunda, carcomido,
com fragor, no perau e na fervura...

Um aceno de caos, que se mistura
no funil do rebojo embrutecido
à dor, que de sofrer já não tem cura."

(Do livro Encontros com a Natureza, Almir Diniz, Scortecci, SP, 1996).

... E vê, nessas formações singulares, plenas de verde, de bubuia, ao sabor da corrente, a festa dos pássaros banqueteando-se nos pendões dourados de sementes maduras das gramíneas varzeanas e aquáticas que se desenvolvem no colchão úmido, dançando sobre a superfície crespa do deus líquido se o tange o banzeiro produzido pelos barcos e pelo vento. No conjunto inimitável um remate de flores e borboletas.

O olhar de procura, presa do encantamento da paisagem nativa e bela, fixa-se nas margens do rio e dos paranás, nos contornos das ilhas, nas enseadas e nas praias de água doce. E entra pelos estreitos acessos dos igarapés, semelhando-se a túneis verdes com cúpulas de galhos entrelaçados, serpeando pelos vãos da floresta virgem em busca das fontes misteriosas, brotando aos sopés dos montes e serras. E gira, e se torce na magia dos rebojos procurando o descanso e a naturalidade dos remansos. Em seguida, como o martim-pescador que vislumbra de longe a festa do cardume, mergulha na calmaria mística dos igapós.

Aqui e ali, na vastidão dos beiradões, extasia-se com a beleza da vegetação beijando a corrente, com os tapetes de murerus e lavínias circulando, não raro, os belíssimos e inimitáveis fornos de vitórias-régias. E avança. E escala os barrancos, chegando à pobreza franciscana dos casebres construídos sobre palafitas com fibras, cascas, palhas e tábuas rústicas de paxiúba, num contraste violento e chocante com a riqueza ao seu encontro.

Depois desce a ribanceira; entra pelos engenhosos banheiros flutuantes; observa a faina

rústica e poética dos modestos canoeiros no que fazer da pesca; e admira as nativas no duro trabalho da lavagem de roupas sobre pranchões flutuantes e de cedro lavrado, amarrados a troncos de madeira de lei (fincados juntos à linha de flutuação d'água), com o recurso de cipós de alta resistência.

Há tanta coisa a armazenar no escrínio da memória... por exemplo, o ataque do boto predador e lendário, a um cardume que sobe a corrente no doce entretenimento da reprodução. Então, os integrantes da piracema voam sobre a maresia, com suas escamas prateadas, denunciando ao tarrafeador de tocais, a perfeita localização para o lance. A tarrafa cheia de peixes é outro encantamento!

Tarde da noite,a lua acesa, o sono tardo, Natércia pensa. Em Humboldt (hiléia); Spix e Martius, do séqüito da arquiduquesa austríaca d. Leopoldina, em viagem ao Brasil para casar-se com o príncipe herdeiro, d. Pedro; em Quintino Cunha (Vê, bem, Maria, aqui se cruzam...); no Curupira, no Mapinguari, no Anhangá, Boitatá, Matintaperêra, no olho do boto preparado e, neste, as tantas lendas desse incorrigível sedutor de donzelas...; nos muiraquitãs... Depois, a visão mítica da ilha do Marapatá onde, diz a tradição lendária, o branco ao passar, deixa a consciência ("Quem sobe o Rio Negro, deixa lá, a vergonha"). Ela, porém, não. Segue firme, tranqüila, consciente de suas observações e estudos. E, ao pisar na ponte pênsil, de fibras e pranchas, para entrar na floresta virgem com seus cantos, pios, gemidos; com seus uivos, roncos, silvos; com seu invisível ruflar de asas suaves ou não...– as vozes da mata –, vem-lhe a memória a extraordinária figura humana do conde italiano, naturalizado brasileiro, Ermanno Stradelli (patrono da cadeira 34 da Academia Amazonense de Letras) que, durante décadas, varou inúmeros rios do Amazonas e conviveu, como um mito vivo, com os índios de diversas tribos, respeitado e venerado, a ponto de, ainda hoje, os velhos tariana aguardarem a sua volta...

Esta, a Natércia Campos que vi, em noite de gala, recebendo, no Palácio da Luz, sob a presidência do poeta Artur Eduardo Benevides, o colar da imortalidade acadêmica.

Fala Presidencial[1]

João Leda

Sr. Governador do Estado

Sr. Presidente da Assembléia Legislativa

Sr. Presidente do Tribunal de Justiça

Ilustre auditório:

Vai em duzentos anos que um poeta francês, compadecido do suplício a que se votam os mártires da eloqüência nos conclaves literários, aconselhava em soneto que ficou célebre esta singela resposta para recipiendários que houvessem de escutar o ditirambo dos seus méritos e das suas produções:

Caríssimos confrades, muito obrigado.

A essa fórmula graciosa, gentil e breve, deveria corresponder esta outra, igualmente rápida, igualmente polida, e sobretudo acalmante da tensão nervosa do auditório:

Não há de quê.

Infelizmente, as seculares tradições acadêmicas recusam esse magnífico ideal oratório, que, fulminando o natural terror que inspira o caudal retórico, o tornaria sumamente amável pelo laconismo, conferindo-lhe dessarte a virtude de evitar o pânico a quantos, fazendo timbre de assistir a celebração de caráter literário, ora por injunções de amizade, ora por imperativos de etiqueta, se submetem, com espantosa bravura, a essas horas angustiantes.

Nesta evocativa jovial vai uma observação, de certo já ouvida em toda parte onde se cultivam letras. Os cenáculos da natureza do nosso só aliciam simpatias reais, quando se conservam dignamente fechados. Bem compreendemos, sem a menor sombra de inveja ou de despeito, que as finalidades culturais de institutos desta ordem, levou-as de vencida a maravilha radiofônica, mediante os seus notáveis órgãos que são as emissoras, em cujos parques de diversões os escóis sociais se ilustram. Como outras agremiações literárias que por aí se abnegam em conservar a chama sagrada, nós, os da Academia Amazonense, sentimos sem esmorecimentos a robustez da nossa fé, apesar de reconhecermos que o templo se nos vai ermando de fiéis. Leva-nos isso a manifestar profunda gratidão aos intrépidos 44 devotos que habitualmente lhe transpõe os umbrais nos dias das nossas solenidades e cujas fisionomias que já fixamos na memória do coração, se confundem hoje entre centenas que vêm trazer a homenagem da sua estima pessoal ao espírito de eleição de Aristófano Antoni, a quem a palma acadêmica vai ser deferida por seus notáveis atributos de jornalista.

Teve assim Aristófano o condão de encher esta Casa de desusado ar de festa, que deveras

[1]Proferida em 13.08.49 e publicada na série Discursos Acadêmicos.

nos jubila por seu particular significado, tanto mais quanto a própria juventude amazonense – a mais pontual desertora dos nossos festivais – que ela sempre faz timbre de ignorar, lustra hoje a Academia com sua penhorante presença, num amável e lindo gesto de fraternidade espiritual.

É que, talvez, sendo os moços o estuar da vida na força da sua seiva, o ardor primaveril de que desbordam apenas lhes permite auscultar friezas hibernais na atual falange acadêmica; e é inteiramente certo que só anos em flor têm o prestígio de aproximar adolescentes em coisas do espírito, possibilitando laços de cordial simpatia.

Ora, no trato nobilitante das letras, somos, ao ver das novas gerações, melancólicas remanescentes de época que já vão longe e cuja renovação de horizontes mentais é puramente mitológica. Com desesperado anseio, aspiram os moços ao novo, ao inédito no que concerne a letras e tais opiagens que lhes acalentam as ilusões, não geram em nossos cérebros, por singulares efeitos contrários, senão descrenças absolutas.

Quando me cometeu a Academia o grato encargo de dar as boas-vindas a Valois Coelho, evoquei a tese vulgada por prosadores insignes, segundo a qual, através do rodar dos séculos, a inteligência humana outra coisa não há feito, em suas limitações inelutáveis, senão fonografar idéias e pensamentos para transmiti-los às gerações por vir, num símile maravilhoso da corrida do archote, a passa de mão a mão, entre os mancebos da Grécia antiga.

Com efeito, para comprovar a exatidão da tese, bastará partir dos cumes altaneiros para a planície rasa, considerando a prodigiosa herança intelectual dos poucos gênios autênticos que tem produzido a humanidade. Se, na realidade, eles, cujo engenho sobrenatural mais logrou aproximar-se da divindade pela vis criadora, frogoando lucubrações das imortais em plenitude de inspiração: se eles, os marcos luminosos das eras, sentiram a impossibilidade do novo e do inédito, assim nas suas formas expressionais, como na ideação, como na concepção mesma da alegoria e do símbolo, imagine-se que descomunal acervo de discos vitrolescas não nos legariam até hoje os infinitos cérebros vulgares que há milênios palream e charlam, gratujam e peroram, na imensa vastidão do universo.

E como raia no sublime esta visão panorâmica do gênio a permutar com o gênio as incalculáveis riquezas dos seus espíritos; Homero, real cantor, ou apenas simbolismo da popular grega, transmitindo a Virgílio, lá do fundo da antiguidade, o sopro inspirativo da "Eneida" com seus racontos de glórias, suas fabulações e seus mitos; Dante, iluminando a Idade Média com os clarões solares da "Divina Comédia", cujas legendas provieram de outros cérebros, e recebendo das mãos olímpicas de Virgílio o pincel divino com que pintou o Inferno; o gigantesco Shakespeare, colhendo em jardins alheios a maior parte do floral de idéias que aromatizaram e embelezaram seus dramas imperecíveis; e, finalmente, o colossal de Camões, lavrando sua formosa epopéia com o escopro do cinzelador supremo da Eneida, todos canonizados pela veneração dos povos, mas jurando a verdade irrefragável do bardo gaulês sobre o patrimônio comum de quanto emerge da mente humana:

"Rien n'appartient à rien, tout appartient à tous".

Nossa juventude sabe de tudo isso, que não pode transcender da sua bela cultura; mas, entendendo que a só invocação de tais coisas já revela nosso amor de acadêmicos ao obsoleto, ao vetusto, ao gótico, resolveu ignorar-nos de todo. Na noite em que Salingac e Souza recebeu aqui a investidura, abrigando-se ao seio fraterno do nosso grêmio, uma revoada chilreante de colegiais, de pendão escolar alçado, veio render homenagens carinhosas ao novel acadêmico e igualmente ao seu ilustre professor. Produziu-se então nesta sala um borborinho de espanto pela estranheza do gesto, realmente insólito. Houvera significado isso, na realidade, uma deliciosa cortesia; nunca, porém, uma adesão de inteligências moças a espíritos em geral céticos da arte nova, da arte construída de ineditismo, da literatura adstrita aos dogmas de um modernismo multicentenário, que se alçou sobre os destroços das infinitas fórmulas, das inumeráveis escolas que passaram.

Porque, desgraçadamente para o orgulhoso idealismo dos jovens, o enaltecido modernismo literário, erigido sobre o amoral e o exótico, é quanto pode haver de fóssil e de arcaico. Da lendária Roma, nossa venerável matriarca, não herdamos com o sangue somente algumas tradições, a língua e os colendos monumentos do Direito. Recebemos também, de par com isso, quando ela agonizava na coliquação moral do império e as energia da raça se abatiam no excesso das orgias, uma copiosa literatura onde o obscenismo requinta e oferece como paradigma de salacidade e animalismo sensual o monstruoso "Satiricon". É remota, posto que alta, a estirpe literária do modernismo; e se dela se desvanecem os hinólogos da carnalidade, é porque ignoram talvez a lei inflexível, segundo a qual regressamos periodicamente ao ponto de partida em tudo, perseguindo embora a ilusão de lidar com o original e o novo. O materialismo pagão que ora nos envolve e que no passado negava a existência da alma no bruto como no homem, já nos concede, generosamente, uma alma. Continua, porém, a haver-nos como simples joguetes dos gozos matérias, submissos à condição fatal de servos da carne. O grande órgão da ciência materialista de agora já trombeteou de rijo para ser ouvido nas mais distantes regiões, onde psicanálise faz sectários e prosélitos. Seu brado titânico propaga esta sentença inapelável: o homem é um simples feixe de neuroses, cada uma das quais se explica pelas impulsões do sexo, dominador despótico do seu cérebro, da sua inteligência, da sua razão.

Dizem que o existencialismo emanou dessa notável ciência. Não o sabemos ao certo. O de que temos absoluta certeza pelo testemunho dos livros é que o imoralismo contemporâneo, tão nitidamente fotografado na literatura e na imprensa, devasta a sociedade com tamanha violência, que a Igreja Católica acaba de opôr-lhe veto com o eminente prestígio de sua autoridade, fulminando graves sanções sinodais contra os seus cultivadores.

Graças aos céus pode regozijar-se a Academia Amazonense de se achar a salvo de tamanhos rigores. Se vai por aqui algum espírito conservador, certo apego a vetustas tradições que aderiram à alma, o asseio mental, entretanto, é princípio inviolável para nós: não tem ambiente natural nesta Casa nem a escabrosidade da novela contemporânea, nem o conto polvilhado de calão, nem a poesia que primeiro se desnuda, para vir, já cambaleante de uísque, contar-nos coisas pudendas em palavreado tavernal. E assim sendo, todos nós da Companhia, claro está que

só nos praz chamar à intimidade acadêmica espíritos cujo feitio e índole não nos vexem com violentos contrastes, causando pânico lá fora pela sua lincenciosidade mental.

Dentro desse moldes está perfeitamente Aristófano Antoní, cujo radioso espírito trazemos hoje para nossa comunidade , conferindo-lhe a láurea em homenagem aos seus peregrinos dotes intelectuais, fulgurantemente revelados em sua nobre profissão de jornalista. Porque Aristófano Antoní não trás consigo outro pergaminho senão esse que lhe tem tecido a justa nomeada, granjeando-lhe ecoantes triunfos e destacando-lhe a personalidade para a admiração e o respeito coletivos. Contenta-se Aristófano Antoní com ser jornalista, apenas jornalista, porque sente que os fados o talharam para essa alta missão social, que o gênio de Rui Barbosa conceituou assim: "O Jornalista é para o povo, ao mesmo tempo, um mestre de primeiras letras e um catedráticos de democracia em ação, um advogado e um censor, um familiar e um magistrado".

Como se vê, cada uma dessas facetas oferece a iluminura de real brasão, ainda mesmo nos dias que vão correndo, quando a evolução universal do periodismo, transformando o antigo doutrinador do artigo de fundo, pesadão e quilométrico, no simples repórter leve de estilo e escoteiro de teorias, captou para este a simpatia e a gratidão das turbas pela arte suprema com que, dia a dia, lhes resume as atividades do mundo moderno em comentários de breves linhas, ou em legendas berrantes e espetaculares.

Da sua paixão vivaz pelo jornalismo, dos seus zelos extremos pela excelsa profissão, Aristófano só distrai um mínimo em favor de outra entidade que também o seduz, precisamente porque, às vezes, o aflige ou maltrata com seus traiçoeiros percalços: a política. Mas é de pena na destra fazendo jornal, por entre o vozeiro das oficinas e o ruído atordoante dos prelos, que ele se sente no seu elemento para lavrar aquelas deliciosas crônicas cotidianas, em que foca o banzé político regional, ou o caso de mor sensação no vasto âmbito do país, ou o acontecimento estrangeiro de mais vulto, ou o livro que lhe chegou às mãos para o aresto crítico, sempre ponderoso e cintilante, sempre isento de preconceitos sectários ou de paixões mesquinhas.

Conhecendo Aristófano Antoní desde a sua meninice, só nunca lhe descobrimos tendências para a poesia. É possível que versejasse alguma vez e que recatasse com ciúmes sua musa clandestina. Duvidamos, porém, que tomasse para modelo a Marini, bardo italiano que escandalizou seu país no século XVI, comparando o lírico rouxinol a "una voce pennuta", a "una piuma canora", denotando o mesmo gosta exótico com que os nossos poetas modernos comparam o deslumbrante estendal das estrelas do firmamento com uma inestética erupção de varíola.

Tirar-nos-á de certo da dúvida sobre Aritófano Antoní, tangedor de alaúde, o nosso eminente Péricles Moraes "primus inter pares" da nossa Academia, que o vai receber com a pompa habitual de seu verbo cantante, melodioso, orquestral, onde, na transparência luminosa do fraseio, ressaltam conceitos que valem consagrações.

Discurso de Posse[1]

Aristophano Antony[2]

Senhores acadêmicos:

No deslumbramento desta hora, para mim emocional, vendo, como vejo, o esplendor de tantas luzes a me envolver, e, também, tantas inteligências, na sua fulgaração mais intensa, atentas às minhas palavras, que são a reflexão do meu espírito, atentas às minhas palavras, que são o reflexo do meu espírito, uma pergunta faço, de mim para mim mesmo: – Por que estou eu aqui, nesta Casa da Sabedoria, quando são mínimos os meus atributos e máxima a minha convicção de nada possuir para vos dar?

A resposta me vem, de ponto, ao cérebro: – pela vossa bondade, pela vossa ilimitada bondade, direi melhor, conduzindo para este cenáculo, onde pulsam tantos corações amigos, quem, no íntimo da sua mediocridade intelectual, tomou por base aquele conceito de Carlyle, de que nossa principal preocupação não deve ser de "divisar aquilo que se acha encoberto na distância, mas de aceitar, apenas, o que se apresenta claramente diante de nós".

Bem longe estava eu de vir ocupar, entre vós, uma poltrona acadêmica. Essa vaidade se não inoculara em mim, que não possuo, além de qualquer sentido da arte, obras ainda impressas para justificar meu ingresso num congresso de homens tão eminentes. Daí porque não posso, sequer, na evocação dos irmãos Goncourt, repetir o conceito segundo o qual "os que na arte não encontraram o consolo e o bem-estar, nela, depois, encontraram a glória e a imortalidade". E é a imortalidade que me quisestes oferecer, trazendo-me, em gestos de generosidade demasiada, à vossa admirável companhia.

Eu, sempre, diante de minha desvalia literária, procurei esquivar-me de todas as culminâncias, pelo temor de não fracassar, uma vez que as atingisse. Jamais, portanto, alimentei ilusões de aqui chegar. Flaubert aconselha que devemos fugir do sonho, porque ele é a sereia que canta, chama, e, quando chegamos até ela, já não é possível voltar. Mas, por uma força imponderável do destino, não pude fugir ao vosso sortilégio. Da primeira vez que me acenastes, desejosos de trazer-me ao vosso convívio, retrocedi. E não fostes no meu encalço, porque sabíeis que não era possível alcançar-me. Os anos decorreram, e, de novo, ouvi o vosso chamado. A sereia teria de envolver-me, quebrantando-me as forças. É por isso que aqui estou, senhores acadêmicos.

E agora? Falo pelo talento de Epicteto: – "Avalia primeiro o que desejas empreender. Examina, em seguida, teu gênio, a tua própria natureza, a fim de verificar se o fardo que te vais impor é proporcional às tuas fôrças." É

[1] Proferido em 13 de agosto de 1949 e publicado na série *Discursos Acadêmicos.*

[2] Aristophano Antony ocupava a Cadeira nº 18 (antiga 23) da AAL. Nasceu em 24 de maio de 1903 e faleceu em 03.08.68 Homenageando o Centenário de Nascimento, republicamos-lhe o discurso de posse.

o que terei, de hoje para o futuro, de verificar. Suportarei o fardo? O tempo nos dirá, em definitivo. Vitor Hugo dizia: – " Que é o gênero humano desde a origem dos séculos? Um leitor. Soletrou durante muito tempo, e ainda o faz, mas logo lerá".

Na vossa companhia, senhores acadêmicos, muito terei de aprender embora sem aspirar à glória literária, porque, esta, bem a definiu o gênio de Shakespeare, não passa de um círculo feito na água, que não cessa de alarga-se, até que, afinal, em nada se dilui...

Um Repórter entre os Imortais

Outra coisa não tenho sido, da adolescência à maturidade espiritual, do que um humilde jornalista. Repórter, é a minha profissão. Foi sob a cadência dos prelos e das linotipos, que despertei para os entreveros da vida.

Não sei de outro ambiente que mais se ajuste à minha preferência, tampouco à minha emotividade. Nele tenho vivido e nele pretendo morrer. Em que pese a acrimônia de Bernard Shaw, que considera o jornalismo a mais ingrata de todas as profissões, ainda prefiro, depois de cinco lustros, a assertiva de Antonio Ferro, o confrade lusitano, dizendo que o consultório de Freud não vale uma redação.

Para muitos, isto há de parecer uma hipérbole. Todavia, nada mais verdadeiro, até porque, – isto não constitui surpresa ou diminuição de mérito – estamos habituados a ver, diante de nós, nas horas em que fazemos os órgãos da imprensa diária, homens ilustres, cientistas mesmo, imobilizados quando, à nossa solicitação, têm de expressar, em linguagem simples ou mesmo vulgar, aquilo que, em poucas palavras, sabemos, em exata medida, dizer para o público sempre ávido de informações.

Aqui mesmo, nesta Casa, quantos plantonaram nas redações, solidificando conhecimentos e alargando, ilimitadamente, o saber? Quantos, na mocidade, com o ardor e a sobranceria que os anos favorecem, não viveram o seu inolvidável instante jornalístico. À primeira visada vemos, com a auréola que hoje os distingue, João Leda, Álvaro Maia, Salignac e Souza, além de Péricles Moraes que, na excelsitude do seu espírito, enche de clarões de sabedoria esta Casa e que, em qualquer outra, cresceria aos olhos dos seus confrades pelo seu saber eclético e pelas cintilâncias da sua cultura de homem de pensamento e de erudição.

Outros, igualmente, por aqui já passaram, depois de pervagar, no anonimato das redações, um bom caminho, difícil, quase sempre, de ser vencido. Ainda há pouco, inesperadamente, foram roubados do convívio desta Casa, onde sempre se impuseram pela fulgurância do espírito e pelo talento que possuíam, Adriano Jorge, Leopoldo Peres, Huascar de Figueiredo. Foram, todos três, grandes jornalistas. O segundo, por alguns anos, meu companheiro e, o último, meu mestre e meu colega em quase uma década de jornalismo diário.

E não aspiramos, nós os jornalistas, aos lauréis da glória, até porque, esta, no dizer de um dos nossos, que era Daudet, pelos lábios de Vedrine, nada mais é do que um cigarro aceso que se coloca às avessas, à boca sempre sequiosa de fumar...

Trouxestes, pois, para este Cenáculo, a fim de participar das vossas tertúlias, um repórter modesto. Não sei, em verdade, de deferência maior e mais comovedora. Nada obstante, neste meu noviciado literário, não pretendo ir além dos horizontes limitados pela minha apoucada inteligência. É que, a todos os momentos, me assalta aquela advertência de Edmundo

Goncourt, no seu "Jornal", dizendo da pretensão literária do repórter, querendo sobrepor-se, abusivamente, às aristocracias do talento, dessas que, em todos os tempos, fazem jus aos lugares nas Academias, entre aqueles que as enaltecem pela cultura e pela erudição.

O Patrono da Cadeira que me coube

Vou ocupar, entre vós, a cadeira que tem por dignitário um poeta, e que foi criada por outro poeta que era muito do vosso e, também, do meu coração. O patrono da cadeira em que me vou sentar é B. Lopes, o Bernardino Lopes das "franfreluches romanescas", na opinião de Grieco, que, se o aguilhoou, também o enalteceu.

Não me parece tarefa difícil apreciar a vida e a obra do mestiço fluminense, que viveu, na metrópole nacional, o fastígio das suas horas emocionais, cercada pela admiração dos seus contemporâneos e pelos que, àquela época romântica, lhe decoravam os versos sem esquecer, entretanto, as suas esbórnias e devassidões. Sim, porque B. Lopes viveu sempre entre "o álcool e o sonho", esbanjando talento pelos interstícios das palestras, mas, por outro lado, perdendo-se nas bebericagens das taças às vezes imundas, sem medir jamais, a extensão do caos em que se ia chafurdando, à maneira de Murger, de Verlaine e desse imenso Emilio Faguet tão bem analisado por Pierre Descaves.

Bernardino Lopes, de descendência humilde, foi caixeiro e funcionário postal, tendo, a custo, concluído seu curso de humanidades. Antes mesmo de iniciar a sua vida literária, o grande boêmio colaborou ativamente na imprensa, escrevendo assiduamente para jornais e revistas. É o que dizem alguns dos que lhe fizeram referência ao nome, embora dessa fase nada sobrevivesse, para assinalar a sua passagem pelo jornalismo. Quem melhor lhe estudou a obra, o Sr. Andrade Muricy, diz que a única página de prosa que conhece de B. Lopes é o prefácio de " Âmphoras".

O poeta não possuía cultura, é certo, mas sobrava-lhe inteligência. Diz-nos o plasmador da "Evolução da poesia brasileira", que a biblioteca de B. Lopes "se compunha de dois romances de Dumas pai e de um tomo desparelhado das "Mil e uma noites". É a evidência da sua incultura literária, mas não a negativa da sua imaginação surpreendente, porque o mesmo analista nele reconhecia "o sentimento inato da elegância, da vida aristocrática, e sonhasse ele tanto com beijos de princesas". E, mais justiceiro, acrescentava: – "Falava em flores de Navarra, em laranjeiras de Sarrento, em ruas do Cairo, em águas do Eufrates. Tudo isto não queria dizer nada, mas era uma delícia para os ouvidos".

Sílvio Romero via em B. Lopes duas tendências. A primeira, a do pernasiano; a segunda, a do místico, ou melhor, a do cultor do simbolismo. Não foram diferentes, aliás, as opiniões de Carlos Dias Fernandes, Gonzaga Duque e Araripe Júnior, que lhe estudaram a obra, enaltecendo-lhe todos o brilho da frase, a riqueza das imagens, a facilidade do verso e das rimas.

A obra de B. Lopes se resume nos "Cromos", "Pizzicatos", "Dona Carmen", "Brasões", "Val de Lírios", "Helenos", "Sinhá Flor" e, por fim, "Plumário". Andrade Muricy perquiriu-lhe, à justa, toda as tendências poéticas, inclusive o declínio do vate. Mas, na realidade, seus melhores livros, os que mais impressioanam e agradam, são os "Cromos" e os "Brasões". É por eles que melhor se pode ajuizar o aedo no seu instante supremo. "Sinhá Flor" representa o crepúsculo do poeta, já então perdido de amores pela mameluca "de olhos de amêndoa e tranças

de azeviche", a mulher pela qual tudo sacrificou, a família, os parcos recursos, a saúde. Desse período anormal da vida de B. Lopes dá-nos o escritor de "Diário íntimo", páginas de admirável clareza estilística.

B. Lopes, entretanto, apesar da fama que conseguiu no meio em que sempre vivera, especialmente depois da maturidade, envolvido pela farândula dos que lhe aplaudiam as estrofes, não conseguiu ser, – perdoem-me a sinceridade do julgamento! –, além do amigo das "feminilidades elegantes", do sonhador inveterado das riquezas e da aristocracia, o poeta que possa figurar nas Antologias com muitos sonetos de mérito real, isto porque a sua musa era quase sempre frívola, e, às vezes, até ridícula. Isto, talvez, seja uma conseqüência dos seus amores reprováveis, pelos quais se degradou e pelos quais morreu completamente aniquilado. Mas, para ele, cabia bem, por certo, o pensamento de Van Jafa: – "O importante na vida não é compreender, mas sentir. Sentir é mais que compreender..."

Seu discípulo, o criador da sua cadeira, nesta Casa, avantaja-se-lhe sobremaneira. É, para mim, mas poeta, mais emotivo e mais imaginoso, mais digno, portanto, de ser admirado.

Apologia do homem bom, do homem simples

Em traços ligeiros, numa síntese que presumo ajustada à realidade literária, falei de B. Lopes. Ocupar-me-ei, agora, de Jonas da Silva, o criador e ocupante, até morrer, da poltrona que me destinastes e que ele tanto enalteceu com o seu estro e o seu talento. Do seu mestre analisei não apenas as tendências poéticas, mas, também, o lado amoral da vida. E esta representa uma antítese perfeita com a de Jonas da Silva, que, durante sua existência, foi um paradigma de fidelidade conjugal, sobre ter sido, igualmente, um exemplo de equilíbrio permanente, de vez que sempre viveu entre o lar e o trabalho, sem permanências ou intervalos em tascas e em bordéis, sacrificando o conceito e a saúde. Homem de poucas palavras, vivia como que recolhido em si mesmo, como aquela Cegonha de Aníbal Teófilo, a conversar apenas com as suas musas. Era um introspectivo. Raras vezes aparecia para palestrar e, quando o fazia, entre amigos, nunca chegou a ser expansivo. Também não era dado a aventuras, especialmente às galantes. Daí, talvez, não aceitasse a opinião de Schiller, pela qual, se Deus lhe oferecesse em uma das mãos a verdade, na outra a pesquisa da verdade, aceitaria, de pronto, a primeira, para não ter de encontrá-la através de obstáculos. Jonas da Silva tinha, na família e na paisagem, o seu maior encantamento. Não amava o vício, mas amava o amor do lar e dos filhos. As nuanças da natureza inspiravam-lhe os versos e eram o tônico vivificador da sua alma. Era um simples e um bom. Não lhe serviria o epigrama de Voltaire ao seu inimigo Rousseau, proclamando que todo solitário é mau. Jonas da Silva era, realmente, um misantropo, mas amava as crianças, os cães e os vagabundos, como o infortunado Jean Jacques. Não tinha ouvidos para a maledicência, mas, se as ouvia, as repudiava, como ireis saber adiante. Hugo dizia que "Quasimodo, que trazia os ouvidos fechados a todas as vozes do céu e da terra, escutava, pelo menos uma vez no ano, o carrilhão de Notre Dame".

Disse-me João Leda, o mestre que muito admiramos, que a Jonas da Silva chamavam de "noitebó". Bem achada a expressão. Reservado, desconfiado, erradio sempre, principalmente das rodas maledicentes, o poeta passava cauteloso por elas, fugindo-lhes, para asilar-se na sua solidão.

Isso, nele, não traduzia impostura, nem caturrice de exótico. Era, ao contrário, uma peculiaridade do seu feito e do seu temperamento. Quando, entretanto, se achava na intimidade confiante de algum amigo, esse esquisitão não raro se transformava, constituindo uma delícia ouvi-lo conceituar, com a sua ironia suave e mansa, sobre homens e fatos. Recolheram amigos de Jonas da Silva observações finíssimas que valem registradas pelo subsídio valioso que representam para um estudo psicológico. Esta, por exemplo:

Ao dar-lhe alvoroçada notícia da primitiva Sociedade de Homens de Letras, precursora da Academia, perguntou Raimundo Monteiro ao seu irmão em arte e em sonho: – Que pensa você da idéia? E Jonas, com inalterável tranqüilidade, acudiu logo: – "Penso que as outras letras, mesmo protestadas em cartório, valem muito mais do que as nossas!"

Ouçamos outra, igualmente saborosa: – Parou Jonas da Silva, contra seus hábitos, à porta da antiga Farmácia Studart. Formou-se logo um pequeno grupo de três cavaqueadores, acrescido, instantes depois, do irreverente Nunes Pereira. Como é da sua particular predileção, Nunes foi desfiando, com todos os pormenores, uma historieta fescenina, que todos ouviram sorrindo, menos Jonas que se manteve circunspecto. Terminada a anedota, esgueira-se Nunes por ali rindo ele próprio, ruidosamente. Jonas então, muito grave, sisudo, com uma ruga de enfado a vincar-lhe a testa, observou: – Este Nunes, escrevendo, tem até, ás vezes, fragrâncias na linguagem. Mas, contando anedotas, catinga que nem mucura". E foi-se embora.

Certa vez, surpreendeu-o o filólogo do "Vocabulário de Rui Barbosa" a separar cuidadosamente moedas do centenário, arrumando-as em pequenas pilhas, para facilitar os trocos aos empregados na bilheteria do "Politeama", todos afobados com a multidão sequiosa de adquirir entradas para o filme sensacional. João Leda, metendo a cabeça no "guichet", brada para Jonas, que suava na aborrecida tarefa: – "Então, poeta, profanando as musas nesse mister burguesíssimo, hein?" Replica Jonas, de dentro, com a sua habitual placidez: – "É que as musas andam desajudadas de pratas e eu estou aqui cavando para os pratos".

Tudo isto dá a medida de espírito algo cético, mas revela, ao mesmo tempo, um caráter honesto, forrado de puritana moral, incapaz de melindrá-la com um dito ou uma frase equívoca. Assim era o homem. Vou falar, agora, no aedo.

Apogeu e declínio do poeta

Já houve quem afirmasse, numa advertência àqueles que já se encontram no verão e às portas do outono da vida, que o amor e o verso constituem um privilégio da mocidade. Foi, parece, Chateaubriand, o prosador consagrado do "O gênio do Cristianismo". Outro genial escritor, Saint Beuve, apreciando um livro de versos nascidos de uma inteligência amadurecida pelos cinqüenta janeiros, acentuou que as melhores estrofes são aquelas que nascem do espírito e do coração dos moços de dezenove anos.

Foi nessa idade que Jonas da Silva, estudante do Rio de Janeiro, publicou as suas "Âmphoras". Estréia mais de que auspiciosa, porque esse livro teria, com o outro que lhe seguiu, logo depois, de assegurar a glória do poeta. Discípulo embora do autor de "Brasões", possuía o moço piauiense, estro mais sonoro, imaginação mais ampla, emotividade mais sensível. Faltava-lhe, porém, a auréola que já cingia a fonte do seu mestre, e que ele a conquistou em parte, pela idolatria daqueles que o admiravam, formando a sua farândula de entusiastas.

As "Âmphoras" encerravam, porém, versos maravilhosos, porque foram "apanhados, todos eles, na árvore da vida, nos dois únicos ramos que ela estende, o de inteligência e o de coração". Jonas da Silva revela-se o romântico sem pieguismo, capaz de impressionar pelas imagens felizes e pelo ritmo cadenciado das estrofes bem medidas.

Suas produções, selecionadas, eram a afirmação de um talento esplendente, florindo em belezas e em aromas, para o encantamento dos que lhe saboreavam o estro, de vez que, em tudo havia sonoridade, sutileza e carinho. A "aritmética dos ritmos" era por ele observada com extremos de cuidado e as suas composições revelam, todas elas, não apenas o espírito que se comprazia em joeirar, mas o meticuloso que se não cansava de bem polir as suas poéticas.

O lirismo de Jonas da Silva, nas "Âmphoras", não possuía nada de frívolo ou de choramingas, atestando, porém, nas imagens e nos conceitos, um elevado cunho de sensibilidade e um nítido sentido de arte, no desenhar das paisagens e nas puras manifestações da sua alma. Esteta do verso, não deixou nunca de traduzir as suas emoções interiores, a todas emprestando, com a limpidez do estilo, a forma mais pura e mais escorreita. "Âmphoras", sendo, como foi, a revelação de um autêntico poeta, perpetuou-se na memória dos pósteros, sagrando-se um livro definitivo.

Jonas da Silva, depois do seu primeiro triunfo, apareceu, pouco tempo decorrido, com os "Uhlanos". Estava, então, no fastígio das suas horas emotivas, no instante em que, para o seu espírito e o seu coração, tudo se transformava em beleza, tudo representava amor, tudo traduzia alegria festiva, porque era, realmente, a hora magnífica da sua mocidade. E ele, o poeta, à semelhança daquelas árvores que frutificam em todas as estações, "sacudindo os galhos a todos os ventos, balançando a fronde em todas as direções", cobriu-se de flores novas, cujas pétalas, atingidas pela viração, se desfolhavam e iam aromatizando o ar, cobrir os campos e as devesas, enquanto entre as folhas da árvore maravilhosa apareciam os pomos doirados de novos frutos deliciosos.

"Uhlanos" projetou mais ainda o jovem poeta, porque, nas suas páginas havia não apenas o lirismo sadio, mas o romântico e o místico aperfeiçoados por uma estesia mais sazonada. A musicalidades dos seus versos, as concepções arrojadas, as nuanças da natureza, davam à sua obra uma fisionomia nova, mais atraente talvez. E os seus sonetos passaram a ser recitados, eram escolhidos para as declamações e se faziam conhecidos e apreciados nos serões literários. Consagrava-se o aedo, apesar de não pertencer às igrejinhas intelectuais que sempre imperaram nos maiores centros da cultura nacional.

Jonas da Silva triunfara mais uma vez. Os seus pensamentos, as suas imagens, as suas idéias andavam de boca em boca. São desse tempo, que representa o apogeu da sua carreira poética, os sonetos impecáveis e eternos "O Coração", "Santa Teresa de Jesus", "Chácara" e tantos outros que por aí andam, inclusive nas Antologias, ou traduzidos para outros idiomas, como gemas puras da poesia brasileira. Basta isto para impor-lhe o nome, já integrando o índice dos maiores poetas que versejaram em língua portuguesa.

"Uhlanos" surgira em 1902. Vinte e um anos depois, Jonas da Silva publicava as suas "Czardas". O poeta possuía, já, a esse tempo, mais de quarenta primaveras. O ensaísta primoroso de "Carvalhos e Roseiras" diz que essa idade é "manhã ainda no dia da ciência. Mas, no da poesia, é, já, entardecer, com os pombos agasalhados no beiral e as últimas cigarras calando

no arvoredo". E conta-nos, sem esconder a sua tristeza, o que lhe dissera Bilac, depois de ouvi-lo recitar um soneto, cujo título era "Alto mar", no qual falava nos seus trinta anos mal vividos. O artífice da "Via Láctea", olhando-o bem, inquerira: – "já tens, mesmo trinta anos?". E Humberto de Campos, desolado, respondera: – "Já". O poeta de "Tarde" refletiu um instante e teve, por fim, esta frase, uma das mais tristes de quantas ouvira até então: – "Já é velhice..."

Jonas da Silva estava, realmente, além da idade recomendada por Chateaubriand e por Sainte Beuve, para versejar. Poderão antepor a isto que Goethe fez versos depois dos oitenta anos e que Homero, Virgílio, Dante, Milton, Junqueiro e poucos mais se salientaram quando já estava no inverno da vida. Mas, todos eles, possuíam gênio e são, até hoje, cada um de per si, o orgulho da humanidade. Não se pode, portanto, fazer comparações, que seriam descabidas e inaceitáveis.

"Czardas" não teve, portanto, a repercussão dos dois primeiros livros do vate. Era, isto sim, o crepúsculo de Jonas da Silva, o seu doloso declínio. Poder-se-ia dizer, até, que o tempo, no simbolismo do Cronos grego, mostrara ao mundo um poeta e depois o devorara. As produções que encerram o derradeiro livro de Jonas da Silva, excetuando os sonetos que nele encaixara, retirados dos livros anteriores, e um ou outro, inéditos até então, sem contar com as poesias simples e enternecedoras, não possuíam mais as cintilações dos primeiros anos, embora conservassem a mesma forma impecável e o mesmo ritmo embalador.

Gomes Ribeiro, no prefácio das "Almas Errantes", diz que, "Seja qual for a marcha das idéias gerais, uma só poesia ficará: – aquela que nasce da própria alma do homem que pensa e que vive a vida superior do espírito, e a reflete, ansiada e perscrutadora, na tela impecável dos seus versos". Enquadram-se, nesse conceito, as produções de "Âmphoras" e de "Uhlanos". As de "Czardas", entretanto, são para servir-me de uma expressão usal, o canto do cisne de Jonas da Silva, o anoitecer do seu estro que, das claridades anteriores, atingira, inexoravelmente, o crepúsculo amortalhador do seu talento.

Vieira, nos seus "Sermões", tem este trecho altamente filosófico: – "Uns que vão; outros que vêm; outros que atravessam. E todos passam. Eis a vida..."

Desta Casa uns já se foram, para sempre. Outros vêm vindo, procurando atravessar a impiedade dos anos. Todos, porém, daqui partirão, um dia. É o que o destino nos reserva, inclusive a mim, a quem abristes a porta, para suceder a um poeta, que tanto enalteceu a poesia, com os seus sonetos imperecíveis, e que, mesmo morto, ainda está latente em muitos espíritos e em muitos corações, pelas obras que nos legou, pelas imagens que nos ofereceu, e pelas belezas que andou espargindo pela terra.

Senhores Acadêmicos:

Fostes a sereia que me encantou com o vosso canto embriagador. Tivesse ouvido o conselho do escritor consagrado de "Salambô", aqui não estaria eu. Mas foi impossível fugir ao vosso fascínio. E eis-me aqui, chegado que sou, ao lago de águas espelhantes onde imperais, que é a Academia Amazonense de Letras. Quem me dera fosse eu um peixe todo de pedrarias multicores e faiscantes, igual ao do soneto imortal de Herédia, para vos encantar também! Mas, felizmente, os deuses não me proporcionaram favor tamanho. E, diante da impossibilidade, me contento em ser, neste instante consagrador, o barco desarvorado de Rimbaud que ancora, confiante, no recesso dos vossos corações!

Discurso de Recepção[1]

Pericles Moraes

Sr. Aristophano Antony:

A Academia Amazonense de Letras recebe-o hoje com a pompa e a magnificência dos seus dias gloriosos. Entrais nesta casa precedido da ritualística imposta aos homens privilegiados, em cujas veias circula o sangue azul das nobrezas antigas. Mas a vossa nobreza é de outra excelsitude. É a nobreza da inteligência, que supera em esplendores às fidalguais hereditárias, que a fatalidade dos vínculos consangüíneos escolheu para ídolos transitórios. É a nobreza do talento, que se irradia e se desfralda como um lábaro civilizador. É a nobreza do espírito, que tanto se aprimorou na contemplação e na experiência do drama humano, habituando-se ao desfecho das suas crises irremediáveis. São essas as vossas credenciais. São esses os títulos nobiliárquicos que vos permitiram transpor o severo limiar deste templo augusto. De fato, essas virtudes inatas que vos fazem um mestre da vida, com o discernimento capaz de julgar o homem e as contingências de uma época em deliqüescência, através da anatomia de seus órgãos teratológicos, no dissecar permanente das causas e efeitos relativos aos movimentos ciclônicos que convulsionam as nacionalidades, constituem a função do jornalista. Não é diferente o seu papel social, que se não compraz em analisar os acontecimentos apenas pela visada superficial da primeira impressão. Examina-os, bem ao revés, sob o critério rigoroso dos julgamentos isentos de paixões e sem as influências nocivas dos conciliábulos perigosos. É isso o que tendes feito, Sr. Aristophano Antony, vós que obtivestes a láurea do primado jornalístico de vossa terra, com o lampejo de uma pena que jamais se ludibriou em defender os pleitos que não estivessem desde logo sob o patrocínio veemente, da opinião; que profligastes opressões e injustiças, atrocidades e vilanias, no combate sem tréguas às consciências equívocas e mercenárias.

Não foi a bondade, Sr. Aristophano Antony, como afirmais emparedado em vossa modéstia exemplar, que nos impulsionou deliberadamente no intuito de compelir-vos a ingressar nesta Casa, onde há muito já deveríeis ter ingressado, quando pela primeira vez sentimos o indispensável de vossa presença, embora motivos respeitáveis vos inibissem de corresponder ao nosso convite. Entretanto, - permiti que vo-lo diga - tanto da primeira vez, como agora, a bondade, que é em vós, reconhecidamente, a inconfundível característica da estrutura moral, de nenhuma forma influiu quando o vosso nome logrou a unanimidade de nossos sufrágios. O sentimento a que aludis, na concisão das linhas translúcidas

[1]Proferido em 13 de agosto de 1949 e publicado na série Discurso Acadêmicos.

do vosso primoroso discurso, é um falso pressuposto. Asseguro-vos que ele não prevaleceu, quando em causa as nossas decisões. Para atingir-se à culminância desta escalada íngreme e sulcada de precipícios, as razões sentimentais não preponderam. Sem o descortino de uma complexidade de valores que se congregam e se conjugam para realçar a consistência de uma individualidade, quaisquer outros esforços seriam em pura perda. Não sois uma competência improvisada. Podeis desdenhosamente ocupar o lugar de honra que vos compete dentro deste cenáculo de idealistas impenitentes, que se distanciaram do tumulto das competições inferiores, e que aqui vivem em ascese, refugiados da vida e de suas ciladas.

O vosso talento, sem talvez haverdes pressentido, é que fez o milagre. Talento que se projeta na elevação e solidez de uma cultura universalista, marcando uma das mais decisivas etapas de vossa ascenção. É possível que, intuitivamente, no **processus** de introspecção moral de vossa personalidade, o psicólogo atilado encontrasse - e encontraria sem duvida alguma! - qualquer coisa do mais impressionante do que essa inteligência que tanto envaidece os vossos contemporâneos. Refiro-me aos extremos de vossa sensibilidade. Seja, porém, como for, em vosso caso, o coração teria agido sobre a consciência, enobrecendo-lhe as atitudes. Mas foi o espetáculo do vosso espírito que decidiu, em última análise, de nossas preferências, quando fomos buscá-lo na tribuna do jornal para a apoteose desta consagração.

Os Utopistas da Glória

Não sei, Sr. Aristophano Antony, se, nesta hora em que a Academia vos admite em seu seio, seria oportuno descobrir-vos a força propulsora que lhe dá sobrevivência e vigor para arrostar os sacrifícios de sua trajetória. Nascemos humildes, de uma aspiração que se concretizou, concretizou, de uma vontade que se transformou em fé e apostolado. Há trinta nos que nos organizamos para a refrega, que seria dura, nesses tempos de comodismo e incompreensão. Eram poucos e frágeis os que, de início, sob o assédio da descrença e do pessimismo ambiente, tentavam vencer os escolhos do caminho alcantilado de intempéries. Depois, o exemplo dos mais afoitos sobrepujou a dubiedade dos mais tímidos, retemperando-lhes as energias amortecidas. Assim, cresceu o número dos que se solidarizam com a idéia em marcha. O definitivo seria permanecer com a vida. "Qualquer pretexto é bom para nascer, afirmava Joaquim Nabuco. Não se deve inquirir das origens. Quando a vida aparece, é que o inconsciente tomou parte na concepção, e com a vida vem a responsabilidade, que enobrece as origens mais duvidosas". Embora já vivêssemos, sentíamos que a nossa fraqueza e o grupo reduzido dos legionários infundiam reservas e desconfianças. Como quer que fosse, aos singulares utopistas da glória não faltavam ilusão e mocidade, coragem e desenvoltura para a luta. Já consolidadas as posições, os mais experimentados, os mais ilustres chegaram logo após, reforçando as trincheiras. Vinham atraídos pelo espetáculo soberbo do nosso impulso construtivo. Desprotegidos, desamparados pelos poderes públicos, achincalhados pela fatuidade dos apedeutas, amparava-nos a arte de dissimular as nossas fraquezas, para refugir à ironia dos maldizentes e despeitados. A nossa Academia vivia de empréstimos e favores, alvejada pela sátira siderante dos espíritos incompreensivos, realizando sessões aqui e acolá, na esperança de que um dia o destino a ajudasse,

conferindo-lhe os foros de sua hierarquia intelectual. Mas o destino não se fez tardar, transfigurado em um homem que se tornou o ídolo desta Casa: - Nelson de Melo. Ninguém como ele apreendeu desde logo a premência de nossas necessidades e a amargura de nossas crises. Devemos tudo a esse militar paradigmário, figura de prol do nosso Exército, um dos seus mais legítimos orgulhos, tais os troféus de bravura e heroísmo que lhe exornam a fé de ofício. Nada tínhamos de nosso e ele nos deu tudo o de que precisávamos para subsistir, inoculando uma generosa transfusão de sangue novo em nossas artérias esclerosadas. Interventor do Amazonas, num período de transição da nacionalidade, e dispondo de poderes discricionários, não cuidou apenas de remodelar e depurar o organismo administrativo, infeccionado pelos males do regime. Seguro de si mesmo, com a intuição viva dos problemas vitais que afligiam a região portentosa que lhe fora confiada, também para evitar-lhe a dispersão dos valores morais e espirituais se voltaram os seus desvelos. A Academia entrou em magna parte nesse programa reivindicador e mereceu-lhe carinhosa assistência. Daí por diante vivemos à sombra de sua munificência tutelar. De suas mãos benfazejas recebemos, por doação enquanto existirmos, o conforto deste prédio suntuoso, onde instalamos as nossas oficinas de trabalho. Deu-nos o mobiliário que devia adornar os seus salões respeitáveis. Assistia às nossas solenidades, trazendo-nos o estímulo de sua presença e o exemplo de sua perfeição moral. O nome de Nelson de Melo é brasão maior da heráldica acadêmica. Mais duzentas décadas que vivêssemos e a sua figura legendária permaneceria como um símbolo neste areópago das letras, onde só penetram e são bem recebidos os que trazem as credenciais da cultura e da inteligência.

E por que, Sr. Aristophano Antony, nesta hora em que exaltamos as belezas morais do magnífico soldado que o Amazonas não esquece, também não recordar os grandes pioneiros que representam a tradição da Academia? Não reside na glória dessas figuras imortais, que se alcançaram às mais elevadas esferas da meditação e do pensamento, a força imperativa do seu prestígio? Por aqui passaram e foram alcandorados os vultos supremos de várias gerações. Honraram estas poltronas e deram-lhe rutilância permanente homens de letras que foram arquétipos da oratória, conferencistas *hors de pair*, grandes médicos, abalisados jurisconsultos, notáveis advogados, insignes professores, eminentes magistrados e mestres do Direito, dos mais conceituados do nosso tempo e que dignificariam qualquer Academia de âmbito universal: Heliodoro Balbi, Araújo Filho, Adriano Jorge, Ribeiro da Cunha, Araújo Lima, Gaspar Guimarães, Sá Peixoto, Leopoldo Péres, Huascar de Figueiredo, e tantos outros que formam a galeria dos seus luminares. Também inspirados poetas, dentro desta Casa, esquematizaram os mais heróicos itinerários do espírito. Todos galgaram a escarpa do martírio e a glória para eles foi aquela mesma do conceito shakespeariano, que relembrastes com amargor: "um círculo feito na água, que não cessa de alargar-se, até que, afinal, em nada se dilui..." Não só as formas esmaltadas em púrpura e alabastro lhes foram o relevo dos versos peregrinos. Todos eles traziam a caricia de uma arte de amavios, que a imaginação e as rimas perfumaram. Quem mais se lembra desses rapsodos, que tanto contribuíram para o prestígio das letras amazônicas? Recordo, de memória, três grandes nomes: Taumaturgo Vaz, o poeta boêmio e estúrdio, o lírico amoroso das *Cantigas*, legenda doirada de uma geração de trovadores;

Raimundo Monteiro, o altíssimo parnasiano das *Horas Lentas*, que, em determinada época de sua mocidade turbilhonante, foi a chama, a centelha espiritual, o enlevo feiticeiro, a graça esvoaçante e a **blague** luciferina dos círculos boêmios da metrópole; e Jonas da Silva, o vosso luminoso predecessor.

Um São João de Trovas e Baladas

O retrato de Jonas da Silva, no vosso admirável discurso, é uma obra-prima biográfica. Desenhaste-o à feição rigorosa do modelo, que nós ambos tanto conhecemos; e, sem nenhuma tonalidade que não estivesse em conformação com os seus contornos imutáveis, fizeste-o exsurgir puro e perfeito. A vossa apologia do "homem bom, do homem simples" é um panegírico digno do poeta das *Âmphoras*. A sua vida foi reconstituída com aquele escrúpulo dos biógrafos da linhagem de *Maurois*, que, com o sentido de reproduzir-lhe os aspectos verdadeiros, enumeram a beleza e as virtudes do biografado, sem todavia ocultar-lhe as imperfeições e inferioridades. Jonas ofega dentro do vosso colorido estuante. Não lhe esquecestes da fisionomia moral as características sedutoras: a modéstia, a timidez, o devotamento à família e, sobretudo, a fidelidade e a ardência conjugal. Jonas – curioso pormenor que propositadamente omitistes – foi casado três vezes, e a bendita trilogia das companheiras amadas mereceu-lhe por igual a graça dos mais lindos madrigais. Por que, não obstante a sua timidez e o seu incompreensível recato, havia nele a impaciência e o frenesi de todos os seres sensíveis à beleza da vida.

Aludindo às facetas recônditas de sua esquisita personalidade, não olvidastes, Sr. Aristophano Antony, de relembrar-lhe o lado jovial do temperamento, que contrastava com seu feitio "reservado, desconfiado, erradio sempre, principalmente das rodas maledicentes", tal como o descrevestes com singular impressionabilidade. A feição pitoresca do artista, através das anedotas hílares que recordastes, subsidiado pelo grande João Leda, talvez seja um dos prismas inéditos de sua estrutura moral, porque ninguém a conhecia senão os que privavam de sua intimidade, que era privilégio de amigos raríssimos.

Sem nenhuma intenção de trazer revelações novas sobre a arte e a estética do poeta glorioso, há contudo nas linhas gerais do vosso trabalho uma pesquisa harmoniosa que lhe descobre os anseios e as emoções, o ritmo e a imaginação criadora. Demonstrastes exuberantemente a influência indisfarçável que o frívolo mas encantador artista dos *Brasões* exerceu sobre a sua poesia, sem deixar de reconhecer que, a certos aspectos o aedo do *Uhlanos* se sobreleva de muito ao vate de *Sinhá Flor*.

Há, porém, Sr. Aristhophano Antony, entre os claros e sombras da vossa paisagem humana, um trecho a que me refiro melancolicamente. É quando aludis ao declínio do poeta, às estrofes crepusculares dos seus últimos anos, ao fracasso de *Czardas*. O retrato, porém, ressentir-se-ia evidentemente da falta de exatidão sem esse detalhe angustiante, que lhe integra a corporatura.

Volvendo os olhos para o passado, revejo os pássaros amados das lembranças. Era pelo começo de 1905. Jonas chegara do Rio com seu diploma de odontologia, depois de publicar as *Amphoras*, que fora um ruidoso acontecimento literário "fin de siècle". Não recordo, por esse tempo, um outro nome de maior voga intelectual e que houvesse

conquistado tão instantânea notariedade. Os círculos mentais do país inteiro, de norte a sul, acolhiam com aplausos o bardo adolescente, O seu tirso milagroso, transformado em símbolo do gênio helênico, desferia pastorais dionisíacas, que seduziam e nevrosavam, como se fossem o trescalar mortífero de uma flor venenosa. Mas o poeta, na penumbra do bosque solitário, enamorado da natureza, incrustava de sensações as águas-fortes do seu verso, como o cinzel de Lísipo agitando os mármores tranqüilos. Jonas da Silva, ouvidos fechados ao estrépito em torno do seu nome, vivia na solidão da província, longe do bulício do mundo, enclausurado no seu consultório dentário. Conheci-o por essa época. Sob os impulsos da crise trágica da adolescência, eu tinha o espírito regorgitante de irreverências e de ousadias. Havia em Manaus um "cenáculo" de letrados, para o qual fui atraído, espicaçado pela curiosidade. Nessas reuniões de plumitivos, se bem me lembro, eu passava horas e horas e horas inesquecíveis, enfronhado nos domínios daqueles visionários, almas crispadas e convulsas que se tresvairavam em busca da glória. Era um bando erradio de sonhadores: José dos Anjos, Xavier de Carvalho, Teodoro Rodrigues, Álvaro Bomilcar, Ludovico Lins, Carlos Fernandes, o prestigiador diabólico da palavra, Guilherme Sales, Th. Vaz, Hermeto Lima, Calado de Almeida, Luciano Pereira e Jonas da Silva. Quase todos mortos, toda uma geração desaparecida na poeira da estrada. As sessões prolongavam-se até noite alta. Versos ótimos em contrastes com versos fastidiosos e modorrentos, que provocam bocejo e tédio. De repente, fui despertado pelo estrugir de um nome sonoro, que reboara enchendo o ambiente: Jonas da Silva! O meu incontido alvoroço! O grande artista levanta-se, conhestro, nervoso, as feições lívidas, tropeçando nas cadeiras, mal arrimado à mesa tosca que servia de tribuna. Não declamava os versos maravilhosos. Antes, balbuciava-os, segredava-os, amedrontado, como a pedir misericórdia com doçura dos seus olhos piedosos. Era, em dois sonetos, uma oração fervorosa à Santa Teresa de Jesus, a sóror estremecida dos poetas. A sala inteira estava hipnotizada nesse minuto de exaltação. O nome angélico da santa, na alegoria poética, era levado pelos sinos aos vales e às montanhas, ressurgindo depois da terra fecunda, transformado em lírios. Ele implorava, num rosário de lantejoulas desfiadas em surdina, que a santa lhe atendesse à obsecração, que vinha da alma dolente das guitarras, voanda pela noite enluarada. O poeta prosternava-se humilhado e, para a sua glória, em vez do incenso, trazia-lhe o tomilho e "um manto real do sol de Salamanca". No outro soneto, em transição admirável, explicava a origem dos versos. Comparava-os às andorinhas. Estas nasciam, ao vento, na torre de uma ermida, mas os versos vinham da torre azul do Pensamento, alando-se depois para sonorizar as vinhas. Santa Teresa é seu consolo na vida. Mas a vida é a morte. Que importa a vida, se a descrença devastava-lhe a alma lancinada? Ouse-se-lhe o apelo evocativo:

"E quando a Morte, em derradeira escala,
"Quebrar-me o Harmonium trêmulo da fala,
"Quando o silêncio amortalhar-me a língua,
"Leva-me, ó luz consoladora e calma,
"Que eu tenho um Saara tenebroso nalma",
"E os cordeiros da Fé morrendo à míngua".

Foi um delírio. Carlos Fernandes, transfigurado de emoção, beija-lhe a fronte. A sala vibra de entusiasmo. As palmas atroam de

todos os lados. Jonas quase desmaia. Saímos juntos. Jonas foi o primeiro a desaparecer no silêncio da noite triste, atordoado com predestinação daquela glória. Desde esse encontro memorável, nunca mais o vi. Mas as Musas continuavam enamorados do rapsodo magnífico. Dois anos depois, surgem os *Uhlanos*. Nova consagração. A glória perdura, aumenta, engrinalda-lhe a cabeça aureolada. No pórtico do livro, à maneira do afresco de Guirlandajo, a cabeça sacrificada do poeta, dentro de uma salva de prata – "ó São João de trovas e baladas" – era apresentada à sedutora, à sua formosa "Salomé das flores e alvoradas", que tinha apenas o desencanto de não ser judia, nem princesa, nem filha de Herodíade. A vitória dos *Uhlanos* foi talvez mais soberba que a das *Amphoras*. Por todo o livro uma inspiração cálida, irradiando-lhe a arte quintessenciada, que se projetava num carrilhão de sinfonias e de símbolos. Foram-se os *Uhlanos*... Aqui finda a história de uma época. Passaram-se trinta anos. Qual o destino dos vagabundos da glória? Sombras apagadas, escombros, velhas ruínas, o torvo crocitar da morte. Dessa geração transitória como um sonho, apenas um disco luminoso: Carlos D. Fernandes, só, irônico, tentacular, campeador de cem batalhas, anjo revel e esplenético, indominado no seu orgulho e na sua glória. O próprio Jonas desapareceu, num desdém obstinado pelos troféus do passado. O silêncio das coisas mortas envolveu-lhe o nome, ainda relembrando, de quando em quando, ao defrontar-se-lhe a lira partida, visão mutilada que lhe revivia os triunfos de outrora.

O reaparecimento de Jonas, com as *Czardas*, trinta anos depois, foi uma ressurreição. Era de esperar-se, porém, que depois de um colapso tão longo, o tempo houvesse contribuído para o aperfeiçoamento de sua estética e de seus processos artísticos. Desconfortadora ilusão! Todos os que ainda lêem versos, nesta hora trepidamente em que a poesia é considerada um jogo de luxo, fora da vida, sabem do prestígio, da influência quase mórbida que o poeta dos *Brasões* exerceu sobre o artista das *Amphoras*. B. Lopes, com as suas esquisitices e seu rimário filigranado e extravagante, teve avassalador domínio nos seus versos. Aliás, a sua arte também na era original, derivando-se do simbolismo verlaineano, que se apoderara absorventemente das organizações poéticas menos seguras e mais versáteis. O artista das *Fêtes Galantes* não compreendera que, em poesia, "as rimas fossem apenas como os dois pólos de uma sensação". Não o tendo da mesma forma compreendido B. Lopes, para quem a sua vibração sensorial nada exprimia, desde que a rima lhe não fosse o adorno precípuo. A sensibilidade, o movimento, a expressão, os sentimentos interiores, seriam elementos secundários na feitura da obra d'arte. A poesia que os fizesse reviver, prolongando-lhe a tensão vibratória, estaria virtualmente deturpada nos seus intuitos. A arte substituía-lhe a função, transformando-a apenas em ritmo e musicalidade. Eram assim os versos de Jonas da Silva. Nas *Czardas,* entretanto, é outra a sua poesia, muito diferente a sua consciência estética, muito limitada a sua visão de artista. Os seus versos da primeira fase, de admirável serenidade emocional, não o revelavam tão somente como o amoroso da forma e da eurritmia. Dentro da suntuosidade dos seus sonetos plásticos havia qualquer coisa de sugestivo e profundo - o harmonioso equilíbrio dos seres e das almas, a força misteriosa que anima a alegria da vida e traduz o ideal de

perfeição e de beleza dos grandes poetas. Os versos de *Czardas,* bem ao revés, se já não anunciavam o prenúncio de um ocaso, evidentemente não aumentaram a auréola de sua glória. Neles, apenas, o que há de impressivo são as magistrais traduções de Heredia, que ai se encontram, sobretudo a do *Romanceiro do Cid,* nobre, escorreita, impecável, a alma de um estatuário genial interpretado por um semi-deus bárbaro, de alma semelhante, mas rebelado contra o destino, e que vive na *selva selvaggia* transplantado, hirto de pavor, como se lhe passassem pela visão alucinada os monstros e os fantasmas de Sófocles.

Etapas de uma ascenção jornalística

Tanto dissimulastes a superioridade do vosso talento, Sr. Aristophano Antony, que me sinto profundamente constrangido para mostrar-vos, sem rebuços, que toda a vossa dialética foi apenas um gesto de quem se esquiva de falar de si, mesmo. Em verdade, as auto-biografias inspiram suspeição. Ou perdem a autenticidade, pelo exagero das digressões introspectivas, ou então se prejudicam, pela deficiência propositada de pormenores psicológicos. A melhor auto-biografia, a meu entender, é aquela que se ocupa de personagens estranhas à vida do biografado. Veja-se a de Mauclair, por exemplo. No *Servitudes et Grandeurs Littéraires* não está o espelho de sua existência, senão o reflexo da existência das grandes figuras literárias da França, no fim do século XIX. Também Rodrigo Octávio, em *Minhas memórias... dos outros*, ao invés de evocar a sua própria vida, prefere fazer palpitar as reminiscências dos letrados de sua geração. Seria fácil citar dezenas e dezenas de autobiografias desprovidas de referências aos escritores que as compuseram.

Ao jeito desses nobres prosadores, a vossa primazia, Sr. Aristophano Antony, convergiu para a singeleza dos mesmos processos que à justa se coadunam com o vosso feitio moral; e assim, na vossa impressiva oração, assinalastes apenas, e perfuntoriamente, a vossa paixão pelo jornal, em cujo ambiente tendes vivido dos dias frementes da adolescência ao comedimento da maturidade, quando os entusiasmos se amortecem e a reflexão preside aos nossos atos e orienta as nossas decisões. Não importa que assim houvesses procedido, porque para a tarefa de fixar as etapas radiosas de vossa vida, Sr. Aristophano Antony, a Academia designou um dos vossos mais velhos confrades de imprensa, convencida de que seu depoimento seria o testemunho de quem a acompanhou de muito perto, em toda a sua extensão, com aquela avidez impaciente com que se assiste, no seu febricitante despertar de asas, aos primeiros remígios dos condores. Porque, ascendendo às alturas que ascendestes, lograstes realizar o ideal supremo da vida, que o gênio de Alfred de Vigny tão eloqüentemente sintetizou: – "une pensée de la jeunesse réalisée dans l'âge mur".

O vosso nome até então desconhecido, de vez que ensaiáveis os primeiros passos na carreira sedutora, embora recamada de escolhos, nunca me passou despercebido. Eram ainda, na realidade, débeis os prematuros rebentos da árvore seivosa, cuja exuberância lhe denunciava o húmus vivificador. Pelos quotidianos, pelas revistas hebdomadárias, pelos suplementos literários dominicais, se espargia a vossa colaboração, e toda ela, tais os requintes das conzeladuras, trazia o sinete de um espírito em ebulição, posto que ainda não se tivesse

encontrado a si próprio, e que, à força de querer compreender e assimilar, perdia um pouco de sua personalidade. Percebia-se, através dessa produtividade incessante, sob a influência de livros e autores, que lhe estonteavam a imaginação, os anseios de uma inteligência que não se restringe a horizontes sem prismas de refração, e cujos movimentos se precipitam para o vertiginoso turbilhão da vida.

Foram assim os vossos primeiros passos, Sr. Aristophano Antony. Um dia, porém, aos impulsos de um temperamento que não se conformava com a exigüidade das atmosferas restritas, intentastes a primeira arrancada de responsabilidade na vossa trepidamente juventude. O fascínio da metrópole vos atraía irresistivelmente. Os seus grandes jornais, os seus periodistas famosos, os escritores renomados que tanto contribuíram para a vossa formação intelectual, a congérie de elementos morais e materiais capazes de satisfazer as vossas ambições, tudo isso marcou no vosso espírito aventuroso o caminho revelador. Jornalista por índole e vocação, nescestes sob um signo privilegiado; e como bem o afirmastes em vosso magnífico discurso - "foi sob a cadência dos prelos e dos linotipos, que despertastes para os entreveros da vida". Não havia porque hesitar. Os que se interessam pelos vultos graduados do jornalismo provinciano, sabem que não faltou destaque à vossa atuação na imprensa metropolitana. Fostes acolhido pelo príncipe dos jornalistas brasileiros com as galas que fizestes jus. Nos diários de Assis Chateaubriand, estivestes lado a lado com os mestres do jornalismo contemporâneo, à frente Austregésilo de Athayde, e sentistes o pulsar das massas populares através da palavra e do pensamento dos seus grandes condutores.

Com o vosso dom congenial de apreender e assinalar, esquadrinhastes não apenas as convulsões frenéticas das rotativas em ação, mas simultanemante os subterrâneos da vida dos grandes jornais, que penetrastes profundamente, surpreendendo-lhe os fastígios e as derrocadas. Do recanto da redação de onde a vossa pena deslizava sobre as tiras amontoadas, produzindo o quinhão quotidiano para satisfazer o Moloch insaciável, que o devorava repentinamente, pudeste fixar o vosso julgamento sobre o cérebro e a consciência dos ditadores da opinião. A perspicuidade do vosso espírito de repórter explorou todos os meandros da vida de canseiras e atribulações que o jornal impõe, sobretudo nas grandes cidades onde o cativeiro é maior e mais inexorável. Nessa alternativa de ofensivas e recuos, conhecestes os homens fortes e os homens gelatinosos, a rijesa dos caracteres inamolgáveis e a maleabilidade das espinhas dorsais de goma elástica, susceptíveis de se amoldarem às conveniências do interesse pessoal. Vistes consciências que se ulceraram e dignidades que se carromperam. Não sei, Sr. Aristophano Antony, qual a impressão que tivestes desse espetáculo desnorteante, mas o vosso desejo de retornar à terra mater, à calma suave do rincão nativo, à tranqüilidade alentadora de sua família jornalística, se manifestou de súbito, como uma força imponderável e incoercível que vos ditasse os impulsos da vontade. Com que enternecida alegria, depois de tão demorada ausência, vos abraçaram os vossos companheiros de taba, os íncolas felizes desta maloca distante, que com os olhos obnubilados pela emoção, viram a vossa cabeça coroada de louros, como se regressásseis de um recontro épico.

O Arauto das aspirações populares

Nesta altura se encerra o primeiro estádio de vossa vida exemplar. Mas os poderosos imperativos de uma vocação vos impeliram novamente para os mesmos roteiros. Agora, porém, a vossa aspiração se dilatou e os vossos horizontes se distenderam. Não vos convinha mais a posição de colaborador humilde e autômato, sem vontade e sem independência, com os ângulos dos seus pontos de vista cerceados pela ambição e pelo domínio dos interesses particulares. O vosso ideal resumia-se na criação de uma tribuna jornalística, de autonomia e força moral de atitudes, de influência na vida cultural da província remota de onde prepoderasse, na mesma homogeneidade construtiva, a opinião e as idéias dos mais altos espíritos de vossa terra. Foi com esta finalidade que se fundou A TARDE, de vossa exclusiva propriedade e direção. Sob uma legenda que era uma bandeira – "o arauto das aspirações populares" – reunistes em vosso derredor, sr. Aristophano Antony, a fina-flor de nossa intelectualidade, na vanguarda Leopoldo Péres, o deslumbrante vexilário das letras amazônicas, cujo nome valia por um programa de inteligência e de ação.

Lembro-me ainda de outros nomes solares: Ramayana de Chevalier, a imaginação satânica, o verbo constelado de hipérboles, cujas crônicas proteiformes rebrilhavam no seu estilo mirífico: e, para não esquecer uma das colunas mais resplandescentes, Leôncio de Salignac, inteligência fascinante e cultura polimórfica, a serviço de uma das mais perfeitas organizações jurídicas da nacionalidade.

No entanto, indiscutivelmente, vós éreis, snr. Aristophano Antony, o lastro doutrinário do jornal. Através do vosso estilo esmaltado de irradiações, em puro vernáculo, as idéias políticas e os problemas sociais adquiriam forma e consistência. Nos tópicos incisivos de vossos artigos diários, analisando e debatendo as controvérsias do nosso tempo, é que se descortinava a profundeza e as dimensões do jornalista, na pleniposse de sua nobre profissão. Nos conceitos dos vossos comentários de atualidade, visionava-se o sentido penetrante e o destemor de quem tem alguma coisa a dizer sem se arrecear das conseqüências de suas assertivas. Foi dentro deste clima de verticalidade e intransigência, que a vossa palavra de orientador da opinião criou prestigio e se fez autoridade. Jamais transigistes com a falsidade e a felonia, nunca em vossa consciência tiveste remorsos de ações que com ela não se mostrassem estritamente de acordo, e onde quer que vos acenasse o dever, aí se manifestava a vossa pena e vossa bravura moral. Num dado momento, o vosso verpertino foi considerado o padroeiro do direito, firmando-se no concenso unânime da opinião, como um baluarte inexpugnável contra o qual se quebravam impotentes as ondas iradas da ignomínia e da inveja. Se tentássemos rememorar o êxito de suas companhas memoráveis, o tempo não nos bastaria nesta oportunidade. Em todas elas, por mais aceradas e perigosas, não fraquejastes nem desfalecestes. Quanto mais raivosa e investida, mais enfuriado o revide que, como os cães de Augias diante de Hércules, punha em fuga desordenada os vossos adversários. A vossa pena era o conforto dos injustiçados e o espantalho dos covardes. Os vossos panfletos - invoco e o conceito napoleônico - equivaliam a cargas de baionetas. Por isso mesmo, se tivestes prosélitos ardorosos e inumeráveis, foram sem conta os

inimigos, que sofriam e tramavam contra a vossa singular preeminência.

Ao deflagrar a guerra de 1939, o vosso jornal, atendendo às convicções de ordem científica e social de seus redatores, cuja formação se retemperara no contacto íntimo da cultura alemã, tomou posição decidida e ostensiva a favor dos pró-homens do nazismo. Também na imprensa metropolitana não foram poucos os grandes diários que assumiram idêntica atitude. Que lhes poderia advir desse germanofilismo, se as tendências e as posturas dos dirigentes dos nossos destinos políticos não ocultavam, nessa ocasião, as suas preferências? Não esquecer, testificando a verdade destas afirmativas, o depoimento do célebre repórter internacional, John Gunter, que, no seu livro célebre, esclarece pormenorizadamente os segredos desse período de transição política do nosso país. É certo que A TARDE não mistificou a opinião pública, nem se submeteu, fiel ao seu programa, a injunções ousadas e pudendas. Porque, antes de tudo e acima de tudo, o diretor do jornal era um patriota de primeira água, cujo pendor posto à prova em diferentes lances de sua vida de homem de imprensa, dos de maior culminação de sua terra, não poderia admitir o arrojo e a baixeza de suspeitas inconfessáveis. Tanto assim que, rompidas as relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, foram definidas, implicitamente, as novas diretrizes do vosso verpertino, em vibrante editorial, que foi uma oração de fé, de hombridade moral e de confiança no futuro da Pátria. Delineados os seus novos rumos, A TARDE, com as energias revigoradas, foi o mesmo jornal de sempre, que acudia aos reclamos das aspirações populares, servindo concomitantemente à Amazônia e ao Brasil.

Quando terminou a guerra, snr. Aristophano Antony, vosso jornal estava perfeitamente integrado na defesa da causa aliada, que era a causa do nosso país. Mas a vilanagem e a insídia atiraram-se com aferro à obra denegridora de atrassalhar a fama do preliador indefesso. A grandeza dos contornos de vossa vida, toda votada expontânea e obstinadamente aos interesses das coletividades, de nada lhes importava. Os objetivos eram desmoralizar para envilecer. A finalidade era caluniar para amortecer e intimidar a pena indomável. À sombra e subterraneamente, porque de frente não lhes permitia a poltronice, não lhe pouparam os mais acerbos baldões. Desse podredoiro infeccionado, a escória surgia à superfície, procurando contaminar de sânie a legenda de glórias do intrépido combatente.

Um dia, quando mais árduo era o vosso labor jornalístico, sem nenhuma forma de processo, fostes abruptamente surpreendido por uma ordem de prisão, emanada não se sabe de que autoridade, embuçada nos refolhos do anonimato. Queriam a todo o transe proscrever a vossa liberdade, mas os proscritores, que até hoje por covardia não se desvelaram, que pretendiam impor essa afronta à vossa dignidade de homem, lograram apenas, bem ao revés, resplandecer ainda mais a láurea do vosso renome.

Nesta página de reminiscências, era de minha intenção, snr. Aristophano Antony, omitir esse trecho de vossa existência tumultuária. Todavia, refletindo ponderadamente, deliberei colocá-lo em relevo entre as notas mais destacadas das minhas lembranças. As prisões políticas de jornalistas, principalmente os de vossa linhagem, são troféus que lhes assinalam a trajetória. Nenhum homem

de imprensa, neste país onde as autoridades inescrupulosas exorbitam nas suas funções, no que concerne à liberdade individual, deve considerar-se a salvo de tais desmandos. Lamentavelmente, a história do jornalismo brasileiro é um repositório dos mais nefandos excessos de intolerância e arbítrio. Cite-se, por exemplo, o caso vergonhoso do periodista Macedo Soares, seviciado e quase trucidado pela insânia dos assalariados autômatos; e o de Carlos de Lacerda, o corajoso panfletário do "Correio da Manhã", que, por não temer as potestades da hora, denunciando-lhes as mazelas, foi constrangido a emudecer, depois de agredido selvaticamente por sicários sinistros, privado das tribunas jornalísticas de onde a sua voz atroava, como se rugissem pela sua boca os anátemas do regime aviltado.

Eu, porém, já no fim deste depoimento apressado, quero rememorar esses dias de cativeiro, de vez que sou testemunha ocular da vossa serenidade e resignação diante do infortúnio. Foi nessa atmosfera pesada de opressões e incertezas, durante longos meses, que eu vos conheci mais de perto e mais calorosamente admirei as virtudes da vossa personalidade. A desventura inesperada não vos abalava nem esmorecia as vossas convicções. Muito ao contrário, cada vez mais se fortificava a vossa têmpera de homem. A TARDE, nesta conjuntura, não deixou de circular um só dia, sob a orientação do próprio diretor seqüestrado, que da sala excusa onde o detiveram, no Quartel da Força Policial, enviava os originais e organizava o jornal, distribuindo a matéria e, pelo telefone, transmitindo as suas últimas determinações.

Os tribunais da Ditadura, como não podia deixar de ser, proclamaram a vossa inocência e decretaram a vossa libertação. Viestes de novo para o posto que vos competia, com a mesma altivez e a mesma coragem de atitudes, e de tal maneira vos houvestes depois dessa desapoderada peleja, que os vossos pares vos elevaram à dignidade de Presidente da Associação Amazonense de Imprensa. Não se pode conceber mais eloqüente resgate e maior honraria para um homem de imprensa que acabava de sofrer a torpeza de tamanha injustiça.

Foi justamente por esse tempo, no freqüentar assíduo ao jornalista da minha maior afeição, que se me depararam os seus primores literários e os recursos da sua dialética invencível. Porque, snr. Aristophano Antony, se me demasiei em torno da figura do jornalista, ainda não aludi sequer ao escritor castiço e reverberante, em cuja contextura literária resplendem e se afirmam as manifestações da mais sólida cultura. Conservo em meu arquivo recortes de trabalhos insignes, onde o prosador se revela na sua invejável magnitude. São relíquias preciosas, algumas que me falam ao coração e à sensibilidade, e nas quais vivem e palpitam os vossos sentimentos. Se um dia mais detidamente vos aproximásseis da obra de Aristophano Antony, teríeis a impressão de penetrar, à luz meridiana, num trecho luxuriante da floresta amazônica. Porque, a certos aspectos, na vibração de um estilo crispado, de período em período experimenta-se a sensação da selva insondável, no espetáculo bravio e estonteante de sua grandeza.

Sinto, entretanto, que não devo estender-me perfilando o escritor, quando é o jornalista que está em causa, e foi, sobretudo, como jornalista, que fostes recebido nesta Casa, que doravante é também vossa.

Se relanceardes os olhos através dos escaninhos de vossa vida, snr. Aristophano

Antony, verificareis que me não distanciei de suas rotas luminosas. Desempenhando-me, o quanto esteve ao meu alcance, da incumbência que me enalteceu sobremodo, procurei descortinar os marcos de uma existência, que ainda se desdobra na majestade de seus lances heróicos.

Já prestei o culto de minha saudade a Jonas da Silva. Acabo de prestar o culto de minha admiração ao homem de imprensa que esta assembléia de letras acolhe hoje de braços abertos.

Com a clarividência superior dos poetas, fizestes do jornal a vossa fonte de exaltação. Transformaste-o em apostolado, com o sentido real dos seus sacrifícios e responsabilidades. Mas a vossa missão espiritual ainda está longe do seu término. Chegastes apenas ao meio da jornada, sem vos sentirdes fatigado. Tendes ainda, e muitas vezes, de enrijar a pena, afrontando novos dissabores para o galardão de novas vitórias. Lembrai-vos que os pioneiros da vossa estirpe não fogem aos perigos das escaladas íngremes, eriçadas de penhascos, quando já se vislumbram no horizonte os pináculos ensolarados da montanha. Porque a vossa vida resume em si mesma o esforço ciclópeo de um gigante orgulhoso, que nasceu e cresceu desarrimado de asas tutelares e que, só com a clava do seu destemor, conseguiu vencer dragões invencíveis.

Será preciso dizer mais? Não há glória maior para um jornalista. Não há destino de maior esplendor na vida de um homem.

Eu vos saúdo, acadêmico Aristophano Antony.

Aristophano Antony sob Sombras e Reflexos[1]

André Araújo[2]

Neste coro de vozes que se ergue em louvor do prestígio, da imortalidade daquele imenso e adorável irmão que foi Aristophano Antony, – gostaríamos que o tempo parasse, fossem anuladas as vicissitudes da contingências, e a fragilidade da matéria se anulasse.

Uma imensa saudade, uma vontade dolorosa de vê-lo entre nós, neste momento, em que podemos crer na imortalidade do seu espírito, com todas as suas constelações e fulgurâncias, as que faziam ressaltar sua personalidade de homem de letras, de intelectual, de amigo, – dentro daquela linhagem impecável de homem educado, de homem de sociedade, de cavalheiro que se sabia conduzir como homem de cultura, de inteligência brilhante, de escritor primoroso, – aquele varão que hoje consagramos, se impunha marcando nos tempos que correm a verticalidade do homem que sabia querer, sem temer preconceitos e juízos dos maus que sempre rosnam no escuro de todos os tempos, no profundo das noites, naquelas noites que, aqui e ali, nos cobrem dos negrores da inveja, da calúnia, da miséria.

Eu creio na sua presença luminosa, neste momento, dentro desta casa, porque nós o estamos chamando, nós o estamos convocando para que veja isto: seus irmãos, nesta festa, em que um discurso se transforma em oração e a própria festa se transmuda numa invocação e numa evocação daquilo que nele é eterno, intangível e perene : seu espírito, seu pensamento, a fagulha divina que o tornava uma personalidade marcante, entre os homens e o tempo, no espaço geográfico, no espaço social e no espaço universal.

Sua família civil está aqui, chefiada por essa virtuosíssima senhora, companheira sua de todos os tempos, dona Edail Cordeiro Antony. E a esse grupo social familiar, estão unidos, autenticamente, seus companheiros de sodalício acadêmico, cujos membros também pertencem à sua legítima família.

Todos aqui estamos, envolvidos pelas vozes harmoniosas desses louvores que tecemos a Aristophano Antony, no ensejo do lançamento de seu livro "Sombras e Reflexos", que surge agora, dentre outros que estão inéditos.

Será estranho que eu vá dizer aos seus familiares aqui presentes, cousas da vida do grande morto, a respeito de seu talento, de sua cultura, de seu valor como escritor e pensador, que todos sabem.

O que devo assinalar, preliminarmente, é a surpreendente unidade de pensamento, dentro dos mais variados temas que são abordados, em tudo quanto escreveu em "Sombras e Reflexos". As raízes de seu

[1] Transcrito da *Revista* nº 13 (dezembro de 1968).
[2] André Araújo foi Presidente da AAL.

pensamento, de sua dialética, de sua política, de seu espírito de escritor, de jornalista, são a verticalidade rigorosa e as vozes generosas do que lhe sai da pena, luzes e belezas de uma consciência bem formada, de um homem ao serviço da verdade e do bem. Muitas vezes mal compreendido, ironizado pelos que queriam torcer o vulcão de luzes que irrompia daquele pensamento que servia à verdade, a bondade, à piedade, ao amor por muita gente que lhe feria depois.

Mas, em tudo, a pena do escritor, principalmente do jornalista, mesmo ajudando e servindo, aqui e ali, – lançava a dialética luminosa da estrutura do espírito bom, ao serviço da verdade que irradiava sempre do coração de Aristophano Antony.

Esse universo de suavidade e de delicadezas, de inteligência, de habilidade com que o morto escrevia, pensava, e em que vivia serena, suave e vigorosamente, era tocada por um cunho de alta beleza e fidalguia, algumas vezes liricamente vivido.

Dentro disso, entretanto, Aristophano Antony foi um homem de vontade, um realizador. Sempre soube imprimir às cousas que viviam perto do coração uma transcendência de bondade. Aí estão o equilíbrio do Rio Negro, a ação na Associação Amazonense de Imprensa, e na própria Academia Amazonense de Letras.

Jornalista consagrado, habilíssimo, tinha comando espiritual da imprensa desta terra, onde sempre qualquer assunto que se relacionasse com a nobre e vibrante classe da imprensa, ele sabia, – e sabiamente, – resolver tudo, habilmente, com serena intrepidez, sérios escrúpulos, e, sobretudo, alta compreensão intelectual.

Hoje, coube a mim a honra de, em nome da Academia, lançar seu livra de ouro "Sombras e Reflexos", o primeiro de uma série inédita que está nas mãos de sua Exma. Companheira.

Os trintas artigos, estudos e ensaios que constituem o volume, passaram despercebidos, porque foram lançados como rápidos pedaços de luz, jatos de iluminação, emitidos do centro estrelar, potente e forte, que foi seu cérebro de pensador.

Não pretendemos relembrar a vida de um homem que todos ainda conhecem: herói da grande guerra, quando resistiu tranqüilamente, a injustiça de 184 dias de prisão. Queremos dar um sentido da autenticidade desse Aristophano Antony que todos nós amamos tanto, aqueles gestos seus próprios; no **aplomb** de sua linhagem, fidalgo, primorosamente vestido, vagaroso, naquele andar cismático, equilibrado; uma consciência aberta aos problemas de seu tempo e da vida humana. Cruzou pelo mundo, dominado por um alto sentido de humanidade, embora parecesse um homem altamente solitário, uma consciência introvertida, com uma grande vida pensamental.

Viveu modestamente. Morreu pobre e trabalhou tanto na mais rude da oficinas, a do jornalismo, escrevendo diariamente, os seus 400 artigos maravilhosos, sem esmorecer; opinando, colaborando, dando uma visão segura, sem covardia, pacientemente, generosamente, do tempo, dos homens e das coisas da vida.

Seu espírito está aqui presente, nesta festa em seu louvor, festa que é pálida homenagem que a Academia Amazonense de Letras presta a um dos homens mais brilhantes do jornalismo brasileiro.

Desde os dias subseqüentes a sua morte que ficamos com essa saudade desesperada do velho companheiro, de sua cultura, de seu espírito, de sua amizade, porque ele,

verdadeiramente, amava-nos a todos e à nossa Academia, onde tanto deixou cair as irradiações de sua inteligência, de seu verbo, de sua pena. Impressionantemente, legou-nos um vazio, mas abriu-nos uma estrada, deu seu testemunho de escritor oportuníssimo, escrevendo, em bom português, lindas cousas, leves e graves para nós, para a Pátria e para o amanhã. Sua memória, é ainda, uma das colunas tradicionais de inteligência da hinterlândia, como o são as de Benjamim Lima, Araújo Lima, Adriano Jorge, Péricles Moraes, Heliodoro Balbi, Sá Peixoto e Huascar de Figueiredo.

Neste livro, seguro e magnífico, poder-se-á considerar que aí estão as bases de uma maiêutica aristofaniana, para a cultura, para o jornalismo.

Este livro é um livro de alta sabedoria, claro, lógico, ungido de uma forte dose de alto sofrimento de um homem que passou pela terra como um mártir e um exemplo de cidadão. Sua pobreza foi um atestado disso.

"SOMBRAS E REFLEXOS" são mananciais que fotografam a polifonia desse místico de sofrimento, de uma inteligência polimática. Neste livro estão críticas, humorismo, recordações de uma vida que, na sua aparente tranqüilidade, ardeu nas chamas das competições culturais, retratando um puro classissismo, como naquele estudo sobre o "Gênio de Weimar", onde com certa profundeza analisa a universidade da sabedoria de Geothe e onde também fere, com alto vigor de análise, o romancismo de Thomas Mann.

Tem-se a verdade, com este livro, do valor, do talento e da admirável cultura de Aristophano Antony. A arte, a beleza, a poesia, a bondade, o humanismo, tudo é repassado com elegância, com sensibilidade de estilo, com finura, equilíbrio vernacular.

O livro é o meridiano de um tempo, de uma cultura, um documento precioso. Isso mesmo, identicamente, podia ter sido feito por todos os que já passaram pela Academia, e não tentaram reunir crônicas, artigos, estudos, discursos, conferências, páginas iluminadas; confrades que, displicentemente, não ligaram ou não quiseram marcar concretamente, com um livro, como fez agora Aristophano, embora estivessem à altura do sentido espiritual da Academia; não deveriam deixar incorrer em algumas censuras maliciosas, expressas pela vaidade infantil dos que nos ferem, afirmação que, na Academia, poucos são os que escrevem.

Aristophano Antony dá, neste momento, um atestado eloqüente, por alguns daqueles que não tiveram desse mesmo tempo para fazer um livro, coletando preciosos trabalhos que produziram.

Heliodoro Balbi, Adriano Jorge, José Chevalier, Genésio Cavalcante, Mitrídates Corrêa, Carlos Chauvin, e uns outros que, na simplicidade da vida que levavam, não se permitiram essa gloriosa vaidade que estravasa em livros tudo que pensaram e escreveram nos jornais, nas revistas, e dissera em discursos eloqüentes, em conferencias magníficas, em folhetos, em plaquetas.

Esse tipo de viver fazendo admirável cultura, pontificando nas letras, nas tribunas, nas colunas dos jornais, nas páginas das revistas, era uma espécie de marca dos tempos imprevidentes que passaram, ricos em boêmia, conversadores admiráveis,personagens que, por onde passavam, iam deixando o estrelário das palestras luminosas, das atitudes varonis, da independência de pensar, de viver na pobreza

franciscana da vida desses homens de letras do passado.

Esses homens marcaram a época que viveram. Eram políticos desassombrados, dignos, honesto, leais. Andarilhos dos infinitos espirituais, eis alguns: Adriano Jorge, Araújo Filho, Heliodoro Balbi, Jorge de Moraes, Virgílio Barbosa, Huascar de Figueiredo, Achiles Beviláqua, Jorge Carvalhal, Mithrídates Corrêa, Castro Monte...

Esse, o significado, o denominador para certa gente maldizente, na faina de negar valores aos homens que, verdadeiramente construíram, com outros tantos, a cultura literária desta terra maravilhosa, num antigamente próximo.

Leia-se este livro, para se sentir a riqueza da erudição de seu autor, especialmente a erudição literária com Anatole France, Saint-Beuve, Taine, Antonio Torres, Camilo, Carlos Laet, Machado de Assis, Proust, Balsac, Claudel, Gide, Raimundo, Valery, Elmond Rostand. Não pára aí a fila dessa gente muito boa, para formação da grande cultura de seu autor. Em todos os campos literários. Na amazonologia, a torrente se avoluma, com análise profunda de Peregrino Junior, Euclides, Ladislau, Alberto Rangel, Ferreira de Castro, José Veríssimo, Cruls , Humboldt, Hart, Wallace, Martius, Araújo Lima, Santana Nery, Torquato Tapajós.

Os clássicos ressaltam no ímpeto escachoante das idéias, dos temas, dos ensaios, dos assuntos; ei-los: Schiller, Goethe, Jaques Maritain, Chesterton, Wells, Emil Ritter, Flaubert, Molière.

Tudo, e só falo daqueles que foram os mais íntimos do espírito de Aristophano Antony, como esse encantador Genesino Braga.

Agora, paremos todos aqui, porque o cavalheiro andante que nos fez hoje escudeiros de seu iluminado ideal, juncou esta encruzilhada com irradiante espírito, neste solar, onde ele está eternamente dominando.

Ele está aqui presente. Atendeu a este chamado espiritual, a esta convocação íntima a que prometeu comparecer em vida e receber de nossas mãos, a glória desse dia eterno, para nós seus irmãos nas letras, agrilhoados ainda na voragem desse mundo injusto e cruel.

Deixou-nos ele agora, como seus irmãos, ligados a viuvez dessa magnífica dona Edail Antony, sua companheira nos cárceres da injustiça social que lhe fizeram os homens, nas angústias do mundo cruel, com os desesperos desses tempos.

Transfigurados todos nessa amargura e com as belezas desse livro que a Academia Amazonense de Letras lança, neste ambiente da Associação da Imprensa, Aristophano Antony jamais será um cadáver sepultado, para ser, no meridiano deste momento, em diante, um espírito de luz glorificado pela saudade de todos os homens de pensamento desta terra amazônica.

Discurso de Posse[1]

Jauary Marinho

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Assim como o sol ilumina a terra, a lua embeleza a noite com a sua claridade romântica, a Academia Amazonense de Letras aprimora os valores culturais e intelectuais da nossa Amazônia, estimulando as inteligências jovens, espargindo luzes nas várias e diversas direções da intelectualidade.

Ingressando hoje, neste ambiente iluminado pelas inteligências dos ilustres e cultos acadêmicos que compõem este Silogeu, pelas autoridades presentes e pelos convidados que abrilhantem esta reunião, para tomar posse na poltrona nº 13 – Estelita Tapajós -, eleito por unanimidade dos membros desta Academia, sinto-me orgulhoso e pleno de satisfação, embora diminuto para a grandiosidade que representa esta cerimônia festiva.

Honra-me sobremaneira, nestas condições, comparecer a esta sessão para fazer parte deste Centro de Cultura, onde pontificaram inteligências fulgurantes de Adriano Augusto de Araújo Jorge, Péricles de Moraes, João Leda, André Araújo, Aristophano Antony, Leopoldo Peres, Huáscar de Figueiredo e outros luminares das ciências e das letras, e onde hoje se destacam com brilhantismo as figuras dos acadêmicos Oyama César Ituassú da Silva – a presidir com sabedoria e dignidade –, Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, João Chrysostomo de Oliveira, Robério dos Santos Pereira Braga, Manoel Bastos Lira, Mário Ypiranga Monteiro, José Jefferson Carpinteiro Peres, Paulo Pinto Nery, Anthisthenes Pinto, José dos Santos Pereira Braga, Arlindo Porto e outros tantos que dão realce a este Colégio Superior, pelas suas culturas e inteligências.

Assim, assumo a Poltrona nº 13, fundada em 1918, sob o patrocínio de Escragnolle Taunnay, alterada para o nome do notável jurista Tobias Barreto, e quando da reforma do Estatuto deste Sodalício, sob a presidência do ilustre acadêmico Djalma Batista, recebeu a designação de Estelita Tapajós.

Estelita Tapajós

Patrono da cadeira nº 13, Dr. Estelita Tapajós, era amazonense, filho de Francisco Antônio Tapajós, de nacionalidade portuguesa, que teve grande realce no tempo da Cabanagem, chegando a ser denominado de "Herói de Tapajós".

Três dos seus filhos destacaram-se nos estudos como Manoel Tapajós, engenheiro, Torquato Tapajós, engenheiro e sanitarista, autor do projeto da estrada Manaus-Itaquatiara; e Estelita Tapajós, médico psiquiatra.

[1] Discurso de posse pronunciado a 14.10.94 na AAL, sob a presidência de Oyama Ituassu, com recepção de Newton Sabbá Guimarães.

Estelita Tapajós nasceu a 5 de janeiro de 1860. Fez seus primeiros estudos em Manaus e em Belém, depois Rio de Janeiro, onde recebeu o diploma de médico pela Academia de Medicina, indo atuar, com proficiência, no Hospital de Alienados D. Pedro II.

Pelos seus méritos, recebeu bolsa de estudos da Assembléia Provincial do Amazonas, para fazer seus estudos especializados na Corte e na Europa.

Defendeu tese sobre psiquiatria , recebendo grau de Doutor, assumindo a direção da Casa de Saúde Dr. Eiras, indo, depois, especializar-se na Europa.

Ao retornar da Europa, fixou-se em São Paulo e na região de Sorocabana veio a falecer no dia 3 de dezembro de 1902.

Por seus conhecimentos e estudos aprimorados, tornou-se orgulho de nossa pátria à vista das suas produções, especialmente no terreno da biologia. Sua tese de concurso na Faculdade de Medicina "Psycho-physiologia da Percepção e das Representações", teve repercussão nacional. Suas obras "Ensaios de Philosophia e Sciência" (S. Paulo 1898), além de "Cormubiose Orgânica"e "Biologie Synthetique", demonstraram a sua capacidade e formação científica e filosófica.

Estelita Tapajós, segundo os dizeres de Manoel Anísio Jobim foi,

> *"talvez o mais alto representante da filosofia que seu Estado produziu. Filiou-se ao monismo evolucionista, de que foram grandes propagadores Tobias Barreto e Sílvio Romero. O filósofo amazonense abraçou, com Fausto Cardoso, o haekelismo sociológico. Foi sob este critério filosófico que empreendeu sínteses sobre a condição social da mulher, sobre a criminologia e respeito da evolução da espécie humana".*

O cientista Dr. Estelita Tapajós, no meio da ciência e da intelectualidade, figurou "como um dos nossos próprios homens mais ilustres".

A cadeira de nº 13 – Dr. Estelita Tapajós – foi inaugurada pelo eminente homem público Desembargador *GASPAR ANTÔNIO VIEIRA GUIMARÃES.*

Gaspar Guimarães, pernambucano de nascimento, veio para Manaus no ano de 1892, em companhia dos Drs. Samuel Mac-Dowell e Albuquerque Maranhão. Fazia parte de companhias talentosas e inteligentes como Araújo Filho, Thaumaturgo Vaz e de Henrique Álvares Pereira.

Foi jornalista em sua terra e aqui no Amazonas, onde brilhou com os seus artigos elegantes e elevados, nos jornais "Jornal do Comércio", do "Amazonas", "Capital"e o "Tempo"!.

Formado pela Faculdade de Direito do Recife, exerceu com brilhantismo os cargos de Promotor, Juiz de Direito, Prefeito de Segurança e Desembargador, quando presidiu, por diversas vezes, o Tribunal. Foi professor de Direito Internacional e Diretor da nossa Faculdade de Direito.

Produziu diversas obras, não só de ficção, onde deixava transparecer a sua veia literária brilhante, mas também, obras didáticas que demonstravam, à saciedade, a sua cultura jurídico-literária.

Ponto alto de suas atuações no nosso Estado, por sua visão ampla e grande descortínio, foi a fundação da primeira Associação Amazonense de Imprensa.

Aposentado como desembargador, faleceu no dia 23 de junho de 1938, no Rio de Janeiro.

Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro

Sucessor de Gaspar Guimarães, também natural de Pernambuco, formado pela Faculdade de Direito do Recife, veio para Manaus em 1905. Exerceu os cargos de Juiz Municipal, Consultor Jurídico da Penitenciária do Estado, Juiz de Direito em diversas comarcas do interior durante 25 anos. Desembargador e Presidente do tribunal de Justiça. Inteligente, estudioso, apaziguador, mostrando sempre a sua face humanitária de jurista e juiz por vocação.

Ponderado, sutil, brando, mas sempre sem abrir mão de sua autoridade de magistrado, não dispensando o protocolo e os rituais de tradição; sereno e calmo, predicados, no entretanto, que lhe davam em todas as ocasiões a plena energia de comando.

Além de suas sentenças e acórdãos de qualidade superior, produziu diversos trabalhos de vulto no campo do direito, inclusive estudos sobre Tobias Barreto a quem admirava e salientava nas suas produções.

Faleceu nesta cidade no dia 14 de setembro de 1956, já aposentado como Desembargador.

Arthur Cézar Ferreira Reis

Arthur Cezar Ferreira Reis, eleito pela Academia, sucedeu a Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, a quem tenho a honra de substituir, com as minhas maiores e melhores homenagens de ex-aluno e amigo.

Nasceu em Manaus, no dia 8 de janeiro de 1906, filho do jornalista Vicente Reis e de D. Emília Alves Ferreira Reis. Fez seus cursos primário e secundário em Manaus. Formou-se em direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade do Rio de Janeiro em 1927. Foi Redator-chefe do Jornal do Comércio, de propriedade do seu genitor. Iniciou-se no magistério como professor de História do Brasil, no Colégio Dom Bosco, História Universal e Noções de Direito Pátrio na Escola Normal do Amazonas. Em 1934 conquistou por concurso público a cátedra de História do Brasil e da Civilização na Escola Sólon de Lucena. Professor de Economia Política e Ciências das Finanças da Faculdade de Direito do Amazonas e de Direito Público e Internacional.

Exerceu o magistério em diversos estabelecimentos em Belém do Pará.

Eleito governador do Estado do Amazonas, em 1964, pela Assembléia Legislativa, sua gestão caracterizou-se pelo grande incentivo à cultura amazonense, tendo editado mais de 100 obras sobre os mais variados assuntos.

Foi grande historiador e especialmente um amazonólogo por excelência.

Pertenceu a várias instituições culturais do País e do exterior, especialmente, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde recebeu o título de Benemérito pelos grandes e relevantes serviços prestados à instituição.

Compreensível e atuante na educação foi grande e inestimável colaborador da universidade do Amazonas onde recebeu a medalha do Mérito Universitário.

Batalhador incansável pelas causas amazônicas e particularmente no que se referia à pretensa internacionalização da Amazônia, chegando a declarar em uma das suas inúmeras obras:

"Nossa denúncia não se faz contra quem quer que seja, mas a favor do Brasil. Nascemos na Amazônia Brasileira. Teimamos em continuar brasileiros. Não somos xenófobos. Nem por isso, entretanto, estamos dispostos a bater palmas a qualquer projeto que possa conduzir à perda da soberania ou à vinculação de nossa terra, pela ação de cientistas ou homens de negócios, a interesses que não sejam os do Brasil".

("A Amazônia e a Cobiça Internacional").

Dentre as suas muitas obras, vale destacar, pela importância e expressão de sua personalidade as seguintes: "História do Amazonas", "Manaus e outras vilas", "A política de Portugal no vale amazônico", "Lobo D'almada, um Estadista Colonial", "Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira", "O Seringal e o Seringueiro", "Tentativa de Interpretação", "A Amazônia e a cobiça Internacional", "A autonomia do Amazonas", "A Amazônia e a Integridade do Brasil".

No dia 7 de fevereiro de 1993, Arthur Reis faleceu no Rio de Janeiro, assistido por seus filhos, netos e sua dedicada e estimada esposa, D. Graziela da Silva Reis.

Quando do seu falecimento a Tribuna da Imprensa, por seu Diretor Hélio Fernandes, assim se expressou:

"Não é só o Amazonas que perde o seu mais ilustre filho, mas todo o Brasil que fica sem o mais destemido, brilhante e eficiente defensor".

Senhores Acadêmicos

Tomo e aceito a honraria com que me distinguistes, para ocupar a poltrona nº 13 – Dr. Estelita Tapajós – e substituir os grandes e ilustres Membros que a ocuparam anteriormente, como uma demonstração de amizade e em reconhecimento pelos serviços que pude desenvolver a prol da educação superior de nossa terra, notadamente com a implantação definitiva da Universidade do Amazonas.

Não sou nem nunca fui um nostálgico, triste ou pesaroso porque entendo a vida como uma estrada que deve ser percorrida com os seus belos panoramas, suas alegrias e suas dificuldades. E, assim, procuro e tudo tenho feito para lembrar mais intensamente as alegrias e vitórias alcançadas nessa trajetória, recordando os momentos felizes que me proporcionaram e que, somente, em parcelas modestas, pude dar àqueles que confiaram em mim e, recordando todos os momentos de minha vida, para não me antepor ou contrariar o ditado popular de que "recordar é viver". Lembrando, recordando e vivendo, vem-me à memória aqueles que acreditaram no desenvolvimento e progresso do Amazonas e do Brasil, pelos estudos, pela educação superior de sua mocidade.

E aqui, meus senhores, a lembrança recai na pessoa de JOAQUIM EULÁLIO GOMES DA SILVA CHAVES, professor de grandes conhecimentos, combativo, idealizador e fundador da primeira Universidade Brasileira, instalada em Manaus, no dia 17 de janeiro de 1909, denominada de Universidade Livre de Manaus, produto do trabalho árduo de seu incentivador e de uma equipe de intelectuais que para aqui veio com as vistas voltadas para o progresso do Estado e da Região, em razão da época áurea da borracha.

Pela sua tenacidade e a sua vontade férrea, acreditando na Universidade como fonte de saber superior e de desenvolvimento pela educação do

povo, implantou e pôs em funcionamento pleno a Universidade e suas unidades, de onde saíram valores inestimáveis para a cultura do Amazonas e do Brasil.

Tive a satisfação de ser um dos alunos da Faculdade de Farmácia e, dentre muitos ilustres colegas, salientou-se sempre o professor Manoel Bastos Lira, Acadêmico deste sodalício, e que hoje representa uma das maiorias autoridades em bioquímica no País, com projeção internacional.

Infelizmente o seu sonho demorou pouco e as Faculdades foram fechando, dadas a incompreensão e a má vontade de muitos.

A única a perdurar foi a Faculdade de Direito a servir de liame entre aquela e a atual Universidade.

No ano de 1962, fruto do trabalho do saudoso senador Arthur Virgílio Filho, pela elaboração da Lei nº 4.069 A, de 12 de julho do mesmo ano, foi criada a Fundação Universidade do Amazonas que, com excessiva demora, foi instalada oficialmente, no dia 17 de janeiro de 1965.

O primeiro Reitor da nossa Universidade foi o Acadêmico e eminente professor, doutor Aderson Andrade de Menezes, cultor do direito e de elevados conhecimentos jurídicos, porém, por falta de condições para desenvolver o trabalho que lhe era imposto, renunciou às funções, cinco meses depois de empossado.

No dia 11 de junho de 1965, em sessão do Egrégio Conselho Diretor da Fundação fui eleito Reitor da Universidade do Amazonas, tendo assumido essas nobilitantes funções no dia 18 de junho de 1965, em sessão solene na Sala da Congregação da Faculdade de Direito, realizando a obra que nesta hora ofereço, como um justo galardão, à Academia à qual me integro com o pensamento voltado para sua grandeza e honraria.

Aceito o desafio que me era imposto para que, de uma maneira estranha e talvez relembrando o passado, quando criticava a ineficiência, a displicência e a incapacidade dos administradores de outrora, demonstrasse agora que não era eu um simples crítico acomodado em apontar as omissões e a negligência mas, um cidadão capaz de levar a bom termo tarefa tão difícil e desencorajadora. A minha eleição resultou da confiança que em mim depositaram amigos diletos e certos de que não iria decepcioná-los, pelo não cumprimento dos deveres e obrigações lançados sobre os meus ombros.

Desde criança, pelos ensinamentos sábios de meu querido pai, aprendi que os deveres e obrigações cumprem-se, os obstáculos, as dificuldades, os entraves e a má vontade devem ser vencidos, ultrapassados, para que a vitória, o alcance dos objetivos procurados, tenha o sabor especial do dever cumprido.

Sempre cumpri o que me impus fazer, por dever, obrigação ou pela satisfação de não decepcionar aos que acreditavam em mim, no meu trabalho e na minha capacidade realizadora. Encarei a situação, corajosamente, sem esmorecimentos e sempre voltado para o compromisso assumido com a juventude de minha terra, certa de que eu iria encontrar meios e forças para não desapontá-la em momento tão difícil de sua vida estudantil.

Impulsionado por essa força invisível que era a esperança dos jovens que confiavam em mim, no meu trabalho e na minha disposição de tudo fazer a prol do ensino superior que, há muito, lhes era negado, contando com o grande estímulo de minha esposa e de minha filha,

alicerçado pela colaboração de amigos que julgavam ser eu capaz de fazer funcionar plenamente a nossa Universidade, iniciei a tarefa para alcançar os objetivos pretendidos.

Assim, cinco meses após a minha posse na Reitoria, contra todas as expectativas inclusive contra a pecha de incurável loucura, como era denominada a minha iniciativa, no dia 4 de dezembro de 1965, foram instaladas as Faculdades de Medicina, Engenharia, Farmácia e Odontologia, que passaram a funcionar sob minha inteira e integral responsabilidade.

Procedemos dessa forma e não nos arrependemos em qualquer momento, porque tínhamos a confiança que os estudantes nos depositavam.

Entendendo que aqueles que fazem, podem sofrer derrotas mas, também, obtém vitórias compensadoras e aqueles que nada fazem são os derrotados, fiz o que prometi fazer e hoje me alegro pelo resultado do trabalho que tanta inveja causou aos críticos e incapazes.

A Universidade do Amazonas aí está atuante, efetiva, como um dos principais fatores de desenvolvimento da região amazônica, indestrutível, porque formada em bases sólidas, a produzir os seus melhores frutos Brasil afora e para o engrandecimento do nosso Amazonas, com base nos estudos superiores, no saber e na cultura.

Valho-me desta hora mais para registrar a história daqueles momentos difícies e honrosos, do que para promover exaltação.

Reitor, com a grave responsabilidade que me impunha naquele decisivo momento, tinha sempre presente que, quando estudante de direito sofri a infelicidade de assistir ao fechamento das Faculdades de Farmácia, Odontologia e Agronomia. Protestei muitas vezes e em diversas ocasiões contra a displicência, a incúria e omissão dos responsáveis pela coisa pública. Acusava a falta de visão, de compreensão e especialmente a falta de estímulo à mocidade de nossa terra que, em sua minoria, com capacidade financeira, ia estudar, procurar conhecimentos superiores em outras plagas do País, não mais retornando ao Amazonas, num verdadeiro êxodo absurdo de grande e incalculável prejuízo para toda a região amazônica.

Cabia a mim responder a esta exigência do nosso tempo. Procurei fazê-lo.

Recebemos estudantes excedente do Sul, do centro e do Nordeste do País, na forma como entendíamos o funcionamento da Universidade, para o atendimento daqueles que procuravam o ensino superior para o desenvolvimento da região amazônica e do Brasil, porque assim procedendo, a Universidade do Amazonas estava cumprindo uma verdadeira missão de brasilidade. Esse era um problema do Poder Público e para a solução dele a Nação contou com a participação efetiva da nossa Universidade, que deu às congêneres brasileiras de fronteiras fechadas um exemplo vivo de colaboração, que é dever de todos, irmanados pela origem, pelo sangue e pelo idioma.

Embora, meus senhores, as críticas maldosas a mim dirigidas como Reitor da Universidade do Amazonas, por essa tomada de posição e por assim ter entendido que melhor orientava a Universidade para o cumprimento de objetivo de tão alto alcance, bastaria essa medida para que a Universidade do Amazonas estivesse com os louros da vitória.

Isto tudo foi feito sem prejuízos para os estudantes regionais, pois aqueles que se

submeteram ao exame de habilitação e lograram aprovação, tiveram as suas matrículas garantidas. Essa postura por mim tomada representou uma verdadeira e exata compreensão do princípio de integração e unidade nacional.

Não paramos por aí e não diminuiu o nosso entusiasmo para elevar e projetar cada vez mais alto a Universidade do Amazonas.

Promovemos a adaptação de diversas Unidades em prédios diferentes e com a ampliação e novas instalações nas já existentes e, além das sete Faculdades, com mais de vinte cursos, foram criados e postos em atividade cinco Centro de Estudos, dos quais se destacaram o Centro de Estudos Portugueses dirigido com sabedoria e eficiência pelo culto acadêmico João Chrysostomo de Oliveira, e que chegou a receber valiosa colaboração (livros) enviada pela Fundação Gulbenkian de Lisboa, e o Centro de Estudos e Pesquisas Sócio-Econômico (Cepese).

Em relação aos estudos da Área de Saúde, foram construídos um Pavilhão de Anatomia, para aulas práticas; o Instituto de Anatomia e Histologia "Alfredo da Mata", composto de dois prédios de dois andares; o Ambulatório Clínico "Araújo Lima", com dois andares, todo equipado e com modernas instalações, além da criação e instalação do auditório denominado "Dr. Zerbini", em homenagem a esse médico que ilustrou a medicina brasileira.

Continuamos na ampliação do nosso trabalho e efetuamos a desapropriação de um terreno de aproximadamente oito milhões de metros quadrados, com um projeto completo do campus universitário, elaborado pelo engenheiro amazonense Luiz Carlos Vella Antony, visando à formação de parque zôo-botânico, o aproveitamento das matas e igarapés alí existentes, onde também estava prevista a construção de um Biotério completo, com a planta já aprovada e convênio realizado com o Ministério da Educação para o seu total de financiamento, e além das Unidades e Institutos, seria implantada a Escola Superior de Recursos Naturais. Aí, nessa área, iniciamos a construção da Faculdade de Engenharia, no Instituto de Física e no Instituto da Química, cuja pedra fundamental foi lançada pelo Diretor do Ensino Superior, Dr. Edson Franco, representando o Ministro da Educação.

Conseguimos contrariar EPIFÂNIO REGALADO BATISTA, jornalista de projeção e um dos incentivadores da criação da primeira Universidade brasileira, quando repelia as injustiças, incompreensões e politicagem contra EULÁLIO CHAVES: *"Se subires não construas, por que no Amazonas quem constrói se destrói"*. Construímos. Pretenderam destruir-nos, mas, tudo foi em vão. Sofremos as agruras da incompreensão, as vicissitudes, injustiças, as amarguras da inveja, da maledicência, as perseguições arbitrárias, as decepções e as ingratidões, tudo pelo grande e inominável crime de termos construído uma Universidade voltada para os interesses dos estudantes, da cultura superior e do desenvolvimento do nosso Amazonas, mas a tudo conseguimos vencer.

Fizemos o que prometemos fazer e hoje, mais uma vez, alegramo-nos pelo êxito obtido, o melhor pagamento dos nossos esforços. Garanto-vos que com a pertinência que temos e a convicção de que somos possuidores, faríamos tudo de novo. Jamais perdemos a serenidade das almas grandes. A inveja não nos perturba; a calúnia não nos abate; só um propósito sempre nos dominou e nos reconforta: o sagrado cumprimento do dever.

O sucesso dos nossos esforços é a oferenda que fazemos, nesta sessão solene, a esta Augusta Casa da Cultura.

Meus Senhores, Minhas Senhoras

É com esta mesma disposição que aqui me encontro entre vós, para integrar a Academia Amazonense de Letras, a mais elevada casa de saber e cuja a trajetória tenho acompanhado a contemplar o brilho dos sóis que a iluminam. Entre eles, um resplandecerá mais nesta noite de gala, a receber-me com o convite fraterno dos que acolhem com gestos de nobreza: NEWTON SABBÁ GUIMARÃES, misto de poliglota e jurista, professor erudito entre os mais eruditos do nosso tempo, conhecedor dos mundos que percorreu em busca de ver o povo e saber o idioma, conhecer os costumes e aprimorar-se. Vê-lo na terra, e tê-lo aqui como o mestre principal da cerimônia na minha posse é honra que agradeço.

Senhores Acadêmicos

Dou-me no meio de vós e desejo, ardentemente, dar de mim o que em mim couber para engrandecimento do Sodalício. Perdoem quem chega pequeno para agigantar-se pela grandeza de todos vós.

Representando a Academia[1]

Almir Diniz

Senhores:

Venho de longe. Da pátria das águas. Do império da floresta. Trago, comigo, as distâncias fronteiriças do continente verde que o mundo brasílico olvida e a maioria absoluta dos brasileiros desconhece. Venho de um ricão belo e nobre, rico e virgem na sua perenidade rústica, pleno de potencialidade estratégicas. Trago, na minha matula de poeta-andarilho, conforme já me apelidaram, o binômio selva e água que desperta a cobiça do mundo selvagem e que nós, seus detentores, por mercê do construtor do orbe, estranhamente e até irresponsavelmente, teimamos em olvidar.

Perdoem-me os componentes desta fornada de luz, aqui presente alimentada pela forja do pensamento nacional, se me sirvo desta oportunidade em que se celebra o espírito para misturar à ficção e à produção literária, como, um todo, essa porção de matéria, infelizmente necessária à sobrevivência humana. Relevem-me se entorno a minha ânfora de pesar e de amargurar neste recinto sagrado onde sobrenada a aura da imortalidade de um Machado de Assis e onde ainda é, perfeitamente audível o som dos passas de universo do cavaleiro Jorge Amado na sua caminhada rumo à eternidade cósmica, dominando paralelos e meridianos.

No meu bornal de lembranças transporto os depoimentos de Euclides da Cunha e Gonçalves Dias e a ação de Rio Branco e o postulado de Rui Barbosa, todos componentes da Távola do Saber, da Távola do Saber nacional, ensinando, divulgando e defendendo o mundo amazônico brasileiro, constantemente ameaçado pelos déspotas do mundo, ávidos de poder e de arrogância.

O meu farnel compõe-se de esperança. De esperança imorredoura de que um dia a voz dos profetas daquela talhada de pátria, que teima em ser Brasil, seja ouvida. E nesse dia, que espero logo raie, haveremos todos, juntos e coesos, na harmonia da fé, haveremos de saudar a razão, incorporando, de fato, à realidade brasileira, aquele pedaço esquecido de nosso território. Como, também espero, se aclopem à excelsitude da cultura brasileira, os filamentos de luz dos cantores da terra verde, defendida por Arthur Reis e cantada por Ferreira de Castro, que a chamou de "a última virgem" – a última floresta virgem na face da terra. Porque, nobres intelectuais, aqui reunidos, a chamado da União Brasileira de Escritores, neste recinto sagrado da Academia Brasileira de Letras, a verdade é que nós, poetas e prosadores do Amazonas vivemos e continuamos isolados pela distância, condenados pelos editores e distribuidores do

[1] Mensagem encaminhada à UBE na solenidade de 05.10.01, na ABL.

pensamento nacional, em razão dos desígnios da sábia Geografia que nos condenou ao insulamento mas, contrastantemente, nos reservou os trunfos do futuro – a selva e a água – fatias de luxo do deusado da Natureza. Trunfos estes que hão de vir a ser, num instante que se aproxima,– e vem galopante, – o ouro dos tempos porvindouros.

Felizmente, há amazônidas autênticos, que romperam nossas fronteiras físicas, e acompanham e aplaudem a teimosia mental, exposta em prosa e verso, dos escritores, dos historiadores e dos poetas do dito lendário, porem real Amazonas. Misterioso Amazonas e apesar de misterioso, absolutamente transparente para quem deseja vê-lo, na sua majestade telúrica, sobrevivendo pela vontade atávica de gerações, em constante efervescência.

Meus compatrícios:

A decisão da União Brasileira de Escritores de homenagear a Academia Amazonense de Letras (que nesta oportunidade represento) e a dois de seus integrantes; este obscuro operário das letras que vos fala, "poeta esquecido, inteiramente desconhecido no sul", como afirmou, com toda razão, o prof.dr. Newton Sabbá Guimarães, da Universidade Centro-Oeste (Paraná), e o laureado poeta Jorge Tufic, poderá vir a ensejar a abertura de uma pequenina rótula, senão as frestas de diminuta janela por onde fluirão, em forma de livros, o pensamento e o ideário amazônicos e a universalidade da cultura da terra verde.

Senhor Presidente Geraldo de Menezes, ilustres diretores e associados da UBE, demais personalidades das letras, aqui presentes, o Amazonas cultural, regozijado, agradece esta prova de carinho que lhe é conferida.

Colaboradores

Thiago de Melo, Poeta Militante

Almino Affonso[1]

Não sei ao certo quando, levantando seu vôo de garça, Thiago de Melo deixou as barrancas do Amazonas e foi pousar nas areias claras do Rio de Janeiro. Durante um bom tempo, seguramente, quedou-se estampa naquele mundo novo, em tudo diverso da mansuetude dos lagos cravejados no verde da floresta.

Sem muito tardar, porém, tornou-se um nome nacional. O talento que Deus lhe deu, trabalhado sem descanso, rebentou em poesias que o consagraram, festejado como uma revelação que o Norte enviara para abrigar-se aos cuidados de Manoel Bandeira, de Carlos Drumonnd de Andrade, de Otto Maria Carpeux.

Se não me equivoco, de sua obra literária, a primeira que veio a lume foi o "Narciso Cego", enfeixando versos cinzelados, que já se impunham maduros, prontos para a colheita definitiva. Depois, foi a "A Lenda da Rosa", de um lirismo sem par, que eu li há quarenta anos, na "Coleção Rubayat", numa linda edição da "José Olímpio".

Na vida de Thiago de Melo, o poeta e o poema, desde sempre, fundem-se num todo inseparável. Lembro-me da primeira vez que o vi, numa sessão literária do "Clube da Madrugada", em Manaus, a cabeleira vasta, encaracolada, a voz anasalada, declamando seus versos. A reunião a céu aberto na Praça Heliodoro Balbi, parecia repetir os jardins de Epicuro. A ouvi-lo, embevecidos, alguns jovens poetas, dentre os quais Luiz Bacelar, Jorge Tufic e Farias de Carvalho, reconhecidos hoje como expressões das mais altas da literatura amazonense.

Tempos depois, o Golpe de 1964 obrigou-me a deixar o País. Expulso do Uruguai, que se curvara às pressões do Governo militar brasileiro, foi graças à intervenção de Thiago de Melo junto ao Chanceler Gabriel Valdez, que logrei ter um "salvo conduto" chileno, escapando à trama uruguaia e, de passagem, à sanha da polícia Argentina, chegando ao Chile, onde permaneci oito anos distante da minha Terra.

No Aeroporto "Pudahuel", a esperar-me, o poeta Thiago de Melo; e, com ele, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso. Ambos representavam, naquele instante, o abraço fraterno dos companheiros que me haviam antecedido no exílio. Logo à noite, um jantar regado a bom vinho, na residência de Thiago e Anamaria Vergara, justo na estranha casa que Pablo Neruda fizera construir, em três módulos, no sopé do cerro de San Cristóbal.

Desde então, a amizade entre mim e Thiago de Melo ganhou raízes, vinculou-nos para sempre. Pelas suas mãos conheci Salvador Allende, essa figura símbolo do socialismo

[1] Almino Affonso é escritor, advogado e ex-Ministro do Trabalho.

democrático; Pablo Neruda, com a aureola dos deuses cercando-lhe a fronte; Nemésio Antunez, o pintore consagrado, de quem guardo uma gravura de remarcada beleza; Izabel Parra, em sua "Tasca", cantando suas coplas de amor e sofrimento.

A essa época, Thiago de Melo era Adido Cultural do Brasil no Chile. Tanto quanto eu saiba, vivia tão só para os encantos de sua inspiração. A política rondava distante de suas inquietações culturais. Mas o exílio mutiplicando-se às centenas, a prepotência dos militares levando à cadeia milhares de cidadãos, a tortura institucionalizada, de tal modo feriram a alma do poeta que o Narciso Cego iluminou-se e a poesia de Thiago de Melo, em versos de fogo, tornou-se um instrumento de luta em defesa das liberdades púlblicas e dos direitos de cidadania.

Foi admirável vê-lo transfigurar-se. Sem cuidados com o que lhe pudesse advir, Thiago de Melo, numa verdadeira torrente, passou a produzir, a cada dia, poemas de combate indisfarçável ao regime militar, ganhando os espaços da imprensa que ainda os acolhesse. A resposta veio pronta: Thiago de Melo foi demitido de suas altas funções de Adido Cultural, o que o obrigou a retornar ao Brasil. A rigor, a ditadura apenas começava. A ninguém era dado prever, na escuridão daqueles tempos, quando outra vez as claridão se imporia. Contudo, Thiago de Melo, o poeta transmutado em apóstolo, escrevia: "Faz escuro mas eu canto, porque a manhã vai chegar".

Sua obra literária, sem perda de seus acentos líricos, torna-se a expressão da luta política e social que o povo brasileiro travava. Thiago de Melo escancarou a própria alma para sentir em plenitude, para sofrer e arrebentado gritar a revolta dos que ousavam enfrentar a ditadura.

Primeiro, como um marco divisor, veio à luz "Faz escuro mas eu canto". Recolhia os poemas que afloraram quando o poeta fez de sua alma o chão de uma nova sementeira. É ele quem diz, ainda em Santiago do Chile, no inverno de 1964: "Pois aqui está a minha vida. Pronta para ser usada".

Em meio às mensagens da Resistência, os poemas doídos de tanto amar também vinham à tona, como a "Fruta Madura" dedicada a Anamaria Vergara, ela própria companheira e poetisa, cujo encanto se transfigurava na cadência do verso e no ensinamento do amor que se reparte "mas sobretudo acrescenta".

Desse pequeno livro, mas tão marcante na trajetória do Poeta que se vai iluminando como militante na luta do povo, eu guardo um presente incomparável: ao lado de Pablo Neruda e Paulo Alberto Monteiro (que hoje, rebatizado pela literatura como Artur da Távola, honra com o seu talento o Senado da República), quis o Poeta também incluir-me no pórtico das dedicatórias. Coisas de caboclo, generoso como a Terra que nos viu nascer.

Depois foi a seqüência admirável: "A Canção do Amor Armado", com o prefácio de Alceu Amoroso Lima, que vale como uma consagração. Mas, o Poeta não apenas recebe: ele também se dá quando dedica seu livro "em memória de Manuel Raymundo Soares, assassinado em agosto de 1966, pelos inimigos da Liberdade, em nossa Pátria".

Torna-se um andarilho da grande causa. Um de seus livros mais densos, se o encaro pelo vigor de sua mensagem política – "Poesia comprometida com a minha e a tua vida", vai revelando suas andanças. Nem todas, é claro.

Pois na verdade, a partir de um certo momento, já não basta ao Poeta o compromisso de seus versos: ele se entrega de corpo e alma à luta política, tornando-se um revolucionário.

Ainda lhe ouço a voz, inconfudível, a telefonar-me numa de suas passagens clandestinas por Santiago, indo e vindo, sabe Deus por onde. Depois, quando já se avizinhava a tragédia chilena, ainda o relembro, a cabeleira de sempre, o sobretudo azul-marinho quase lhe caindo aos pés, o andar lento, um certo ar de mistério, como se buscasse uma nova alegria no horizonte mais distante.

São tempos que já não voltam. Thiago de Melo, como tantos de nós, guarda a utopia no mais fundo da alma. A garça levantou o vôo certeiro e voltou às suas origens. Deixando a sedução da cidade que lhe abrira as portas do êxito, Thiago de Melo retornou às barrancas de Barreirinha e ali – como "poeta da floresta" – num diálogo feito de silêncios, descobre os "encantos do verde", recriando a natureza num primor de versos, recompondo a Poesia da Amazônia.

Mas não se pense que é fuga. Em cada amanhecer, na transparência da luz mais radiante, tenho certeza que ele renasce para a utopia de uma sociedade onde "o lobo e o ordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora".

Nosso Tempo

Antonio Olinto

Este, que chamo de "nosso tempo", começou há muito mais tempo do que se possa imaginar. Começou com a Reforma e a Contra-Reforma, com a onda, às vezes irreprimível, outras mais serena, de misticismo de que Santa Teresa de Ávila (1515-1585) foi o ápice. O livro de poesia de Max Carphentier, "Teresa de Ávila, o êxtase na muralha", reafirma a preeminência desse tempo, numa bela série de feituras poéticas, reveladoras da força da união entre a inspiração, que assume a carne da palavra, e a impregnação de uma pessoa no misticismo que está sempre subjacente à carne do corpo.

Teresa de Ávila foi santa, havendo sido também poeta, mulher prática, diretora de gente, chefe de um movimento espiritualista que, de forma direta e intensa, recolocou a Igreja no seu lugar.

Veja-se o período em que viveu. Foi no começo do nosso tempo, exatamente quando surgia o Brasil no horizonte longínquo da América do Sul. Foi o tempo em que a Reforma abalou a cadeira de São Pedro. Foi o período em que Santo Inácio de Loyola fundou sua sociedade. Foi quando o rei de Portugal, Dom Sebastião, interrompeu a grande avançada de Portugal no rumo de um possível império mundial.

Em 1565, achava-se Teresa em seu mosteiro de São José. Dá então início ao período em que avança pela "Caminho da perfeição". Passara a usar somente sandálias de lona e corda. Vestia um hábito puro de lã crua. E mudara seu nome: passara a ser Teresa de Jesus. Estava com 50 anos. Recomeçou a escrever. Foi quando procurou formular com clareza a absoluta igualdade entre as monjas. Principalmente igualdade em nada terem.

Escreveu: "Em caso algum possuam as irmãs objetos em particular, nem tenham arcas, caixotes, gavetas ou armários, exceto as que desempenham certos serviços na comunidade; jamais alguma coisa individual, mas tudo seja em comum."

Era a liberação total de apego que pudessem perturbar os pensamentos postos no Senhor. É na figura maior de Santa Teresa de Ávila que Max Carphentier pousou suas palavras e seus ritmos. Nos versos que estende à nossa frente está, inteiro, o espírito do "Muero porque no muero" e o da entrega total ao que está além de nós, mas é nosso. O versos são também, naturalmente, literatura, mas sem as prisões que o simples executar literário obriga. Um bom exemplo da obra de Max Carphentier é o "Salmo de meditação nº 2", "Mais te vemos na luz que somos nós", que diz: "O teu Deus, Teresa, tu o sentiste:/ estava em perfeições pequenas como a flor,/ na claridade cheia de voz da água caminhante,/ na formiga, no vento, no escapulário de estamenha."

[1] Antonio Olinto é crítio literário, membro da Academia Brasileira de Letras.

Assim, sobre textos de Teresa, Max depositou seus verso, numa estranhamente bela realização poética, hoje inserida num século e milênio novos. Vejam-se estes sete versos, que são de Max Carphentier, mas se mostram intimamente ligados ao espírito do "Muero porque no muero" de Teresa: "Os pássaros não confundem sua esperança:/ a de um azul bem maior para além do seu canto,/ Assim também, Senhor, deixai-nos firme a luz/ de que a grande esperança é o encontro convosco,/ além da vida que a gemer vos busca,/ Teresa viveu um dia na esperança de morrer,/ e morria diariamente na alegria dessa espera."

O lingüista inglês Richard Chappel, que vem, há vários anos, fazendo pesquisas relacionadas com o idioma guarani, passando a maior parte de seu tempo viajando por todo o Paraguai, chama a atenção para uma espécie de misticismo natural que existe nas línguas antigas, principalmente na poesia, sendo alguns de seus versos aparentados com a poesia de um místico da Inglaterra, Gerard Manley Hopkins, e com o hinário religioso espanhol. A própria poesia de cada poeta individual, mesmo aparentemente não religiosa, pertence ao plano da inspiração e do êxtase, de uma tentativa de seu autor sair de si mesmo. No caso da poesia de Teresa da Ávila, o nível de sua inspiração chega ao ponto mais alto porque toda a sua vida está inserida na contemplação de uma realidade maior, todo o seu corpo e seu pensamento são partes firmes e integrantes de uma força que nos supera e nos sustenta.

Ler e reler a poesia de Teresa de Ávila pode ser a recuperação necessária de um tempo que, de Teresa até hoje, é o mesmo. A idéia de que este século XXI será místico, vem ligar-nos precisamente ao século em que o Brasil começou a ser inventado. É o século de Teresa, é o século em que Teresa e João Cruz, ambos santos, nos ajudaram romper este "corpo de morte", nas palavras de São Paulo, e a preparar-nos para o entendimento das coisas. "Teresa de Ávila, o êxtase da muralha", de Max Carphentier, é um livro lançado pelas Edições Loyola, que, além de poeticamente belo, torna a chamar a atenção para a tendência mística permanente que nos cerca e que talvez se apresente como das mais legítimas e veementes marcas do homem.

Paulo Jacob[1]

Assis Brasil[2]

O escritor amazonense continua a construir a sua saga da selva, numa perspectiva literária das mais expressivas. Seu romance *Vila Rica das Queimadas*, publicado em 1976, é uma confluência de toda a sua experiência ficcional – a reamostragem do sertão terrível e belo, do caboclo indomado, do índio esquivo, numa dimensão social e humana.

O seu novo enfoque literário, no entanto, é o imigrante sírio, curiosa figura que também deitou sementes e raízes no Novo Mundo. O nordestino, como elemento social catalisador, no paraíso e inferno da selva, já tivera a sua vez no romance anterior, *Chãos de Maiconã*, de 1974, quando Paulo Jacob prossegue no seu trabalho de estilizar linguagem e vida de um povo quase isolado do resto do país.

Cada romance do autor – e a sua obra cresce significativamente – é uma peça da engrenagem multicolorida e sofrida das selva amazônica, com seus mistérios, sua beleza, suas feridas sociais, mostradas cruamente pelo dedo do *acusador*.

Para alguns, os romances de Paulo Jacob não passam de um intrincado cipoal lingüístico, exagerado na sua estilização da fala regional, exorbitando os achados de expressão, os neologismos, como já o fizera tão sabiamente João Guimarães Rosa. Mas uma pergunta se impõe de imediato: seria possível mostrar o mundo amazônico, febril e luxuriante, miserável e belo – um amálgama étnico fantástico – de maneira simples, linear, objetiva? Não, não seria possível.

O próprio mundo retratado exigiria uma forma literária, artística incomum, também mágica e por vezes extravagante. Pois o estilo de Paulo Jacob é às vezes extravagante, estranho – quase um dialeto próprio – mas a soma, o resultado da narrativa, deixa o leitor aturdido e satisfeito, com a sua também aventura de poder ler e sentir o romancista amazonense.

Vila Rica das Queimadas, até aqui, é o romance onde o ator fez melhor uso de seus recursos estilísticos, juntando ao coloquial da região, as expressões deturpadas do estrangeiro, numa mistura tão intrincada e colorida como a selva que o personagem Jamil desafia com o seu pequeno negócio. Antes, Paulo Jacob fizera coisa parecida no romance *Dos Ditos Passados nos Acercados do Cassianã* (1969), quando a fala do nordestino é amalgamada, com os localismos amazônicos.

Em *Vila Rica das Queimadas* é o árabe e seu filho, que formam o pólo irradiador da linguagem, e o caboclo e o estrangeiro acabam por se identificar, num mundo de contrastes, através da língua, que é o meio condutor, o meio eficaz da comunicação.

[1] Paulo Herban Maciel Jacob ocupava a Cadeira nº 7 da AAL. Faleceu em 09.04.03

[2] Crítico literário e romancista. O artigo acima é verbete de sua obra *O Livro de Ouro da Literatura Brasileira* (Ediouro, 1980).

O romance é narrado pelo filho do árabe Jamil. A família dele vai ao Amazonas em viagem de terceira classe, "no pior de sustento". Vai morar em casa coletiva. Jamil começa então a percorrer as ruas, com a sua *vitrina* sortida nas costas, batendo o seu *teque-teque* para chamar a atenção. O árabe progride e um dia, ajudado pelo patrício Abdala, toma posse de um regatão, o pequeno barco que vara o rio Solimões, beirando as pequenas vilas.

O regatão é uma espécie de correio, levando médico, farmacêutico, quitandeiro – é a alma e a esperança dos que vivem à beira rio:

"Regatão subindo, descendo rio, vasquejando furo, paraná, lago, igarapé. Sírio, libanês, levando o de comer ao pessoal, alojados de chãos. Nordestinos sofridos alargando centros, entrás de terras da seringa. Morrendo, findando nos doenceiros, tomando de conta da mata. Daí crescendo gente. Uns nas pobrezas, outros com alguns possuímes. Assim se dava o investido nas terras, chegante às cabeceiras de rio."

O velho sírio pegou as mazelas do rio: sezão, bexiga, e também pegava todas as cinhantãs da redondeza. O Filho Nagib o foi imitando, no comércio e nas conquistas, e quando o velho Jamil morreu, de tanto trabalho, para fincar na terra as suas raízes, o filho assumiu o rio e as mulheres.

As viagens do regatão, pelo "marzão do rio", dão a Paulo Jacob a oportunidade de mostrar as paisagens amazônicas, com o seu estilo peculiar, um misto de balada e roncar de cachoeiras – "O riozão desfraldado na frente".

A narrativa ainda levanta o rico folclore da terra ribeirinha, com suas assombrações e botos encantados, assumindo o clima poético um papel preponderante. Clima este que também perpassa pelo seu romance seguinte, *Estirão de Mundo* (1979), que o romancista Per Johns, empolgado com a sua linguagem, destaca:

"Estirão de Mundo é um livro rico na medida mesma em que é intraduzível. Merece ser lido porque transforma vivências especificas em literatura da mais alta qualidade. A sua compreensão é uma compreensão de sentimentos e emoções que se aglutinam sobretudo na empatia."

Paulo Jacob publicou outros romances com o mesmo rigor estilístico e a mesma abertura inventiva.

Noticiário Acadêmico

Noticiário Acadêmico

De julho de 2002 a junho de 2003

Falecimento de Samuel Benchimol

Na manhã de 05 de julho, falece o Acadêmico Samuel Benchimol, que havia pouco tomara posse na Cadeira nº 11, com saudação feita por Thiago de Mello. O renomado amazonólogo deixa vasta obra, em que despontam: *Romanceiro da Batalha da Borracha (1929), Amazônia: Formação Social e Cultural (1998), Eretz Amazônia: Os Judeus na Amazônia (1998), Zênite Ecológico e Nadir Econômico- Social (2001).* Era professor e empresário (jul.02).

Dicionário Biográfico

É lançado na AAL, às 19 horas do dia 19.07, o livro *Acadêmicos – Imortais do Amazonas (Dicionário Biográfico)*, de autoria do Acadêmico de Almir Diniz (jul.02).

Mostra Literária do Amazonas

Sob o patrocínio da Fundação Rede Amazônica e do Serviço Social do Comércio, realiza-se, de 22 a 28 de julho a lª Mostra Literária do Amazonas. O evento reúne, entre outros escritores, os Acadêmicos Almir Diniz, Bernardo Cabral, Mário Ypiranga, Max Carphentier, Moacir Andrade, Robério Braga e Tenório Telles (jul.02)

Prêmio Nacional Literário

A Sociedade de Cultura Latina do Brasil e a Casa do Poeta do Brasil outorgam o Prêmio Nacional Literário *Benedito Rodrigues Nascimento* ao Acadêmico Almir Diniz, pelos livros inéditos *O Império das Águas* (poesia mista, primeiro lugar) e *Corações em Chamas* (poesia neoclássica, segundo lugar) (jul.02).

Homenagem a Benchimol

O Centro Universitário Luterano de Manaus presta homenagem ao saudoso Acadêmico com o evento "Breve Apresentação em Memória de Samuel Benchimol", durante a cerimônia de abertura da 1ª Feira do Livro de Manaus-CEULM/ULBRA. O Acadêmico-Presidente Max Carphentier palestrou sobre a vida e a obra de Benchimol (ago.02).

Comitiva Acadêmica

A Associação dos Poetas de Itacoatiara promove na Velha Serpa seminário cultural a que comparecem os Acadêmicos Francisco Gomes da Silva (representando o presidente da AAL), Almir Diniz , o artista plástico Anísio Mello e Roberto Mendonça (Vice-Presidente do IGHA) (ago.02).

Homenagem a Genesino Braga

O Governo do Amazonas, através da Secretaria da Cultura, homenageia a memória do Acadêmico Genesino Braga, inaugurando uma biblioteca com o seu nome lno Shopping Grande Circular (ago.02).

Duas Culturas, dois Exemplos

O escritor Gaitano Antonaccio lança o ensaio biobibliográfico *João Crhysostomo de Oliveira e João Nogueira da Mata, Duas Culturas, Dois Exemplos,* em cerimônia no Atlético Rio Negro Clube que contou com as presenças dos ilustres Acadêmicos homenageados(ago.02).

Evocação de Manaus

É lançada nos salões do Ideal Clube, no dia 25.09, a segunda edição do livro *Evocação de Manaus- Como a Vi ou Sonhei* (Ediora Valer-Manaus), do Acadêmico Jefferson Peres. O Acadêmico Robério Braga discursou, representando o governador do Estado. O Acadêmico-Presidente deu entrevista à TV A Crítica sobre o evento (set.02).

Lamento do Pará

O Conselho Estadual de Cultura do Estado do Pará, na sessão ordinária de 11.09, aprova por unanimidade proposta do Conselheiro Otávio Mendonça para que se registre em Ata o pesar do Colegiado pelo falecimento do Acadêmcio Samuel Benchimol (set.02).

A Palavra em Ação

No dia 30.09, no Studio Cinco, o Acadêmico Bernardo Cabral lança a 2ª edição do seu livro *A Palavra em Ação*, pela Editora Valer. Discursaram os Acadêmicos Max Carphentier e Robério Braga. O Acadêmico Tenório Telles foi elogiado por Cabral pelo trabalho introdutório à obra (set.02)

Centenário de Drummond

No dia 31.10, data de nascimento do poeta, realiza-se na AAL evento comemorativo do Centenário de Nascimento de Carlos Drummond de Andrade, com o lançamento de *O Anjo Cético e o "Sentimento do Mundo"*, do Acadêmico Tenório Telles, e mesa-redonda sobre a poesia de Drummond, com a participação do autor do livro, do Acadêmico Max Carphentier e do professor Zemaria Pinto (out.02)

A Doação de Armando

O Acadêmico Armando de Menezes doa à Biblioteca Pública do Estado aproximadamente 1.200 títulos nas áreas de Geografia, História, Literatura e Direito (out.02)

Visita Rondoniense

A AAL recebe a visita da Acadêmica Eunice Bueno, titular da Academia Rondoniense de Letras, que doa à nosas biblioteca seus livros *Bolívar Marcelino – 10 Anos de Poesia como Arte e Arte e Literatura Volume III,* em colaboração (out.02).

Dia Nacional da Cultura

Os livros *Dos Ditos Passados nos Acercados do Cassianã,* romance de Paulo Jacob, e Nosso Senhor das Águas (O Cristo dos Igapós), novela de Max Carphentier, estão entre as obras que a Secretaria da Cultura lança como parte das comemorações do Dia Nacional da Cultura (nov.02).

Academia na Internet

Começa o acesso da AAL à Internet, através do E-mail acadam@ ig.com.br (nov.02)

Mendonça e os Verrineiros

O Acadêmico João Mendonça de Souza lança no dia 28.11, na AAL, o livro *Sílvio Romero e os Verrineiros*, apresentado ao público pelo Acadêmico Tenório Telles (nov.02)

Condecoração de Bernardo

Em solenidade realizada no Tribunal de Contas do Estado, no dia 09.12, o Acadêmico Bernardo Cabral recebe a Comenda da Ordem do Mérito do Trabalho, no grau de Grande Oficial (dez.02)

A *Revista* e Benchimol

Na sessão de homenagem póstuma a Samuel Benchimol, no dia 12 de dezembro, a Academia lança o nº 24 da *Revista*, que publica o discurso de posse do saudoso Professor. Na programação, discursa o Acadêmico Antonio José Souto Loureiro sobre a vida e a obra do homenageado. A neta de Benchimol Ilana Benzecry agradece em nome da família e são distribuídos exemplares do livro póstumo de Benchimol, *Desenvlvimento Sustentável da Amazônia.*(dez.02)

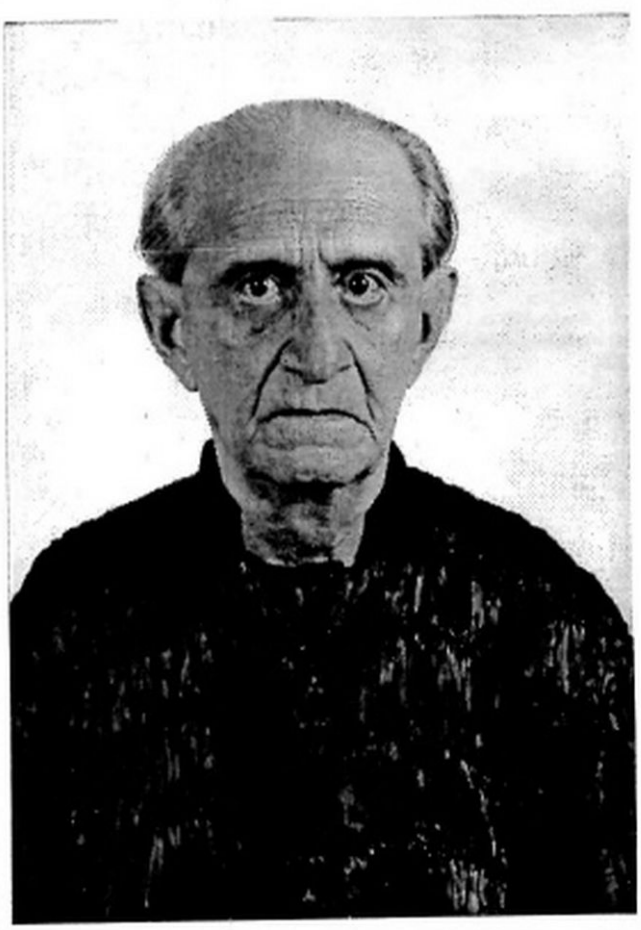
Reconhecimento

O Conselho Permanente da Mulher Executiva concede Certificado de Reconhelcimento aos Acadêmicos Almir Diniz de Carvalho, Carmen Novoa Silva e Max Carphentier, pela participação como membros da Comissão Julgadora do VI Concurso de Literatura, promovido pela entidade (dez.02).

Posse de José Braga

O Acadêmico José Braga, Secretário-Geral da AAL, toma posse no cargo de Vice-Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 11ª Região, em solenidade de grande repercussão social (dez.02).

Luto na Linha do Equador



Falece no dia 1º de fevereiro, às 22:40h, o Acadêmico Gebes de Mello Medeiros, que ocupava a Cadeira nº 25 e era Secretário-Adunto da AAL. O corpo do romancista é velado no Salão Azul Academia. Gebes nasceu a 13.09.15, em Maceió (AL). Advogado,jornalista e teatrólogo. Exerceu importantes cargos públicos no Amazonas, entre os quais: Procurador Geral da Justiça; Secretário de Estado da Justiça; Procurador do DER- AM; Diretor do Teatro Amazonas; Diretor do Departamento Estadual de Propaganda; Diretor do Tratro Amazonense de Amadores; Chefe de Polícia do Estado; Presidente da Imprensa Amazonense de

Turismo. Foi Conselheiro da OAB-AM, Auditor da Polícia Militar, Presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado do Amazonas, membro da União Brasileira de Escritores e da Associação de Escritores do Amazonas. Foi eleito para a AAL em 06.05.94, para ocupar a Cadeira sob patronato de Araújo Lima. Foi recebido, em 13.09.94, pelo Acadêmico Robério Braga, na presidência de Oyama Ituassú. Tem o seu nome o teatro inaugurado pela Secretaria da Cultura em dependência do Ideal Clube, homenagem à sua expressiva e pioneira atividade teatral. Publicou *Linha do Equador e Fim de Mundo sem Fim*, romances regionalistas. Participou de diversas diretorias da AAL(fev.03).

O Mercador de Sonhos

O Acadêmico Almir Diniz lança na AAL seu livro de contos *O Mercador de Sonhos*, edição da SEC/Valer. A Acadêmica Carmen Novoa faz a apresentação ao público (fev.03).

Assembléia Geral

A Assembléia Geral de 07.02 aprova as contas da Diretoria referentes ao exercício de 2002 e o orçamento para 2003, e elege o Acadêmico Elson Farias para substituir Gebes Medeiros na Secretaria-Adjunta da AAL(fev.03).

A Via de Oyama

O Acadêmico Oyama Ituassú edita, pela SEC/Valer, o seu livro *Via Crúcis*, coletânea de poemas e crônicas (fev.03).

Tribuna e Muralha

Sob o título *Nosso Tempo*, o escritor Antonio Olinto, membro da Academia Brasileira de Letras, publica na Tribuna da Imprensa artigo sobre o livro *Teresa de Ávila, o Êxtase da Muralha*, do Acadêmico Max Carphentier (fev.03).

Dia Nacional a Poesia

A Academia comemora, em 14.03, o Dia Nacional da Poesia, com sarau comemorativo que tem a seguinte programação: Palestra do Acadêmico Moacir Andrade sobre Poesia Ecológica; apresentação dos músicos Ville e Filipe e do barítono Josenor Rocha; récita da jornalista Romyne Nóvoa, declamando poetas jovens; autógrafos dos Acadêmicos Almir Diniz (*O Elogio do Caboclo e Andanças Poéticas*) e Oyama Ituassu (*Via Crúcis*) (mar.03).

Festa do IGHA

O Instituto Geográfico e Histórico do Amaonas comemora aniversário de fundação em solenidade na tarde de 25 de março. O Acadêmico Arlindo Porto recebe o título de sócio benemérito e Almir Diniz toma posse como membro efetivo, com saudação do Acadêmico Max Carphentier, Orador Oficial da entidade (mar.03).

Prêmio para Cláudio Chaves

O Amazonas ganha o prêmio de *O Melhor Artigo Científico em Língua Portuguesa* no XXIV Congresso Pan-Americano de Oftalmologia ocorrido no período de 28 a 31 de março de 2003, em San Junta/Porto Rico. O trabalho premiado, "Tracoma nos Indígenas de São Gabriel da Cachoeira"é de autoria do Acadêmico Cláudio Chaves, em parceria com os médicos Jaob Cohen, Ana do Carmo Reis, Rubens e Fernando Belfort (mar.03).

Falecimento de Paulo Jacob

Falece na madrugada de 09.04.03 Acadêmico Paulo Jacob, que ocupava a Cadeira nº 7, cujo Patrono é Maranhão Sobrinho. O Dr. Paulo Herban Maciel Jacob nasceu a 24 de fevereiro de 1921, em Manaus. Foi advogado, juiz municipal em Itapiranga e de direito em Canutama, Manacapuru e Manaus. Atingiu o cargo de Desembargador do TJA em 1964. Foi Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas e, nessa condição, governador interino do Estado. Detentor de vários prêmios e medalhas culturais, entre os quais o Walmap (Prêmio Nacional de Literatura). Sucedeu Álvaro Maia na Cadeira de Maranhão Sobrinho, tendo sido eleito em 13 de dezembro de 1969. Tomou posse em 3 de setembro de 1971, saudado por Jorge Tufic, sob a presidência de Djalma Batista. Publicou, entre outros títulos: *Muralha Verde, 1964; Andirá, 1965; Chuva Branca, 1967; Dos Ditos Passados nos Acercados do Cassianã, 1969; Chão de Maiconã, 1975; Vila Rica das Queimadas, 1976; Estirão do Mundo, 1979; A Noite Cobria o Rio Caminhando, 1983; Dicionário da Língua Popular da Amazônia, 1985 O Gaiola Tirante Rumo ao Rio da Borracha,1987; O Coração da Mata, dos Rios, dos Igapós, Morrendo; Amazonas-Remansos, Rebojos e Banzeiros; Assim Contavam os Velhos Índios Ianomâmis; Um Pedaço de Lua Cheia Caía na Mata,1989.* Sua última publicação foi o romance *Tempos Infinitos.* Deixou dois livros inéditos (abr.03).

Nosso Senhor das Aguas

É lançada em 12.04, na sede da AAL, a 2ª edição de *Nosso Senhor das Águas (O Cristo dos Igapós)*, novela premiada do Acadêmico Max Carphentier, com prefácio do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e comentários de Mansour Challita e Carlos de Araujo Lima. Edição da SEC/ Valer(abr 03)

Imortais na Biblioteca

A Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos escreve à AAL solicitando exemplar do livro *Acadêmicos-Imortais do Amazonas (Dicionário Biográfico)*, de Almir Diniz(abr 03)

Homenagem a Acadêmicos

A Escola Municipal *Professor Roberto Vieira* homenageia a AAL com extensa programação cultural em torno principalmente da obra dos Acadêmicos Almir Diniz e Elson Farias, incluindo apresentações teatrais (abr 03)

Elson Farias no IGHA

O Acadêmico Elson Farias realiza no IGHA palestra sobre a vida e a obra de Álvaro Maia (abr 03)

Centenário de Aristophano Antony

A Academia realiza sessão comemorativa do Centenário de Nascimento do Acadêmico Aristophano Antony, no dia 24 de maio. Durante a solenidade é distribuída a *Seleta do Cetenário*, organizada por Max Carphentier e Flávio Cordeiro Antony, com produções do homenageado, de seus contemporâneos e admiradores. Registra-se a presença de grande número de intelectuais e autoridades do Estado.Almir Diniz é designado para falar em nome da Academia e Flávio Cordeiro Antony Filho discursa em nome da família, que recebe o "portrait"do notável jornalista (bico-de-pena de Marcos de Paula feito para a capa da *Seleta*).

Na fala presidencial e na apresentação da *Seleta*, Max Carphentier destacou: "A celebração do centenário de um homem de virtudes e obras reúne gerações na transcendência [...] Aristophano viveu sabiamente um tríplice devotamento. No jornalismo, sua inteligência se entregava ao esclarecimento das lutas do mundo [...] No seio familiar, seu coração transbordava de seus entes queridos [...] No convívio acadêmico, sua alma de esteta, toda cristã desde a procura da verdade ao consolo da beleza, doava-se no preparo intelectual repassado de bondade, em que o exercício dos talentos se dá dentro da perspectiva divina." (mai.03).

Homenagem a Almino Affonso

O Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas homenageia o político amazonense Almino Affonso, outorgando-lhe o título de Membro Honorário, na solenidade em que Almino realiza a palestra intitulada *Da Senzala à Cidadania*. O Acadêmico Max Carphentier faz o discurso de recepção ao homenageado (mai.03).

Instituto Homenageia Poetas

O Instituto de Educação Denizard Rivail realiza a VII Mostra de Poesia, no dia 30.05, homenageando os poetas Cecíclia Meireles e Max Carphentier. Durante o evento, que teve músicas, painéis e declamações, "O Sermão da Selva", de Max, foi encenado. Os Acadêmicos Elson Farias e Tenório Telles integraram a comissão julgadora que selecionou os melhores poemas dos alunos (mai.03).

Novos Membro da AAL

A Assembléia Geral de 04 de junho elege o poeta e artista plástico Anísio Thaumaturgo Soriano de Mello e o historiador e cineasta Luiz Maximino de Miranda Correa Neto para ocuparem, respectivamente, a Cadeira nº 3 e a 37. O assunto é objeto de reportagem do jornal A Crítica de 11.06, que publica aspectos relevantes da vida dos escritores.(jun.3).

edelbra

Impressão e acabamento:
E-mail: edelbra@edelbra.com.br
Fone/Fax: (54) 321-1744

CULTURA

Cultura para todos

Festival de opções culturais *para você*

Todos os espaços culturais do Estado reabriram e estão a sua espera, oferecendo espetáculos de música, dança, teatro, exposições, banco de textos, cinema e muito mais. Confira de perto estas atrações!

Entrada franca

Espaços Culturais

Centro Cultural Palácio Rio Negro
Domingo, a partir das 17h

Casa Ivete Ibiapina Casa da Música
Domingo, a partir das 17h

Casa J. G. Araújo
Segunda a Sexta - 8h às 17h Domingo - 18h

Casa da Cultura Biblioteca Escolar
Segunda a Sexta - 8h às 17h

Casa Emídio Vaz d'Oliveira Biblioteca Infantil
Terça a Sexta - 8h às 12h e 14h às 17h Sábado - 9h às 12h

Centro Cultural Claudio Santoro
Segunda a Sexta - 8h às 12h e 14h às 18h

Usina Chaminé
Terça a Sexta - 10h às 17h
Sábado e Domingo - 17h às 20h

Cine-Teatro Guarany
Terça a Domingo - sessões a partir das 15h

Ercam Espaço de Referência Cultural
Segunda a Sexta - 10h às 17h
Sábado e Domingo - a partir das 17h

Biblioteca Pública
Segunda a Sexta - 8h às 17h

Biblioteca Braille
Segunda a Sexta - 8h às 17h

Biblioteca Genesino Braga
Segunda a Sexta - 9h às 19h

Biblioteca Arthur Reis
Segunda a Sexta - 8h às 17h

Misam Museu da Imagem e do Som
Terça a Sexta - 10h às 17h
Sábado e Domingo - 14h às 18h

Pinacoteca
Terça a Sexta - 10h às 17h
Sábado e Domingo - 14h às 18h

Numismática
Terça a Sexta - 10h às 17h
Sábado e Domingo - 15h às 18h

Museu do Seringal Vila Paraíso
Quarta a Domingo - 8h às 16h

Teatro Amazonas
Segunda a Domingo - 9h às 16h

Teatro da Instalação
Terça a Domingo - 18h

Teatro Gebes Medeiros
Quinta, Sexta e Domingo - 18h

Teatro Luiz Cabral
Quinta, Sexta e Domingo - 18h

Teatro Américo Alvarez
Quinta, Sexta e Domingo - 18h

Teatro Jorge Bonates
Domingo - 18h

CULTURA
Secretaria de Estado

GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM